

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

Ana Paula Nascimento Braz Cardoso Geraldo

JUVENTUDES LGBTQIA+ E RESISTÊNCIAS: uma análise a partir da
metodologia de conversação

Belo Horizonte

2022

Ana Paula Nascimento Braz Cardoso Geraldo

JUVENTUDES LGBTIA+ E RESISTÊNCIAS: uma análise a partir da metodologia
de conversação

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em
Educação e Docência da Faculdade de Educação de Minas
Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de
mestre.

Linha de pesquisa: Educação e Humanidades

Orientador: Prof. Dr. Pedro Teixeira Castilho

Belo Horizonte

2022

G354j
T

Geraldo, Ana Paula Nascimento Braz Cardoso, 1980-
Juventudes LGBTQIA+ e resistências [manuscrito] : uma análise a
partir da metodologia de conversação / Ana Paula Nascimento Braz
Cardoso Geraldo. - Belo Horizonte, 2022.
172 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação.

Orientador: Pedro Teixeira Castilho.

Bibliografia: f. 155-160.

Anexos: f. 167-172.

Apêndices: f. 161-166.

1. Educação -- Teses. 2. Minorias sexuais -- Teses. 3. Direitos dos
homossexuais -- Teses. 4. Homossexualidade -- Teses.
5. Transexualidade -- Teses. 6. Lesbianismo -- Teses. 7. Discriminação
de sexo -- Teses. 8. Igualdade -- Teses. 9. Juventude -- Teses.

I. Título. II. Castilho, Pedro Teixeira. III. Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 306.76

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



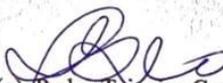
FOLHA DE APROVAÇÃO

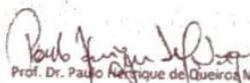
Juventudes LGBTQIA+ E RESISTÊNCIAS: Uma análise a partir da metodologia da Conversação

ANA PAULA NASCIMENTO BRAZ CARDOSO GERALDO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, área de concentração ENSINO E APRENDIZAGEM.

Aprovada em 22 de fevereiro de 2022, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Pedro Teixeira Castilho
Orientador UFMG
Deplo. Ciências Aplicadas à Educação
Decae/FaE/UFG


Prof. Dr. Paulo Henrique de Queiroz Nogueira
Prof. Paulo Henrique de Q. Nogueira
Deplo. Ciências Aplicadas à Educação
Decae/FaE/UFG

Prof(a). Paulo Henrique de Queiroz
Nogueira UFMG


Prof(a). Marcelo Ricardo
Pereira UFMG

Belo Horizonte, 22 de fevereiro de 2022.

Dedico este trabalho aos jovens LGBTQIA+ que aceitaram participar da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, pois vocês estão entrelaçados nesta trajetória e neste resultado.

Ao meu companheiro Moisés Ferreira Geraldo. Pensa num cara fantástico! Pensou? Ele se chama Moisés. Você é o cara.

Ao Igor Monteiro e Neilton dos Reis, vocês trouxeram luz quando a escuridão tentou reinar.

Aos queridos Ana Lúcia Neves Pimenta Malane e Erinilton Gomes Soares, tão atenciosos e estudiosos da língua portuguesa.

Ao Centro de Luta Pela Livre Orientação Sexual – CELLOS/MG. Bruno Alves Chaves, Azilton Ferreira Viana, João Martins, Luciano Taranto, Álvaro Boechat, Luiz Guilherme e Cleiton Lopes. Obrigada pela acolhida.

Ao professor Pedro Castilho, pela oportunidade, aprendizado, troca e principalmente por me ensinar que não existem barreiras quando se trata de conhecimento.

Às professoras dos anos iniciais Estela e Wagna, Fernanda Arruda Tavares e Beth Haas do ensino fundamental e médio e às professoras Fabrícia Cristina de Castro Maciel, Alexia Dutra Balona Passos, Daniela Mateus de Vasconcelos e ao professor Paulo Henrique de Queiroz Nogueira do curso superior.

Aos Serviços e experiências adquiridas com as pessoas com que trabalhei no decorrer do mestrado, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) no município de Confins/MG, Serviço de Proteção em Situações de Calamidades Públicas e de Emergências e Hospital Evangélico, ambas no município de Belo Horizonte.

A todos os integrantes do programa de Ações Afirmativas da FAE/UFMG que por meio do projeto Afirmação na Pós (turma 2018) ofereceu um curso preparatório para o ingresso no mestrado, bem como uma vasta base teórica para ampliação da minha consciência política e social. Agradeço, em especial, a Lorena Andrade Costa.

A Patrícia Aparecida Monteiro da Silva (in memoriam) pela gentileza, acolhimento e experiências compartilhadas durante o nosso percurso na Afirmação na Pós e ao longo das nossas aulas de Seminário no decorrer do mestrado.

Aos professores Marcelo Ricardo Pereira e Paulo Henrique de Queiroz Nogueira, pela leitura dedicada do Projeto de Qualificação e pelas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa. Estendo aos professores/as do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação e Pós-graduação em Antropologia e aos trabalhadores dos programas pela competência, zelo e presteza de sempre.

A todos os integrantes da Comissão de Direitos Humanos do Conselho Regional de Serviço Social – CRESS/MG, em especial, Aline Vicente Jubim da Silva, Bruno Alves Chaves, Daniella Lopes Coelho, Elton Santa Brígida, Leonardo Koury Martins, Talita Freire Moreira Anacleto e Mauri de Carvalho Braga. Obrigada pelos aprendizados em tempos tão difíceis.

A todos os integrantes do grupo de mestrandos e doutorandos do Quilombo Epistemológico da Universidade Federal de Minas Gerais.

A todos os integrantes do grupo de mestrandos Profs Revolucionárixs da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

A todos os integrantes do grupo de orientação coletiva coordenado pelo Professor Pedro Castilho, em especial, Matheus Felipe Santos, Maísa Moura Chaves de Oliveira e Carolina Pianetti.

A Alessandro Augusto Rodrigues da Silva, Ana Paula Soares da Silva Gomes, Andréia Cristina Pereira, Gilson Antônio Mathias, Grimberg Dailli Silva, Maria Carolina Stephanie Moreira e Mauro Anderson Baracho. Vocês foram essenciais em cada dia desse percurso. Vocês são estrelas.

Aos queridos Flávio Martins e Lucas Ferreira Geraldo, professores que entendem tudo de computador.

Aos aliados Camila Danielle Dias, Fred Pícoli, Gisele Camilo da Mata, Heloisa Batista dos Santos Modesto, Izabela de Faria Miranda, João Paulo Lisbão Nanô, Maria das Mercês Cunha e Vera Lúcia Alves Sebastião pelas trocas, escutas atentas e diálogos enriquecedores.

Aos meus grandes incentivadores, parceiros, Ana Cristina da Silva, Cristina Aparecida Pimenta dos Santos Ângelo, Ezequiel Pereira Orcine, Lilian Rocha da Silva Barros, Lucinéia Reggiani de Lima Silva, Paloma Luzia Feliciano Barbosa e Renata Fabiane de Souza

A todos/as que de alguma forma contribuíram para a concretização deste trabalho!

RESUMO

A presente pesquisa insere-se no campo da análise sobre a condição das juventudes LGBTQIA+ que frequentam ou participam de ações e eventos na Organização da Sociedade Civil Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual – (CELLOS/MG). O problema de pesquisa girou em torno da seguinte questão: quais são as estratégias voltadas para a resistência utilizadas por jovens LGBTQIA+ que frequentam ou participam de ações e eventos do CELLOS/MG, na faixa etária de 18 a 29 anos, a partir de suas experiências e vivências em diferentes espaços formativos no município de Belo Horizonte. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou a metodologia do tipo de Conversação. No primeiro momento da pesquisa aplicou-se questionário semiestruturado ao grupo dos jovens, cujo objetivo inicial era traçar o perfil sociocultural dos jovens participantes e posteriormente a realização das conversações, fato que não foi concluído, pois a pandemia ocasionada pela Covid-19 entrou em nova fase provocando uma conjuntura sem precedentes, em que pessoas LGBTQIA+ foram afetadas significativamente. No segundo momento da pesquisa, por meio do método do tipo de Conversação, participaram da pesquisa seis jovens que se identificaram com a sigla LGBTQIA+ na perspectiva de englobar outras identidades que não estão incluídas na sigla LGBT. Participaram das conversações: um homem transexual, uma mulher lésbica e quatro homens gays. Ao todo foram sete encontros que aconteceram nos meses de março e abril de 2021, via plataforma do Google Meet. Pelo método do tipo de Conversação obtivemos aprendizados riquíssimos, pois reunir experiências identitárias diversas trouxe especificidades de cada um e ao mesmo tempo foram apresentados desafios que os aproximam e distanciam em suas vivências e resistências como jovens LGBTQIA+ em diversos espaços formativos na cidade de Belo Horizonte. A partir das conversações, pudemos descrever e compreender os desafios e as estratégias de resistências elaboradas pelos jovens LGBTQIA+ diante das manifestações de violências e discriminações a que são submetidas, a partir de suas experiências e percursos de vida.

Palavra-chave: Juventudes LGBTQIA+. Vivências. Resistências. Conversação.

ABSTRACT

The present research falls within the field of analysis on the condition of LGBTQIA+ youth who attend or participate in actions and events at the Civil Society Organization Center for the Struggle for Free Sexual Orientation - (CELLOS/MG). The research problem revolved around the following question: what are the resistance-oriented strategies used by LGBTQIA+ youth who attend or participate in CELLOS/MG actions and events, aged 18-29, from their experiences and experiences in different formative spaces in the municipality of Belo Horizonte. This is a qualitative research that used the Conversation type methodology. In the first moment of the research a semi-structured questionnaire was applied to the group of young people, whose initial goal was to trace the sociocultural profile of the young participants and then to carry out the conversations, a fact that was not concluded, because the pandemic caused by Covid-19 entered a new phase causing an unprecedented conjuncture, whose LGBTQIA+ people were significantly affected. In the second moment of the research, through the Conversation type method, six young people who identified with the acronym LGBTQIA+ from the perspective of encompassing other identities that are not included in the LGBT acronym participated in the research. Participating in the conversations were: one transgender man, one lesbian woman, and four gay men. In all, there were seven meetings that took place in March and April 2021, via the Google Meet platform. Through the Conversation type method we obtained very rich learnings, because bringing together diverse identity experiences brought specificities of each one and at the same time presented challenges that bring them together and distance them in their experiences and resistances as LGBTQIA+ youth in diverse formative spaces in the city of Belo Horizonte. From the conversations, we were able to describe and understand the challenges and resistance strategies elaborated by LGBTQIA+ youth in the face of manifestations of violence and discrimination to which they are subjected, from their experiences and life paths.

Keywords: LGBTQIA+ youth. Experiences. Resistance. Conversation.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 01	Descrição dos participantes da pesquisa.....	76
-----------	--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome da imunodeficiência adquirida
ASSPROM	Associação Profissionalizante do Menor
CELLOS/MG	Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais
CBMMG	Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais
CRESS/MG	Conselho Regional de Serviço Social
FAFICH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
FHEMIG	Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais
CRJ	Centro de Referência da Juventude
FIES	Programa de Financiamento Estudantil do Governo Federal
GGB	Grupo Gay da Bahia
GT	Grupo de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice Desenvolvimento Humano
HEM	Hospital Eduardo de Menezes
LGBT	Lésbica, Gay, Bissexual, Travestis, Transexuais, Transgêneros
LGBTI	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Intersexo
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travesti, Transexual, Transgênero, Queer, Intersexual, Assexual, inclusão de outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero
NUH/UFMG	Núcleo de Direitos Humanos da Universidade Federal de Minas Gerais
OSCs	Organizações da Sociedade Civil
PAEFI	Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos
TJMG	Tribunal de Justiça de Minas Gerais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UPA	Unidade de Pronto Atendimento

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 01	21
1. O CAMPO DE PESQUISA.....	21
1.1. De que maneira cheguei à temática juventudes LGBTQIA+?	21
1.2. Por que juventudes LGBTQIA+?	26
1.3. O que Belo Horizonte traz de particularidade a esse estudo?.....	30
1.4. Quem pode falar sobre determinado tema?	38
CAPÍTULO 2	42
2. A ESCOLHA DO MÉTODO	42
2.1. O método: conversação	43
2.2. Recalculando a rota	47
CAPÍTULO 3	51
3. GÊNERO E SEXUALIDADES	51
3.1. Gênero e sexualidades	51
3.2. E o movimento LGBT no Brasil?.....	57
CAPÍTULO 4	65
4. BREVE HISTÓRIA DO CENTRO DE LUTA PELA LIVRE ORIENTAÇÃO SEXUAL DE MINAS GERAIS – CELLOS/MG	65
4.1. Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual – CELLOS/MG	65
CAPÍTULO 5	71
5. AS CONVERSACIONES	71
5.1. Conversação 1: “Eu fui um adolescente “sigilinho”, sempre no “sigilinho”. (Nkosi)	77
5.2 . Conversação 2: “Os jovens de hoje possuem mais perspectivas de resistirem”. (Nkosi).....	83
5.3 . Conversação 3: “Um lugar que eu não precisava esperar violência, olhares, comentários maliciosos. Eu ia para a sauna para estar no lugar que teria certeza que eu	

podia ficar tranquilo. Fiz isso várias vezes. A sauna foi um lugar que contribuiu com a minha educação, pois podia compreender a minha subjetividade.” (Haben)	88
5.4. Conversação 4: “Fala-se muito de nossas vivências através da dor, mas tem muita coisa boa, eu acredito que o cenário pode e vai melhorar. Não é porque alguém vai chegar e fazer, é porque nós todos estamos fazendo algo para resistir a tudo isso”. (Haben)	96
5.5. Conversação 5: “Parece que precisa estar tatuado na minha testa qual é a minha genitália para elas saberem se devem aproximar ou não de mim”. (Nassor)	104
5.6. Conversação 6: “Queremos conversar sobre o bom de ser gay, de ser LGBT, conversar sobre as nossas experiências positivas e que nos enchem de orgulho”. (Haben)	106
CAPÍTULO 6	115
6. DIÁLOGOS TEÓRICOS COM AS CONVERSAÇÕES	115
6.1. Juventudes LGBT e famílias	115
6.2. Resistência	129
6.3. Lazer e a cidade de Belo Horizonte	138
6.4. Projeto de vida positividade	142
CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERÊNCIAS	155
APÊNDICE A - QUESTÕES DO QUESTIONÁRIO	161
APÊNDICE B - GRÁFICOS DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO	162
ANEXO A - PARECER DO COEP	167

INTRODUÇÃO

A presente dissertação¹ de mestrado busca discutir as estratégias de resistência utilizadas por jovens LGBTQIA+² que frequentam ou participam de ações e eventos do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais - CELLOS/MG, na faixa etária de 18 a 29 anos³, a partir de suas resistências e vivências em diferentes espaços formativos na cidade de Belo Horizonte. O problema de pesquisa gira em torno da seguinte questão: quais são as estratégias voltadas para a resistência utilizadas por jovens LGBTQIA+ que frequentam ou participam de ações e eventos do CELLOS/MG, na faixa etária de 18 a 29 anos, a partir de suas experiências e vivências em diferentes espaços formativos no município de Belo Horizonte?

O tema ganha relevância pelo fato do supracitado segmento social ter em sua trajetória de vida a marca da marginalização enquanto sujeito no mundo. A abordagem sobre o tema parte das minhas experiências como assistente social com as juventudes, pois provocaram em mim inquietações e reflexões, mais notadamente aquelas que traziam em seu bojo as questões relacionadas à violência de gênero e sexualidades. Tais experiências me despertaram um olhar crítico sobre minha trajetória profissional, levando-me a buscar profundidade na compreensão das diferentes condições de vida dos jovens LGBTQIA+.

Diante de uma visão crítica sobre a situação da juventude LGBTQIA+ de Belo Horizonte, assumi o desafio de discutir temas que dialogam entre si, mas que possuem especificidades marcantes nas suas categorias. Trazer, para a mesma cena de debate, as categorias juventudes, orientação sexual, identidades/expressões de gênero e sexualidades é o desafio que proponho. Busco, portanto, abordar a juventude a partir da

¹ O Mestrado Profissional em Educação e Docência exige, além da escrita do texto dissertativo, a elaboração de um recurso educacional, seja material didático, intervenção ou atividade prática, para obtenção do título acadêmico de mestre. É importante destacar que no presente trabalho entendemos como recurso educativo a atividade realizada com os jovens LGBTQIA+ participantes da pesquisa.

² LGBTQIA+: lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, intersexual, assexual, inclusão de outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero. Os jovens participantes da pesquisa se identificaram com a sigla LGBTQIA+, por isso a utilizamos neste trabalho.

³ A população jovem brasileira é compreendida pelo grupo etário de 15 a 29 anos, referendado pelo Estatuto da Juventude, lei 12.852/13. Conforme o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), a juventude é dividida em três momentos: Jovem-adolescente (15 a 17 anos), jovem-jovem (18 a 24 anos), jovem-adulto (25 a 29 anos). Fonte IPEA – 2010.

sua orientação sexual e identidade de gênero, compreendendo que essa abordagem pode contribuir para uma compreensão da condição juvenil nesse contexto.

O Atlas das Juventudes⁴, lançado pela Fundação Getúlio Vargas (2020), mostra-nos que o Brasil possui cerca de 50 milhões de jovens, representando ¼ da população. Conforme o último IBGE-2010⁵, a população jovem (15 a 29 anos) de Belo Horizonte era de 26,7%. Estudos de grupos ligados ao movimento LGBT, como Grupo Gay da Bahia em relatório de 2018, estimam que no Brasil existem por volta de 20 milhões de gays (10% da população), 12 milhões de lésbicas (6%) e 1 milhão de pessoas transexuais (0,5%)⁶. No estudo denominado “Ensaio sobre o perfil da comunidade LGBTI+”, lançado pelo Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual⁷ – IBDSEX – em 2020, nos mostra que 74,1% da população LGBTI+ do Brasil se encontra na faixa etária de 15 a 29 anos. Apesar de percebermos nos últimos anos que a população brasileira vem envelhecendo, ainda encontramos um grande contingente juvenil no Brasil. Podemos então concluir, conforme os números apresentados, que há um significativo percentual juvenil LGBTQIA+ na população brasileira.

As comunidades juvenis LGBTQIA+ em geral trazem experiências de vida marcadas por desafios e violências em função das maneiras como as pessoas reagem a suas orientações sexuais ou identidades/expressões de gênero. Uma juventude LGBTQIA+ que se expressa de forma variada e que na perspectiva adultocêntrica e conservadora não se enquadra nos moldes corretos, gerando para o referido grupo juvenil um quadro de risco de vida que se manifesta na dimensão da saúde, suicídio, expulsão de casa, uso de drogas ilegais, exposição a situações de abusos físico, psicológico e sexual, bem como no risco de vitimização escolar.

Os jovens LGBTQIA+ que se socializam nesses cenários encontram barreiras para seu reconhecimento efetivo como sujeitos de direitos pelas instituições que os cercam. Nessa perspectiva, são vistos como “problema” e causadores de “problema”, fato que acarreta para esses jovens percursos de vida mediados por ações coercitivas por parte dos adultos no que tange às suas perspectivas e decisões.

⁴ Atlas das Juventudes. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/> Acesso em: 14 de dez. de 2021.

⁵ Instituto Brasileiro de Geografia. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/> Acesso em: 14 de dez. de 2021.

⁶ Grupo Gay da Bahia – GGB. Disponível em: <https://tribunahoje.com/wp-content/uploads/2019/01/Popula%C3%A7%C3%A3o-LGBT-morta-no-Brasil-relat%C3%B3rio-GGB-2018.pdf?x69597> Acesso em: 14 de dez. de 2021.

⁷ Grupo Dignidade. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/ibdsex/> Acesso em: 14 de dez. de 2021.

Trazer para cena de debate a juventude LGBTQIA+ da cidade de Belo Horizonte é analisar como a cidade, pensando na sua dimensão simbólica e concreta, impacta diretamente nos percursos de vida dessa população jovem. Belo Horizonte, primeiramente denominada “Curral Del Rey”, foi pensada como capital estadual a partir de um referencial conservador. Baseada nos moldes das cidades europeias, em particular Paris, a população que comporia esse projeto teria um perfil que atendesse o imaginário daqueles “merecedores” de participarem desse “sonho” moderno. Para quem conhece a geografia da cidade, a Avenida do Contorno seria o balizamento entre aqueles merecedores de residirem em um projeto moderno e inovador e, para além dessa fronteira, a população trabalhadora que serviria a esse grupo “privilegiado”. A Avenida do Contorno leva esse nome para enfatizar os contornos sociais que tal cidade nasceu, ou seja, para os “merecedores” a localização interna e para os “não merecedores” sua exterioridade. Quem seriam esses herdeiros desse projeto modernizante chamado de Belo Horizonte? Resposta simples e rápida: homens, brancos/as, heterossexuais, cristãos e de classe média ou alta. Ou seja, o projeto modernizador denominado Belo Horizonte não representou um “belo” horizonte para a maioria da população que aqui chegou para trabalhar/morar e que não atendia a tais marcadores sociais.

O estudo denominado “Mapas das Desigualdades 2021”⁸ mostra a realidade socioeconômica da população de Belo Horizonte e região metropolitana, dando ênfase para raça e gênero. Conforme os indicadores levantados, Belo Horizonte, com os seus 124 anos de história, foi marcada pela desigualdade, oferecendo infraestrutura para espaços centrais e precariedade para a periferia. Remoções de favelas e ocupações, desde a década de 1930, mostram as personagens que são relegadas a segundo plano para que o “novo” chegue. Constatamos que a parte da cidade que apresenta maior Índice de Desenvolvimento Humano – IDH – é a região Centro-Sul (concentrada nos bairros Savassi, Anchieta e Cruzeiro) e as demais regiões para além do Centro possuem IDH inferiores, destacando-se a região do Barreiro e Leste (os mais baixos são os bairros Santa Rita, Jardim do Vale e Vila da Área). Esses dados nos mostram que ainda persiste a desigualdade referendada no limite geográfico da área central e os que extrapolam essa localidade. Belo Horizonte, imaginada e criada em modelos

⁸ Mapa da Desigualdade de Belo Horizonte/RMBH. Disponível em: <https://nossabh.org.br/2021/06/mapa-da-desigualdade-de-belo-horizonte-rmbh/> Acesso em: 14 de dez. de 2021.

conservadores, relegou aos trabalhadores, aos pobres, aos homossexuais, dentre outros grupos marginalizados, um lugar subalternizado dentro do projeto de modernização.

Uma das principais avenidas que corta a área central de Belo Horizonte é a Avenida Afonso Pena. Podemos usá-la como exemplo para mostrar as diferentes perspectivas que uma cidade pode ganhar, reservando aos corpos hierarquias para aqueles que ocupam e usufruem os diferentes espaços. A referida avenida inicia-se na Praça Rui Branco, conhecida na dimensão popular como “Praça da Rodoviária”, um espaço estigmatizado por aglutinar em seu entorno estações de ônibus da região metropolitana, lojas e shopping populares, além de uma zona boêmia. Essa região concentra pessoas em situação de rua, pequenos furtos, tráfico e consumo de drogas, sendo vista como um espaço “perigoso e imoral” para os olhares mediados pelo conservadorismo e preconceito. Subindo a avenida, encontramos lojas, arranha-céus e um intenso trânsito. A conhecida Praça Sete de Setembro é local de manifestações de protesto, apresentações de arte popular, pregações cristãs, consumo de drogas, presença de hippies e prática de jogos de tabuleiro ao ar livre, sendo, em diversas oportunidades, vista com um olhar moralizante. A perspectiva da avenida começa a mudar a partir do famoso Palácio das Artes que está no rumo da zona sul. No final do logradouro se encontra a “Praça da Bandeira”, uma das áreas com o metro quadrado mais caro de Belo Horizonte, ou seja, uma exemplificação de como cidade é vista por óticas desiguais e mediadas por olhares conservadores. Podemos notar que cada espaço da cidade é pensado e imaginado a partir dos corpos que são autorizados a frequentar e usufruir, conforme seus marcadores de diferença. Esse contexto segregador da cidade gera uma dimensão de violência, tanto em seu aspecto simbólico quanto concreto, tendo a juventude como maior expressão.

Segundo o Atlas da Violência 2020⁹, no Brasil, com referência ao ano de 2019, a cada 100 jovens (indivíduos de 15 a 29 anos) que morreram por qualquer causa, 39 foram vítimas de violência letal. Entre aqueles que possuíam de 20 a 24, foram 38 vítimas de homicídios a cada 100 óbitos e, entre aqueles de 25 a 29 anos, foram 31. Dos 45.503 homicídios ocorridos no Brasil em 2019, 51,3% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos. São 23.327 jovens que tiveram suas vidas ceifadas prematuramente, em uma média de 64 jovens assassinados por dia no país. Quando conferimos a série histórica de

⁹ Atlas da Violência 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020> Acesso em: 14 de dez. de 2021.

2009-2019, chegamos à marca de 333.330 jovens assassinados no país. Esse quadro se agrava mais quando esses números têm um recorte de gênero e em específico os LGBTQIA+. O Grupo Gay da Bahia – GGB –, em relatório intitulado Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil 2020, mostra que no período 2000-2021 foram mortas 5.047 pessoas em decorrência da intolerância, ódio e descaso de gênero. Em 2020, 237 mortes foram registradas como LGBTIfobia, sendo que 70% como transfobia, 22% homofobia, 5% lesbofobia, 1% bifobia e 1% heterossexuais por apresentarem comportamentos e performances que se distanciam da heteronormatividade. Esses números revelam um quadro de extermínio que caracteriza a realidade dos jovens LGBTQIA+ na sociedade brasileira.

Ainda é aceito pelo senso comum que a violência de gênero contra a população LGBTQIA+ se manifeste individualmente, ou seja, acontecendo apenas nas dimensões interpessoais. A história da sociedade brasileira demonstra que essa realidade não é uma questão restrita à dimensão individual. Historicamente, a população LGBTQIA+ ocupa uma condição de vida muito desigual em comparação com pessoas cisgênero. Em geral, os LGBTQIA+ se encontram em situação desvantajosa. Os motivos da desigualdade social no Brasil não dizem respeito apenas a questões socioeconômicas, mas passam por elementos das dimensões socioculturais e de gênero. Para enfrentar o problema da LGBTIfobia, é preciso que o Estado e a sociedade brasileira reconheçam as estruturas e relações sociais que as produzem, especialmente na sua forma institucionalizada. As alarmantes taxas de mortalidade da juventude LGBTQIA+ são resultado de uma série de outras violências sofridas por esse segmento, provocadas principalmente pelo Estado, incapaz de oferecer acesso efetivo.

Atualmente, é possível perceber com mais clareza as transformações de comportamentos, gosto estético e as mobilizações dos jovens LGBTQIA+ em torno de ideias que são difundidas em diversos ambientes, inclusive virtuais, além da multiplicação de seus projetos de vida nas praças e ruas da cidade. O desafio de pensar as juventudes LGBTQIA+ consiste na percepção da diversidade, analisada em suas múltiplas expressões. Visto que o fato de pertencer a um determinado grupo, como elemento de identificação, não homogeneiza as expressões dessas juventudes. Significa dizer que ser jovem e assumir identidade de jovem LGBTQIA+ envolve muitas variáveis, tanto na sua trajetória de vida, quando em seu contexto social.

Para responder ao problema dessa pesquisa, o estudo teve a participação de seis jovens, sendo que três se encontravam na faixa dos 25 a 29 anos [jovem-adulto] e os outros três extrapolavam essa faixa etária¹⁰, porém se declararam como jovens. Ao trazer para a pesquisa pessoas que se declararam jovens, mesmo estando em uma faixa etária superior à estabelecida na legislação do Brasil, podemos pensar na discussão proposta pelo antropólogo Massimo Canevacci (2005) que discute, em seu livro *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*, a juventude a partir de uma dimensão de dilatação. O conceito desenvolvido pelo autor incide no rompimento das velhas barreiras no que tange à faixa etária e nos permite refletir sobre o conceito de juventude de forma mais alongada. O autor parte do pressuposto de que a contemporaneidade é caracterizada por um quadro de extrema incerteza, isto é, imprecisão e instabilidade em definir a percepção de si e do outro sobre o ser jovem. Ou seja: “(...) A passagem da juventude ao mundo dos adultos tornou-se algo indeciso, uma espécie de zona cinzenta e lenta que se pode atravessar ou dilatar pelo sujeito” (CANEVACCI, 2005, p.29). Assim, podemos justificar a presença de pessoas que se percebem como jovem para além da idade, partindo do pressuposto de que a juventude atravessa todas as experiências de vida, ou seja, todos seremos, somos e fomos jovens. Dessa forma, podemos entender que a transição para o mundo adulto acontece de formas e maneiras diferentes, variando de sujeito para sujeito e de sociedade para sociedade.

Ademais, pode-se elencar as seguintes características norteadoras da escolha dos indivíduos pesquisados: jovens que se autodeclaravam como pessoas LGBTQIA+ em diferentes espaços e situações; pertencimento a diferentes classes sociais e raciais; moradia no município de Belo Horizonte/MG e identificação com a cidade; atuação política na causa LGBTQIA+, por meio de ações e/ou participação em espaços formativos do município que abordem a temática LGBTQIA+ e frequência ou participação em ações e eventos do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais – CELLOS/MG.

E foi por meio das conversações, método utilizado, que compreendemos os percursos de vida dos jovens LGBTQIA+ participantes da pesquisa. Eles evidenciaram as suas formas de resistências e vivências diante do quadro de violências a que foram

¹⁰ A participação na pesquisa de jovens com idade inferior a 18 anos exigiria a solicitação de autorização de seus pais ou responsáveis, o que poderia gerar interferências em suas narrativas.

submetidos. Isso se deu a partir da pesquisa qualitativa, utilizando o dispositivo de Conversação. A escolha pelo método da Conversação permitiu que os jovens em conversações pudessem falar e escutar, apoderando-se dos efeitos de suas falas, ou seja, em conversações puderam acionar outros discursos, outros significantes. Algo que é particular e ao mesmo tempo coletivo, sendo possível a construção de algo novo, inédito, buscando melhorias para os envolvidos no processo. Isto é, os participantes da pesquisa criaram, em conversações, estratégias para enfrentar e contestar as normas de gênero com as quais são segregados na sociedade.

CAPÍTULO 01

1. O CAMPO DE PESQUISA

1.1. De que maneira cheguei à temática juventudes LGBTQIA+?

Quando consultamos a palavra experiência no dicionário, encontramos uma gama de significados que utilizamos em nosso cotidiano, tais como: “ato ou efeito de experimentar (-se)”, “conhecimento adquirido graças aos dados fornecidos pela vida”, “ensaio prático para descobrir ou determinar um fenômeno, um fato ou uma teoria”, “conhecimento das coisas pela prática ou observação”, “uso cauteloso e provisório” e por último “perícia ou habilidade adquiridas pela prática”. Para Larrosa (2002), as palavras produzem sentidos, criam realidades e, às vezes funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. A palavra experiência para Larrosa adquire significado sobre o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca, mas o autor alerta que não é uma ocorrência qualquer que se constitui em experiência, isto é, é inicialmente uma relação com algo que se prova. Isso significa que o sujeito da experiência estaria em uma dimensão de sensibilidade na qual aquilo que passa afeta, produz afetos, inscreve marcas, deixa vestígios em travessias, percursos e passagens. Portanto é a partir desse conceito de Larrosa que permeio as minhas experiências e aproximações com as temáticas das juventudes LGBTQIA+.

Diante do contexto acima, a minha trajetória de infância, adolescência, juventude e parte da vida adulta ocorreu na periferia do município de Santa Luzia, localizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte – MG –, como moradora do Conjunto Habitacional Palmital, inaugurado no início da década de 1980. O perfil populacional do bairro consistia de famílias oriundas de vilas e favelas de Belo Horizonte, sendo que os moradores sempre sofreram com estigmas sociais. Goffmann (1982) contribui para a discussão sobre estigmas, quando nos permite refletir sobre os impactos dessa dimensão na interação social. O estigma é definido pelo autor como um atributo ou característica pautado em significado depreciativo, isto é, caráter negativo diante da sociedade. Alcança um conjunto de relações e linguagens que marcam uma pessoa ou um grupo social, conforme o padrão estabelecido como normal pelos membros da sociedade. Para o autor:

Podem-se mencionar três tipos de estigmas nitidamente diferentes. Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade (...). Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. (GOFFMANN, 1982, p.14).

O bairro Palmital acarretava para os seus moradores uma construção identitária permeada por estigmas, sendo que a área da minha residência era marcada por toda sorte de violência, frequentemente causada pela disputa do tráfico de drogas.

Por residir em área marcada pela violência, o espaço escolar era entendido pelo imaginário da minha família como sendo um local seguro, em contraposição à rua percebida como ambiente perigoso, com a ocorrência de tiroteios, a presença da polícia e o tráfico de drogas. Essa visão é compatível com uma perspectiva adultocêntrica sobre a juventude, tendo como eixo de pensamento não apenas a rua como perigo somente, mas também a marginalização de determinados indivíduos que compõem esse espaço. Para Abramo (1997), essa perspectiva é alimentada por determinados setores da sociedade que definem uma parcela de jovens como problema, a partir da análise da transgressão às normas sociais. Por outro lado, a dimensão cultural da juventude ganha espaço nas diversas formas de socialização que ocorrem entre os jovens, principalmente os dos bairros periféricos das grandes cidades permeadas por redes diversas, no qual a experiência com a rua ganha destaque. Pensando nesta perspectiva, Lefebvre (2008) contribui para refletirmos sobre os diversos espaços urbanos, em especial a rua, como expressão de conflitos multifacetados, capazes de oferecer novas possibilidades de apropriação do tecido urbano. Segundo Sposito:

Ruas e praças da cidade são ocupadas pela presença de incontáveis agrupamentos coletivos juvenis, estruturados a partir de galeras, bandos gangues, grupos de orientações étnicas, racistas, musical, religiosa, ou agressivas torcidas de futebol. Muitas vezes a violência sem significação aparente surge como parceria inseparável dessas manifestações, que ora se exprimem nos bairros periféricos, ora se deslocam para o centro da cidade. Percebe-se uma nova apropriação do espaço urbano, que desafia o entendimento e exige uma aproximação mais sistemática para sua compreensão. (SPOSITO, 1993, p. 162)

Esse imaginário adultocêntrico sobre a rua impactou diretamente a minha trajetória de vida e, em particular, a escolar. Para a minha família, estudar fora do bairro era a oportunidade de uma educação de qualidade, retirando-nos de um ambiente de

violência e marginalização. Estando inserida em espaços fora do Palmital, presenciei e vivenciei cenas de discriminação de classe, gênero e raça e que, por consequência, potencializaram a minha identificação como jovem, mulher, pobre e negra. Nesse mesmo período, ressalto o desafio de custear o transporte para a escola localizada na área central de Belo Horizonte, fato extremamente prejudicial a minha formação escolar, devido à irregularidade do meu comparecimento às aulas, em função da necessidade, inclusive, de conciliação de estudo e trabalho.

Dayrell (2007), em seu artigo *A Escola “faz” as Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil*, auxilia na compreensão acerca da relação construída entre escola e juventude, ou seja, traz a perspectiva de que as instituições educativas para os sujeitos jovens precisam ser repensadas para responder aos desafios que a juventude propõe. Diante dessa perspectiva, a minha experiência escolar foi atravessada por barreiras que me ocasionaram atrasos escolares e, conseqüentemente, o estigma de não corresponder aos objetivos propostos pela instituição. De acordo com Dayrell (2007), a relação entre a escola e juventude “(...) se mostra distante dos seus interesses reduzidas a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam a sua formação (...), tendo em vista a necessidade dos diplomas.” (Dayrell, 2007, p.1106).

A necessidade de conciliar trabalho e estudo gerava descompasso entre mim e o espaço escolar. Nessa perspectiva, Carrochano (2005) mostra-nos que a questão é saber o lugar do trabalho na vida dos jovens e suas experiências em torno disso. Para a autora, essa relação de trabalho entre os jovens é percebida por eles de duas maneiras: para os jovens mais escolarizados, o trabalho ganha uma representação de destaque pela possibilidade pessoal. Para o jovem de baixa renda, a questão da necessidade aparece com mais intensidade. Diante desse dilema, minha juventude foi atravessada por essas duas dimensões de necessidade: a obtenção da escolaridade e, por outro, a obrigatoriedade do trabalho.

Na totalidade, foram cinco anos de intervalo entre minha conclusão do ensino médio e inserção no curso superior. Os desafios estabelecidos, em meu cotidiano, entre dar continuidade aos estudos ou a necessidade de trabalhar, adiaram o sonho de fazer faculdade. O ingresso no curso de graduação em serviço social, em uma instituição de ensino particular, gerou, mais uma vez, tensão entre vida estudantil e atividade laboral. É necessário destacar que minha entrada e permanência no curso ocorreram em função de participação no Programa de Financiamento Estudantil do Governo Federal – FIES.

Trabalhando na área, tive a oportunidade de adquirir experiência em vários espaços ocupacionais, em Belo Horizonte e em outros municípios da região metropolitana. Em contato com diferentes realidades, as experiências profissionais proporcionaram conhecimento das diferenças sociais, das necessidades da população, mas também de suas possibilidades ou capacidades por meio da identificação de potencialidades e não só de fragilidades nas diversas situações de vida.

Dentre minhas experiências, destaco a que ocorreu na Política de Saúde, na Unidade de Pronto Atendimento – UPA –, em que travei contato direto com os usuários e seus familiares em busca de reestabelecer a saúde em condição de emergência/urgência e com a Rede Socioassistencial do Município de Belo Horizonte. Em um dos plantões, destaco a ocorrência de violência contra um jovem negro que chegou à UPA, levado pela polícia militar, com características de agressões físicas por todo o corpo. Tempos depois, a mãe do jovem solicitou orientação do Serviço Social para recorrer à Ouvidoria da Polícia Militar, por entender que o filho foi espancado pelos policiais. Uma cena impactante: na porta da sala do Serviço Social estavam os policiais militares e também a mãe que os acusava de serem os autores das agressões ao filho. A situação demonstrou diferentes narrativas em disputa, de um lado, a progenitora relatando uma violação de direito, de outro, os agentes de segurança pública reforçando um discurso institucional e o jovem envolto em silêncio. Foi uma exemplificação da condição de silenciamento imposta à juventude negra cotidianamente.

Outra experiência profissional que proporcionou um olhar crítico sobre a condição juvenil foi a minha inserção na Associação Profissionalizante do Menor (ASSPROM) e no projeto Voluntários da Cidadania. Este fruto de parceria da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte com o Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais – CBMMG. Ambos os espaços eram frequentados por jovens, na sua maioria negros e pardos, moradores de áreas periféricas de Belo Horizonte e região metropolitana. Por meio de visitas domiciliares, eu presenciava a dimensão de vulnerabilidades das famílias dos jovens em seus aspectos socioeconômico, habitacional, saneamento básico e de relações de trabalho. Tais realidades explicitavam o quadro de desigualdades que atingiam os jovens com os seus marcadores sociais.

Em relação a minha formação acadêmica, destaco a relevante participação nos cursos intitulados: “Educação sem Homofobia” e “Referência da Educação sem Homofobia”, promovidos pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH –

da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Experiência significativa para a minha prática profissional, no campo das diversidades, pois o conhecimento socializado, durante as discussões nos cursos, despertou um interesse sobre a temática LGBTQIA+, além de trazer reflexões acerca da dimensão do avanço necessário para a garantia dos direitos desse segmento da população. Irineu (2013), em debates sobre políticas para população LGBTQIA+ no Brasil, sinaliza a necessidade de discutirmos questões de gênero e sexualidades levando em consideração as particularidades dos marcadores sociais:

O que se constata, ainda, é que a dificuldade de acolhimento das demandas LGBT nas áreas de trabalho, previdência social e assistência social decorre, em grande medida, de uma concepção de política pública universalista, incapaz de abarcar grupos vulneráveis não-definidos a partir da categoria “classe social” ou excluídos socialmente a partir de fatores diferentes do nível de renda. É certo, nesse contexto, que não apenas há dificuldade e resistência para reconhecer a legitimidade de demandas fundadas na exclusão por orientação sexual, mas também por raça/etnia e geração, entre outras marcas sociais. (IRINEU, 2013, p.153-154).

O citado conjunto de experiências profissionais e acadêmicas encaminhou-me para uma condição profissional sensível às questões das juventudes LGBTQIA+, uma vez que proporcionou minha inserção como membro – assistente social de base – da Comissão Ampliada de Direitos Humanos do Conselho Regional de Serviço Social – CRESS/MG – com ações exclusivas no Grupo de Trabalho (GT) LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexo). A referida Comissão de Direitos Humanos atua a partir da ocorrência de ações desumanas no cotidiano profissional, exigindo reflexão, análise, postura crítica, investigativa e interventiva. Portanto, nas reuniões elencam-se as normativas legais orientadoras da prática do fazer profissional nos mais variados espaços ocupacionais. O grupo de trabalho LGBTI foi criado em meados de 2018 a partir da necessidade de aprofundamento sobre as especificidades da população LGBTI. Em função disso, o grupo de trabalho desenvolveu um questionário para compreender a visão que os profissionais do Serviço Social possuem acerca da temática gênero e sexualidades.

A partir dos resultados do questionário, o grupo de trabalho organizou um minicurso que objetiva acessar profissionais e estagiários de Serviço Social para possibilitar formação acerca de gênero e sexualidades com delimitação em pessoas LGBTQIA+ e contará com a participação efetiva da sociedade civil, movimentos

sociais e acadêmicos na elaboração do minicurso. Outras ações recentes do grupo de trabalho LGBTI foram o convite para participar na comissão organizadora da III Conferência Municipal dos Direitos LGBT em Belo Horizonte e a construção do GT Moradia e Acolhimento para a população trans e travesti de Belo Horizonte. Diante dessas discussões, a partir da minha inserção nesses grupos de trabalho e da minha experiência de vida, prossigo construindo as minhas percepções acerca da temática juventudes LGBTQIA+ em Belo Horizonte.

1.2. Por que juventudes LGBTQIA+?

Em atuação no Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos – PAEFI¹¹ –, vivenciei diversos casos de abuso sexual de crianças, adolescentes e jovens adultos que demandavam atendimento especial, o que proporcionou um acúmulo de experiências profissionais nessa área. Nos casos em que esses abusos recaíam sobre a juventude LGBTQIA+, eram notórios alguns discursos moralizantes no qual as vítimas eram desqualificadas com argumentos e justificativas dadas por parte das instituições – família, escola e comunidade – culpando o indivíduo abusado e tomando por base sua orientação sexual. As demandas atendidas explicitavam, em grande parte, a realidade de vulnerabilidade vivenciada por muitos jovens LGBTQIA+ em função do preconceito em relação a sua sexualidade.

Destaco, como exemplo, um atendimento a um adolescente abusado sexualmente pelo padrasto e encaminhado pela Vara da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça de Minas Gerais – TJMG – para o Serviço PAEFI, visando à realização de ações e intervenções que garantissem seus direitos como cidadão. Nesse episódio, o próprio adolescente relatou desejar “esquecer” o abuso sexual e não entender o motivo pelo qual precisava responder a tantas perguntas sobre a sua orientação sexual, uma vez que tinha dúvidas sobre o que queria ser. Nesse momento, percebe-se que as instituições como a família, escola e conselho tutelar retiravam do adolescente o seu “direito livre de fala” e a todo o momento colocavam em suspeição

¹¹ Serviço de apoio, orientação e acompanhamento a famílias com um ou mais de seus membros em situação de ameaça ou violação de direitos.

sua sexualidade. A partir das leituras, reflexões e diálogos, foi possível constatar que, enquanto profissional, eu também nomeei o adolescente. E isso reforçou a minha necessidade de aprofundar sobre o contexto de gênero e sexualidades com delimitação em pessoas LGBTQIA+.

Butler (2017), pesquisadora das questões de gênero e sexualidades, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, incentiva a reflexão acerca do relato e da experiência do jovem quanto ao que desejava ser. Existe aqui uma possibilidade de verificar quais são as limitações que existem a partir das demarcações que a categoria gênero provoca nas pessoas que não se adequam em estruturas binárias. É possível perceber na resposta do jovem como essas limitações se caracterizam, isto é, elas agem em nossos corpos, em nossos discursos, em nossas subjetividades, em nossos comportamentos e tentam nos impedir de sermos qualquer outra coisa que se diferencia da norma.

Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursiva condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como o domínio do gênero. (p. 30).

Desse modo, Butler (2018) também colabora para entendermos como os corpos são geralmente interpretados e questionados quando não atendem aos requisitos da heterossexualidade. A autora ressalta que:

(...) a precariedade está, uma vez que sabemos que aqueles que não vivem seu gênero de modo inteligíveis estão expostos a um risco mais elevado de assédio, patologização e violência. As normas de gênero têm tudo a ver com como e de que modo podemos aparecer no espaço público, como e de que modo o público e o privado se distinguem, e como essa distinção é instrumentalizada a serviço da política sexual (...). (BUTLER, 2018, p. 41).

Em relação ao jovem do caso acima apresentado, conforme escuta realizada, foi possível constatar que um dos membros de sua família afirmava que ele não sabia como se comportar e não possuía postura; o conselho tutelar argumentou não saber mais como proceder com aquele núcleo familiar, uma vez que o adolescente já havia passado por todos os serviços da rede socioassistencial; representantes da escola, por sua vez,

afirmaram desaprovar as vestimentas adotadas pelo jovem¹². Ou seja, diante do fato concreto de abuso sexual, o entendimento e a interpretação dos discursos das partes envolvidas responsabilizavam o jovem pelo crime ocorrido. De um lado, apresentava-se o abuso sexual, comprovado por laudos e relatórios médicos e, do outro, verificava-se a dimensão moral dos fatos, contendo disputas de narrativas reiterando os poderes institucionais da família, escola e do conselho tutelar. Butler (2011) revela o quanto os discursos são impactados pela dimensão moral:

(...) A estrutura do discurso é importante para a compreensão de como a autoridade moral é introduzida e sustentada se concordarmos com o fato de que o discurso está presente não apenas quando nos reportamos ao Outro, mas que, de alguma forma, passamos a existir no momento em que o discurso nos alcança, e que algo de nossa existência se prova precária quando esse discurso falha em nos convencer (...). (BUTLER, 2011, p. 15.)

Logo, os discursos não reconheciam o adolescente como sujeito de direitos (sexualidade, corpo, gênero, faixa etária), uma vez que ser abusado sexualmente pelo padrasto foi interpretado e justificado pelas instituições citadas como forma de castigo e resultado do mau comportamento do jovem. Esse tipo de discurso afeta também o exercício profissional do assistente social, pois dificulta as estratégias de intervenção junto ao contexto familiar do sujeito em questão.

Por meio da análise desse relato de experiência, foi possível perceber a fragilidade e as potencialidades do jovem frente ao seu desenvolvimento, uma vez que de alguma forma ele conseguiu comunicar que a sua identidade e sexualidade estavam ainda em construção. O adolescente pareceu contrariar as normas de gênero, os valores e as ideias da cultura dominante que identificam, classificam, ordenam, hierarquizam e os definem pela aparência (LOURO, 2008). Escutar o adolescente frisar que tinha dúvidas sobre o que queria ser, revelou-me seu posicionamento como algo que resiste e, ao mesmo tempo, busca uma forma de viver.

Experiências como contato e a atuação profissional com jovens que se declaram LGBTQIA+ e que por diversas vezes buscaram acessar direitos básicos¹³; as participações

¹² O adolescente fazia um nó na frente da blusa do uniforme, na altura do umbigo, transformando-o em miniblusa, deixando a barriga à mostra, além de usar calças justas que modelavam o corpo.

¹³ Direitos básicos como o acesso aos benefícios eventuais que são previstos pela Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS – e oferecidos pelos municípios e Distrito Federal aos cidadãos e às suas famílias que não têm condições de arcar por conta própria com o enfrentamento de situações adversas ou

efetivas na 22ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte¹⁴, na III Semana da Visibilidade Trans e Travesti¹⁵, bem como nas reuniões da Comissão Organizadora da III Conferência Municipal LGBT¹⁶ tornaram possível identificar o quão potente é o encontro das juventudes LGBTQIA+ em suas reivindicações por direitos e respeito. Em todos os momentos, foi possível presenciar a resistência, pois foi desvelado e demarcado o anseio desses sujeitos por uma Belo Horizonte que respeite a diversidade.

A participação na Parada do Orgulho LGBT, especificamente como trabalhadora voluntária, realizada no ano de 2019, organizada pelo Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual CELLOS/MG, levou-me a uma experiência que tornou possível observar que ao se nomear um jovem LGBTQIA+ não se pode direcionar para esse sujeito um olhar homogêneo. A Parada contou com a participação de jovens que se reúnem com amigos para discutirem assuntos pertinentes a eles; agrupam-se para fazerem apresentações em *shows* diversos; estão presentes nos diversos coletivos de Belo Horizonte, como partidos políticos, organizações da sociedade civil – OSCs – para dialogar sobre sua temática e estão cuidando de sua afetividade: namorando, casando, unindo-se estavelmente ou não. Tais perfis de jovens demonstram que, de maneiras distintas e peculiares, eles resistem e vivem apesar das manifestações de discriminação, intolerância e violência.

A convivência com jovens na Parada do Orgulho LGBT e na III Semana de Visibilidade Trans e Travestis fizeram-me observar que muitos gritavam com o microfone nas mãos: “Nós não iremos morrer. Temos o direito de sermos respeitados” ou “Não existe possibilidade de voltar ao que era antes”, em referência ao “armário”¹⁷. Tais manifestações me despertaram para a necessidade de um aprofundamento da temática das juventudes LGBTQIA+ a partir de um alinhamento com as esferas das vivências e resistências.

que fragilizem a manutenção do cidadão e sua família; bem como cesta básica ou recursos financeiros para custear as passagens de ônibus necessárias para providenciar os documentos de identificação civil.

¹⁴ 22ª Parada do Orgulho LGBT em Belo Horizonte intitulada “Não aos retrocessos. Revivendo Stonewall!”.

¹⁵ III Semana da Visibilidade Trans e Travesti em Belo Horizonte, cujo slogan foi “pelos vidas trans e travestis, pelo direito de ser e viver trans e travesti”, ocorrido em janeiro de 2020.

¹⁶ Comissão Organizadora da III Conferência Municipal LGBT, mesmo sem indicativo de Conferência Estadual e Federal e que também foi interrompida pela pandemia de COVID-19.

¹⁷ Armário: expressão popular que no contexto da pesquisa se refere ao assumir a si mesmo: processo de autoaceitação que pode durar a vida inteira. Constrói-se uma identidade de lésbica, gay, bissexual ou transgênero primeiramente para si mesmo, e, então, isso pode ser ou não revelado para outras pessoas. Ver: “sair do armário”. “Sair do armário”: assumir publicamente sua orientação sexual e/ou identidade de gênero.

As juventudes LGBTQIA+ dialogam com a cultura juvenil na medida em que a diversidade de gênero e sexualidades é encontrada nas interações estabelecidas entre esse segmento social e os movimentos sociais, coletivos, organizações da sociedade civil e grupos juvenis. Feixa (2016)¹⁸, observa em seus estudos sobre cultura juvenil, que os jovens: “(...) no fundo, o que querem não é uma solução para tudo senão fazer parte do processo, ser protagonistas das mudanças”. Sendo assim, as demandas juvenis contemporâneas caracterizam-se por uma heterogeneidade no qual uma não pode ser enquadrada em todas. Para Feixa:

(...) não há uma demanda que sirva para todas as juventudes, mas eu diria alguns princípios comuns: o principal seria ter voz – a capacidade de serem escutados. Mais do que ter voz, pois já a têm e a utilizam, por vezes de maneira estridente, seus desejos de serem ouvidos, o fato de que expressam através da arte ou da música ou até mesmo através da mesma violência que não deixa de ser um elemento para ser escutado, ou seja, ser lido ou ser escutado pelos adultos, pela sociedade em geral. (FEIXA, 2018, p. 313-314)

Sendo assim, a juventude vem alcançando um lugar de destaque na contemporaneidade no que diz respeito aos processos tecnológicos, estético e econômicos de uma sociedade em rede, ou seja, a juventude é alvo desse movimento por conta da necessidade de um sujeito flexível e que busca aprender constantemente. Porém, boa parte da sociedade ainda persiste em não escutar os anseios da juventude. Para Ferreira (2012), em suas pesquisas sobre microculturas juvenis nos espaços não institucionalizados, diferentemente da escola, os jovens descobrem-se mais cidadãos do que vítimas de desvantagens sociais, encontrando estímulos e reconhecimento para as suas iniciativas criativas. Se por um lado, os formatos tradicionais de representação das juventudes buscam permanentemente um canal de diálogo com o Estado, já os coletivos juvenis buscam primeiramente o diálogo com a sociedade, o que constitui uma outra lógica de interação.

1.3. O que Belo Horizonte traz de particularidade a esse estudo?

Como na maioria dos espaços, no município de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, as juventudes LGBTQIA+ enfrentam diversas barreiras para

¹⁸Portal Aprendiz Uol: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2016/05/20/carles-feixa-precisamos-voltar-uma-ideia-de-cultura-juvenil-associada-educacao/> Acesso em: 16 de abr. de 2021.

serem reconhecidas como sujeitos de direitos, necessitando de debates que possam evidenciar as suas relações com espaço urbano da cidade.

Belo Horizonte nasceu do sonho republicano, inspirada pelas cidades europeias e norte-americanas. Inaugurada no século XIX, trazia um perfil arquitetônico moderno que abrigaria a nova capital do estado, contrapondo-se a um conceito de antigo, simbolizado pelas cidades históricas, portadoras de fortes traços coloniais. Como cidade planejada atendia às perspectivas de uma cidade “progresso”. Segundo Passos (2016), as cidades pensadas na dimensão de progresso trazem em sua origem uma estética arquitetônica marcante:

No caso da “cidade progresso” o que se vê é um cenário de amplas avenidas, praças arborizadas, espaços comerciais, cafés, construções imponentes, asfalto, enfim, uma série de artifícios que procuram condicionar o homem moderno a atitudes e comportamentos previsíveis e padronizados. (PASSOS, 2016, p. 333).

Para Silva (2007), Belo Horizonte não pode ser compreendida por uma ideia de planejamento e sim como uma cidade projetada. Para a autora, a capital mineira é um projeto político que vem acompanhado de um projeto arquitetônico e urbanístico, ou seja, traçados e desenhos que representam a funcionalidade daquele espaço. Nesse momento, o sentido que se dá para criar uma urbe passa mais pela ideia de projeto do que um planejamento. Porém, a autora alerta que pensar em projeto deve ir para além de uma fronteira determinista, isto é, todas as formas como a cidade vai crescer e ser apropriada passam por uma dimensão variável. A pesquisadora mostra-nos em seus estudos sobre a ocupação urbana que, em Belo Horizonte, antes mesmo de ser uma cidade erguida, no momento da sua construção, trabalhadores de diversas localidades abrigaram-se na futura capital e construíram moradias provisórias, caracterizando, assim, uma favela antes mesmo da ocupação da população projetada para esse espaço.

Belo Horizonte como município moderno teve a necessidade de reinventar e ressignificar percursos como forma de hierarquizar e modelar a população que era merecedora do sonho moderno. Para Passos (2016), “(...) Belo Horizonte também se tornou um local de segmentação, que hierarquizou seu território e expulsou para a área suburbana e rural as camadas populares, incluindo os trabalhadores” (p. 334). Ou seja, a capital mineira classificava e ordenava espaços de acordo com as funções e necessidades sociais. A República proclamada apresentou o seguinte cenário no campo social: recém-abolição da escravidão, grande número de pessoas analfabetas e enorme

distanciamento entre a vida urbana e a rural. A cidade ao ser projetada, em seu imaginário, não abrigaria um *status* que não compatibilizasse com um modelo idealizado de homem moderno. Sendo assim, negros, mulheres, pobres, homossexuais e trabalhadores ficaram alijados de uma concepção de centro da cidade, sendo deslocados para uma dimensão de periferia na qual a segregação e eugenia foram e são evidenciadas.

Para Lefebvre (2008), no que concerne ao “vivido”, o espaço nunca é neutro e “puro”, ou seja, há múltiplas formas de perceber a espacialidade, tanto na esfera individual, grupal, ou no coletivo. O autor defende que o espaço deve ser pensando na dimensão de movimento por intermédio de um espaço socialmente construído pelo sujeito, buscando seus significados no tempo. Os jovens nessa concepção buscam transformar os ambientes físicos em sociais com produção particular de significados. A significação que a juventude dá ao lugar onde transita atende a uma lógica própria de como se ver diante dos espaços institucionalizados.

Durante o dia é permitido frequentar espaços e transitar livremente pela cidade, entretanto, conforme a hora e o dia, aquele espaço perde o sentido da liberdade, isto é, o espaço de lazer transforma-se em um espaço da transgressão. Haesbaert (1998) argumenta que o espaço está longe de possuir uma fisionomia unidimensional, apresentando-se como verdadeiro labirinto tecido em redes complexas de apropriações sucessivas e de significações diversas. Os espaços ganham um sentido fluido e as identidades de quem frequentam também. Antes de anoitecer, crianças, jovens e idosos apropriam-se dos territórios, a ociosidade e o lazer ganham aspectos positivos, mas, com a chegada da noite, o espaço da cidade passa a ser frequentado por diferentes grupos sociais interpretados como transgressores.

Conforme o IBGE/2020, Belo Horizonte possui uma população aproximadamente de 2.564.000 habitantes. Considerado o sexto município mais populoso do país, terceiro da região Sudeste e o primeiro do seu estado. A capital é composta por nove regionais, cada uma com as suas características. O centro de Belo Horizonte ganha uma posição de destaque, pois os cidadãos utilizam os equipamentos públicos disponíveis e também por ser um ponto de encontro para pessoas oriundas de várias localidades. Para as juventudes periféricas, a região da capital mineira ganha um significado próprio na medida em que representa o lócus de encontro, festas, comemorações, protestos e eventos. Uma cena que representa essa diversidade da

cidade ocorreu na III Semana de Visibilidade Trans e Travesti de Belo Horizonte em 2020. Em determinado momento, quando nos aproximamos da Rua Aarão Reis, Praça da Estação, encontramos outro movimento ligado à cultura *hip hop*, tornando necessário haver uma negociação para uso do espaço. A região central Belo Horizonte vai ganhando sentidos e contornos conforme as pessoas que frequentam e vivenciam os espaços da localidade.

A história de Belo Horizonte é composta por diferentes atores sociais, ou seja, a partir de suas diversidades raciais, de gênero, de classe e outros marcadores sociais. Conforme apontam os autores Coacci (2018), Magno (2020) e Morando (2018), é possível destacar várias atrizes e atores LGBTQIA+ que contribuíram efetivamente para a história de Belo Horizonte. Magno (2020) aponta que o movimento LGBTQIA+ em Belo Horizonte é formado por uma trama complexa envolvendo membros da sociedade civil, ativistas, acadêmicos, parlamentares e governantes. Compõem essa história, atrizes e atores como Anyky Lima, Soraya Menezes, Edson Nunes, Porcina, Walkíria La Roche, Carlos Magno e diversos outros que sonharam uma Belo Horizonte que respeitasse as pessoas LGBTQIA+. Podemos compreender esse cenário pelas palavras de Morando:

Uma história mais profunda, diversificada, conjuntural, que leve em conta os vazios, as interseções, as singularidades, os diálogos com outras áreas e o movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queers*, intersexuais e assexuais (LGBTQIA) em Belo Horizonte ainda está por ser feita. Uma história organizada sobre o conjunto de retalhos simbolizados pelos registros documentais legais, registros de diversas mídias, acervos pessoais, relatos orais, materiais de divulgação dos espaços de sociabilidade daquele segmento ainda está por ser constituída. Uma narrativa que ainda se debruce sobre as notícias de periódicos da imprensa (jornais, revistas, boletins), as ocorrências policiais, os autos judiciais de eventos criminais e a produção artística focados nesse segmento ainda está por ser organizada. (MORANDO, 2018, p.62).

A história LGBTQIA+ de Belo Horizonte evidencia a necessidade de buscar por mais informações e estudos que possibilitem compreender a trajetória dos movimentos LGBTQIA+ na capital, uma vez que esses estudos estão concentrados no eixo Rio de Janeiro/São Paulo, dificultando outras narrativas que possam contar essas histórias. É importante especificar também algumas localidades em Belo Horizonte que aglutinavam pessoas LGBTQIA+ e cujo objetivo central dos encontros era dialogar, fortalecer e divulgar ações. Morando (2018) afirma que muitas reuniões na década de 60

eram realizadas em locais como Parque Municipal, Entends'Bar, localizado no bairro Nova Suíça, Praça Sete, Sindicato dos Bancários, em centrais de partidos políticos de esquerda, Edifício Maleta, dentre outros espaços que compõem a história de Belo Horizonte.

No que tange à questão da juventude, a história de Belo Horizonte é atravessada por situações que conferem protagonismo aos jovens, tanto em aspectos de marginalização quanto pela potência de mudança. Podemos citar a revitalização da Praça da Estação, em 2007, e reconhecimento da citada localidade como patrimônio histórico pelo poder executivo, em 2010. O que proibiu a realização de eventos de qualquer natureza no referido espaço, com o argumento de que muitos movimentos ou eventos ocasionariam a depredação do patrimônio¹⁹. No mesmo ano, a juventude mobilizou-se e houve uma convocação para ocupação da praça como espaço público. Conforme estudos de Melo (2014), Oliveira (2012), Migliano (2013, 2020), Cunha e Silva (2016), o movimento conhecido como “Praia da Estação” possuía como objetivo cobrar do Poder Público a viabilização do direito à cidade aberta a todos os cidadãos, de forma livre e democrática. Essa iniciativa teve a participação ativa das juventudes, trazendo diferentes pautas e estéticas juvenis, além de inaugurar uma nova representação juvenil na cidade. Para Migliano:

A realização do bloco de carnaval agregou ainda mais movimentos parceiros e produtores da Praia da Estação. As causas que se contextualizam no entorno da praça sendo basicamente movimentos de expulsão dos habitantes costumeiros da área – como as das profissionais do sexo do baixo centro, dos movimentos pela igualdade e liberdade de gênero, dos moradores e meninos de rua, dos vendedores ambulantes, pipoqueiros e fotógrafos lambe-lambe, dos artesãos da Praça Sete e dos Artesãos da Feira Hippie – passaram a integrar também as reivindicações da Praia. (MIGLIANO, 2013, p.48)

Posteriormente, outros eventos marcaram a presença juvenil na cidade de Belo Horizonte como a “Jornadas de Junho”, em 2013 e 2014, ou seja, manifestações populares que ocorreram em todo o país, inicialmente para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público nas principais capitais. Em Belo Horizonte, tal agitação social coincidiu com a Copa das Confederações, uma prévia da Copa do Mundo. Em média 30 mil pessoas, em sua maioria jovens, ocuparam as ruas, principalmente a Praça

¹⁹ Diário Oficial do Município de Belo Horizonte - DOM. DECRETO Nº 13.798 DE 09 DE DEZEMBRO DE 2009. <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1017732> Acesso em: 16 de abr. de 2021.

Sete²⁰, emplacando uma caminhada pela Avenida Antônio Carlos em direção à região da Pampulha com o objetivo de ingressar nas dependências do estádio do Mineirão. Para além do motivo inicial, os protestos citados abordaram temáticas como a violência policial e também questões como os gastos públicos em grandes eventos esportivos internacionais, a má qualidade dos serviços públicos e a indignação com a corrupção política em geral. Essas manifestações foram caracterizadas por fortes confrontos entre manifestantes e a força policial.

Outro fato marcante para juventude de Belo Horizonte foi a mobilização juvenil em torno da inauguração do Centro de Referência da Juventude – CRJ²¹ – em 2016. O CRJ foi construído pelo poder público municipal em parceria com o governo estadual, alocando, desde a sua construção e sucessivas inaugurações, um deslocamento dos grupos, coletivos e movimentos juvenis para sua gestão. O desgaste entre poder público e coletivos juvenis levou a situação a um esgotamento do diálogo. Ou seja, o equipamento levava o nome da juventude, todavia na prática os jovens estavam à margem da construção de qualquer gestão do local. Em 23 de maio de 2016, ocorre a ocupação do CRJ pelos jovens. Como salienta Santos:

As vias institucionais, pelo o que se pode perceber, encontravam-se esgotadas e com isso posto foi necessária uma articulação entre grupos para uma incidência mais expressiva e radical. E a ocupação foi a saída para isso. Havia duas palavras de ordem que regiam o movimento: “CRJ sem juventude não rola” e “Nada de nós sem nós”. Por lá, passaram cerca de 300 jovens – um terço desse número só dos que dormiam no espaço. (SANTOS, 2019, p.125)

Everton e Dayrell (2016), em um estudo sobre a ocupação do CRJ em Belo Horizonte, discorrem sobre o perfil dos jovens que participaram do episódio. Para os autores, os jovens faziam parte do Fórum das Juventudes²² e até mesmo da UNE²³,

²⁰ A Praça Sete de Setembro, comumente chamada Praça Sete, é a praça mais movimentada da cidade de Belo Horizonte, marco zero do seu hipercentro. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_Sete_de_Setembro_\(Belo_Horizonte\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_Sete_de_Setembro_(Belo_Horizonte)) Acesso em: 17 de abr. de 2021.

²¹ O Centro de Referência das Juventudes (CRJ) é um equipamento qualificado para atendimento das demandas das juventudes e promover ações, atividades e projetos afirmativos e de cidadania. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/smasac/sudc/equipamentos/crj> Acesso em: 17 de abr. de 2021.

²² Fórum das Juventudes da Grande Belo Horizonte. Disponível em: <http://forumdasjuventudes.org.br/> Acesso em: 17 de abr. de 2021.

²³ União Nacional dos Estudantes. Disponível em: <https://www.une.org.br/> Acesso em 17 de abril de 2021.

UMES²⁴ ou UJS²⁵. Também havia jovens autônomos, em situação de rua, trabalhadores e produtores culturais. Extremamente relevante é a presença das mulheres e de jovens LGBTQIA+ demarcando no corpo marcas da resistência e a bandeira por diversidade de gênero e de orientação sexual. Podemos destacar todos os movimentos citados nos parágrafos anteriores, contando com a participação dos jovens LGBT, por meio da apresentação de suas bandeiras específicas, associadas à luta por direito à cidade.

Em Belo Horizonte, as juventudes LGBTQIA+ possuem espaços formativos significativos, frutos de lutas por parte de seus movimentos representativos. A dimensão cultural desse segmento também conquista espaços nas diversas formas de mobilização pelo direito LGBTQIA+, principalmente nas áreas periféricas da cidade. Em se tratando de representatividade, algumas mobilizações e redes de socialização impactam as ruas do município, fortalecendo os mecanismos de enfrentamento da violência urbana, pois é em território citadino que cotidianamente acontecem os confrontos com os aparelhos repressivos do Estado.

Nesse contexto, a rua torna-se local de conflitos multifacetados, capazes de oferecer novas possibilidades de apropriação do tecido urbano. Como exemplo, pode-se citar a Parada do Orgulho LGBT que ocorre anualmente, caracterizando ambivalência, pelo fato de uma vez por ano a cidade permitir que os corpos LGBTQIA+ ocupem os espaços urbanos em diferentes manifestações. No entanto, no restante do ano, esses mesmos corpos são criminalizados e violentados nos territórios da cidade.

Na cidade de Belo Horizonte, é digna de nota uma cena que demonstra as contradições em torno do reconhecimento da população LGBTQIA+: o prefeito Alexandre Kalil ao proferir discurso na 22ª Parada do Orgulho LGBT, traz a seguinte narrativa:

Trago para vocês três palavras libertadoras para se dizer hoje: primeiro, ‘não sei’. O ‘não sei’ liberta, como não sabia, vamos aprender a fazer. A segunda: virem para quem amam e digam: ‘eu te amo’. E a terceira e última: foda-se para todos que pensam o contrário, foda-se para eles todos. (PREFEITO ALEXANDRE KALIL, 2019)

Em outro momento, em uma entrevista coletiva, o prefeito usa os seguintes argumentos:

²⁴ União Municipal de Estudantes Secundaristas de São Paulo. Disponível em: <https://www.umes.org.br/> Acesso em 17 de abr. de 2021.

²⁵ União da Juventude Socialista. Disponível em: <https://ujls.org.br/> Acesso em 17 de abr. de 2021.

(Participar desse evento tem) a mesma importância de quando sou convidado para reunir com os pastores evangélicos, ouvir suas reivindicações, quando recebo o dom Walmor para resolver o problema, que não é pequeno, da Catedral Cristo Rei. Quem não tem sensibilidade de governar para todo mundo é porque está na contramão do que está acontecendo no país hoje. (PREFEITO ALEXANDRE KALIL, 2019)²⁶

Entretanto, o gestor municipal, algum tempo depois, por motivos políticos e por pressão de setores da sociedade, principalmente a Arquidiocese de Belo Horizonte, manifestou-se publicamente contra a realização do evento denominado “Nossa Senhora das Travestis”²⁷. Classificado de desrespeito à fé cristã católica, o ato performático consistia na coroação de Nossa Senhora das Travestis na escadaria da igreja São José, área central de Belo Horizonte, realizado pela Academia Transliterária, representante do coletivo de artistas transgêneros. Segundo publicação do prefeito em rede social: “[...] defendo todas as liberdades. Sou católico, devoto de Santa Rita de Cássia. Fiquem tranquilos, ninguém vai agredir a religião de ninguém. Isso não é cultura”. O compilado das narrativas e posturas mostram a dimensão da contradição no trato das questões de gênero por parte do poder público e setores conservadores de Belo Horizonte.

O resultado dessas contradições é refletido nos números da violência contra as pessoas LGBT em Belo Horizonte. A pesquisa realizada pelo coletivo #VoteLGBT²⁸, durante a 22ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte, revelou que 58,5% de seus frequentadores já sofreram os efeitos da LGBTfobia. Quando indagados sobre em quais locais as agressões ocorreram, os entrevistados responderam que 44,5% na rua, 34,2% na escola, 24% em casa e 19,4% no trabalho. Ou seja, o espaço público representa um dos principais cenários de violência para a população LGBTQIA+ em Belo Horizonte.

Com o objetivo de enfrentar esse quadro de violências, realiza-se a construção de espaços formativos em Belo Horizonte que atendem ao público LGBTQIA+ e são frutos de luta e resistência dessa população. Esses locais buscam contribuir com o processo de autoconhecimento, resistências e protagonismos da população e, em especial, as juventudes LGBTQIA+. Como exemplo, é possível citar instituições como o Centro de Referência da População LGBT; a Diretoria de Políticas para a População

²⁶ Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/cerca-de-250-mil-pessoas-participam-da-parada-do-orgulho-lgbt-de-belo-horizonte> Acesso em: 17 de abr, de 2021.

²⁷ Jornal Hoje em Dia. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/ap%C3%B3s-corte-artistas-da-coroa%C3%A7%C3%A3o-a-nossa-senhora-das-travestis-denunciam-censura-1.728898>

Acesso em: 17 de abr, de 2021.

²⁸ #VOTELGBT. Disponível em: <https://votelgbt.org/> Acesso em: 17 de abr. de 2021.

LGBT da Prefeitura de Belo Horizonte; o Ambulatório Trans Anyky Lima, do Hospital Eduardo de Menezes – HEM –, da Rede Fhemig, que promove o acesso de travestis e transexuais aos serviços de saúde; o projeto Transpasse, da Faculdade de Direito, que faz acompanhamento psicossocial e orientação jurídica a travestis e transexuais e o Núcleo de Direitos Humanos – NUH –, ambos da Universidade Federal de Minas Gerais. Como exemplo de entidades da organização da sociedade civil – OSCs – e coletivos podem ser citados: o Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual – CELLOS/MG –; da Rede P.O.C. que consiste em coletivo autônomo formado por pessoas LGBT; cursinhos preparatórios para o vestibular como o Transenem e o Transvest; o coletivo Breja das Sapas; dentre outros locais que promovem atendimentos, orientações e cursos de qualificação aos jovens LGBT. Dessa forma, todos os espaços formativos acima são para demonstrar que as juventudes LGBT, por meio de suas vivências, resistem à LGBTfobia no município de Belo Horizonte.

1.4. Quem pode falar sobre determinado tema?

No geral, a função de uma pesquisadora passa pela ótica de dedicação de tempo, aprofundamento dos estudos e o abandono de parte de sua vida social para alcançar uma dimensão de resultados que, de uma forma ou outra, espera-se que tenha impacto na vida das pessoas. Segundo Moreira (2003, p.71), a escrita do pesquisador-autor (...) “é cumprimento de dever, é fruto de estudo e pesquisa, é resposta a exigências externas, é produto da aprendizagem” (...), ou seja, uma pesquisa tem início a partir de inquietações. Preciado (2014, p.18) no livro intitulado *Manifesto Contrassexual – Práticas subversivas de identidade sexual* lança uma questão potente para reflexão: “(...) pode-se escrever sobre a homossexualidade sendo hétero?”. Essa questão atravessou a pesquisa na medida em que ecoou angústias da pesquisadora por ter recebido questionamentos por estar pesquisando gênero e sexualidades com delimitação em pessoas LGBTQIA+ e se identificar como mulher cisgênero²⁹ heterossexual.

Os desafios diante da temática LGBTQIA+ trazem questões que atravessaram a trajetória de vida e acadêmica da pesquisadora. Na adolescência, juventude e agora na vida adulta, pelas interações de amizade e trabalho com pessoas LGBTQIA+, acionava

²⁹ Termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu “gênero de nascença”. O cisgênero é a oposição ao transgênero, pois este último apresenta identificação com um gênero diferente daquele que lhe foi atribuído quando nasceu.

questionamentos que me instigaram a indagar as razões que levam alguns corpos a ser condenados e até violentados por causa da orientação sexual/identidade de gênero.

Nessa perspectiva, é importante trazer a discussão de Butler (2018), em artigo intitulado *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*, na qual discorre sobre quais corpos não precisam provar a sua existência, isto é, aqueles mais próximos da matriz heterossexual inquestionável – homem, branco, heterossexual, classe média, cristão –, ao contrário daqueles mais distantes da matriz, com a perspectiva de opressão, negação de várias possibilidades e cerceamento de direitos. A partir de tal matriz excludente, alguns determinados corpos são classificados como abjetos e isso significa que ocupam uma zona “inóspita” e “inabitável” da vida social. Por consequência, não gozam do *status* de sujeito, ou seja, são nomeados como descartáveis. Os corpos são mais aceitos ou mais excluídos na proporção em que se aproximam ou se afastam da matriz heteronormativa. Ao refletir a partir de uma matriz excludente, é importante pensar como alguns corpos são desumanizados e são colocados na condição de abjetos, entre os quais podemos citar as juventudes LGBTQIA+. Para a autora:

(...) O reconhecimento do "outro", daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos. De modo mais amplo, as sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais e aqueles que ficam fora dela, às suas margens. Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. (...) (BUTLER, 2011, p. 9.)

Sabe-se que devido à heteronormatividade, as pessoas LGBTQIA+ estão à margem da sociedade brasileira, pelo fato de serem sujeitos julgados e reprimidos devido à sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Diante dos desafios de uma pesquisa que transita entre o campo dos apontamentos, dúvidas e da reflexão crítica, buscando uma dimensão de enfrentamento de normas legitimadas e criadoras de violência e extermínio de corpos deslegitimados, Haraway (2009), em suas discussões sobre identidade, apresenta um aspecto dessa discussão a partir daquilo que classifica como “identidades fraturadas”, ou seja, afirma ser preciso pensar em outras respostas para além das identidades constituídas, isto é, identidades de raça, de gênero, de sexualidade e de classe. Percebe-

se que cada grupo identitário defende o seu ponto de vista e as lutas nas quais acredita, sendo que nomear uma identidade, em detrimento das outras, provoca escolhas que impossibilitam um olhar na perspectiva da totalidade. Segundo a autora:

(...) coalizão, de afinidades e não de identidades” (...). A união com outros corpos que sofrem da mesma opressão é importante, pois as identidades parecem (...) “contraditórias, parciais e estratégicas” (...) e acrescenta que (...) “Depois do reconhecimento, arduamente conquistado, de que o gênero, a raça e a classe são social e historicamente constituídas, esses elementos não podem mais formar a base da crença em uma unidade “essencial” (...). (HARAWAY, 2009, p. 47).

Nesse contexto, é importante analisar a união dos corpos e das identidades como sendo possibilidades de resistência, diante do caos e da violência a que todos os dias as pessoas LGBTQIA+ são expostas. Butler (2018), em seu livro: *Corpos em Aliança – A Política das Ruas – Notas para uma Teoria Performativa de Assembleia*, contribui para a reflexão, pois os corpos em assembleia convocam a união de múltiplos corpos com características específicas e plurais que compõem cada indivíduo. São pessoas que reivindicam um futuro para além do vivenciado na atualidade, com novas possibilidades de enxergar uma sociedade que contemple os diferentes. Quando esses corpos se reúnem em assembleias, existe algo peculiar que contraria as normas e questiona a sociedade acerca de suas existências, vivências e importâncias. As manifestações são possibilidades reais de enfrentar as normas impostas, ou seja, contestar o que não abrange a maioria das pessoas. Para a pensadora:

Juntos eles exercem o poder performativo de reivindicar o público de uma maneira que ainda não foi codificada em lei. E essa performatividade não é apenas a fala, mas também as reivindicações da ação corporal, do gesto, do movimento, da congregação, da persistência e da exposição à possível violência. (BUTLER, 2018, p. 84).

A partir das minhas experiências pessoais, profissional e acadêmica fui construindo uma relação de laços com o segmento LGBTQIA+ no qual me posicionei como mulher, cisgênero, heterossexual e pesquisadora de gênero e sexualidades habilitada para tais discussões, pois a minha interação com o tema não se deu em curto período, conforme descrito até agora no decorrer dessa pesquisa. Uma mulher cisgênero heterossexual pode sim pesquisar sobre gênero e sexualidades com delimitação em pessoas LGBTQIA+. São experiências que me habilitam a falar desse lugar, permeado

por escutas, olhares, acolhimentos, trajetórias de vidas, biografias e experiências. Isso não significa que essa minha escuta ou fala esteja na mesma condição das experiências e subjetividades do sujeito, mas sim na condição de ser aliada no combate ao conjunto de opressões que recai sobre as pessoas LGBTQIA+. Por tal razão, a minha preocupação foi adotar uma metodologia que pudesse dialogar com as subjetividades dos sujeitos que viabilizasse conversas, trocas e aprendizados. Uma relação entre pesquisadora e participantes da pesquisa numa dimensão de horizontalidade, isto é, um entrelaçamento de afetos.

CAPÍTULO 2

2. A ESCOLHA DO MÉTODO

A pesquisa buscou discutir as estratégias de resistência utilizadas por jovens LGBTQIA+ que frequentam ou participam de ações ou eventos do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais - CELLOS/MG, na faixa etária de 18 a 29 anos, a partir de suas vivências em diferentes espaços formativos na cidade de Belo Horizonte.

Antes de um aprofundamento sobre os caminhos metodológicos que foram percorridos na pesquisa, é interessante considerar Larrosa (2001) e o seu artigo intitulado *Dar a palavra. Notas para uma dialógica da transmissão* em que utiliza as palavras “futuro” e “porvir” de forma a fazer referência ao tempo que “vem” e, por meio delas, analisa a educação e a sua relação com a infância. Na jornada metodológica, tais termos serão usados para estudo dos percursos de “viver” e de “resistir” dos jovens LGBTQIA+. Larrosa (2001) refere-se ao futuro como sendo (...) “aquilo que se pode antecipar, que se pode projetar, predizer ou prescrever; com aquilo sobre o qual se pode ter expectativas razoáveis” (...). (p. 286). Diante do futuro, optou-se por construir o presente estudo com os jovens LGBTQIA+ por entender que suas vivências, resistências, diálogos e saberes complementam-se e fortalecem-se. Já em relação ao porvir, o autor o descreve como sendo (...) “aquilo que não se pode antecipar, nem projetar, nem prever, nem predizer, nem prescrever; com aquilo sobre o que não se pode ter expectativas” (...). (LARROSA, 2001, p. 286).

No contexto da pesquisa, a ideia do porvir, teve como propósito compreender como os jovens LGBT conseguem resistir a normas “formadas por modos de poder que buscam normalizar determinadas versões do humano em detrimento de outras, fazendo distinções entre humanos ou expandindo o campo do não humano conforme a sua vontade” (BUTLER, 2018, p. 44). Dessa forma, as normas, para os considerados não humanos, são opressoras, debilitadoras e promotoras de submissões, bem como impedem o reconhecimento de realidades plurais. Pensando a partir das juventudes LGBTQIA+ e no contexto histórico da sociedade brasileira, é possível compreender como vidas LGBTQIA+ são impactadas pela precariedade e como “sofrem consequências da deterioração de redes de apoio sociais e econômicas mais do que

outras, e ficam diferencialmente expostos ao dano, à violência e à morte.” (BUTLER, 2018, p. 40)

2.1. O método: conversação

A presente pesquisa privilegiou uma abordagem qualitativa, buscando os percursos de vida dos participantes pesquisados como fonte direta para obtenção dos dados, recorrendo a um estudo analítico, como proposta de identificar os processos em torno da questão gênero e sexualidade dos jovens LGBTQIA+, moradores da cidade de Belo Horizonte.

Gênero e sexualidades é um campo irregular e escorregadio e até certa medida difícil de mensurar. Cada jovem LGBTQIA+ vive e constrói uma identidade juvenil própria permeada por sua condição social, cultural, gênero, étnica e espacial, dentre outros aspectos. A investigação qualitativa oportunizou identificar os processos particulares, ou seja, os elementos significativos que fazem parte da vida dos jovens LGBTQIA+, num campo possível de constatação. Tendo em vista o que pontua Bogdan (1994), a natureza do presente estudo pauta-se na abordagem qualitativa que:

(...) privilegia, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação. As causas exteriores são consideradas de importância secundária. Recolhem normalmente os dados em função de um contacto aprofundado com os indivíduos, nos seus contextos ecológicos naturais (...). (BOGDAN, 1994, p. 16).

A pesquisa qualitativa viabiliza a aproximação com as pessoas que colaboram com a pesquisa, além de permitir planejar e desenvolver em conjunto formas de conduzir e implementar as etapas do processo de pesquisa. Nesse sentido, ao estabelecer contato com os sujeitos de pesquisa, é necessário respeitar a diversidade dos significados culturais, das crenças, dos valores, da subjetividade e das diversas cosmovisões.

A proposta metodológica utilizada pauta-se pela pesquisa do tipo Conversação³⁰, entendida como metodologia e utilizada na sua dimensão técnica e teórica. A técnica da Conversação foi criada em 1990 pelo psicanalista e escritor Jacques Allain-Miller, que em 1996 criou o Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Infância –CIEN –, na

³⁰ Na presente pesquisa utilizaremos Conversação com letra maiúscula e minúscula. Quando Conversação estiver com letra maiúscula, significa que estamos falando do método e quando utilizarmos conversação com letra minúscula, nos referirmos ao número de conversações que ocorreram.

França, contando com a participação de profissionais como professores, educadores e psicólogos. Eles tinham como foco reunir os resultados das conversações acerca dos obstáculos que recaíam sobre as crianças e os adolescentes e a elaboração individual de possíveis resoluções para os seus problemas. Em 2005, o CIEN constituiu-se como Associação e, em 2007, chegou ao Brasil para expandir seus trabalhos e conhecer as novas propostas desenvolvidas no país. (FERREIRA, 2018).

A Conversação orienta a privação de conceitos preestabelecidos e o entendimento de que as pessoas dispõem de saberes e que não existe saber maior ou menor, uma vez que todos têm que ser considerados. É importante salientar que, nas conversações, os participantes, em grupo, podem aprender e refletir, por meio dos próprios discursos, sobre suas dificuldades e particularidades, além de compartilhar e complementar os saberes, sem imposição de conhecimentos, uma vez que o objetivo é proporcionar momentos que vislumbrem renovações e criações:

(...) A conversação sacode identificações, mitos e ficções que cada participante constrói para si, convida cada um a falar sobre o mais particular, faz surgir a diferença; não o consenso. Na oferta da palavra algo se opere no sentido da construção de novos laços sociais, pois cada sujeito tem a oportunidade de delinear respostas possíveis para o próprio sofrimento. (FERREIRA, 2018, p.133)

Ferreira (2018) descreve que o dispositivo de Conversação pode ser utilizado por profissionais que não sejam psicanalistas, entretanto ressalta que quem vai utilizar o recurso precisa (...) “ser atravessado pela “experiência da palavra”, alguém que tenha experimentado e seja sensível à discordância entre o que se diz – o enunciado e o que se “quer” dizer (ou diz sem querer) – a enunciação” (...). (p. 33). Para a autora:

Entende-se a Conversação como uma oportunidade de lidar com a palavra para problematizar o socialmente instituído. Além disso, é uma forma de evidenciar as vozes que trocam experiências, reconhecem-se e reformulam ideias através de seus relatos. Num processo dinâmico, sem esperar consensos, mostra como os sujeitos organizam seu mundo, principalmente em torno de suas fraquezas mais eminentes e dos estereótipos construídos e, ao mesmo tempo, reconstróem-se “no ato mesmo de sua palavra” (FERREIRA, 2018, p. 144).

Portanto, quem vai coordenar as conversações pode proporcionar algumas provocações, todavia deve estar atento às demandas dos participantes, seja nos atos surpreendentes, nas repetições e inclusive nos silêncios, pois nestes também estão as possibilidades do novo. No decorrer das conversações, existe a possibilidade de acolher

manifestações subjetivas em cada situação vivida, por meio de histórias e versões sobre os diversos temas. A Conversação provoca algo peculiar: “não mais falar sobre os colaboradores da pesquisa, mas falar com eles, ou seja, concebê-los como sujeitos em conversação”. (MIRANDA; VASCONCELOS; SANTIAGO, 2006) A Conversação abre espaço para a fala espontânea e a escuta entre os pares.

A proposta da metodologia da Conversação para compreensão das estratégias de resistências dos jovens LGBTQIA+ que participam ou frequentam de ações ou eventos do CELLOS/MG, a partir de suas vivências e resistências em diferentes espaços formativos na cidade de Belo Horizonte, torna necessário conhecer as suas trajetórias e experiências de vidas interconectados, ou seja, o acesso a essas histórias de maneira individual traria resultados diferentes quando se propõe que as narrativas sejam complementadas e atravessadas pela experiência do outro. A dinâmica das falas, os sentidos das palavras e como isso impacta o indivíduo, a partir de sua subjetividade nas dimensões individuais e coletivas, são as potencialidades da escolha do método da Conversação.

O método de Conversação não exige roteiros, no entanto é necessário pensar em dispositivos que possibilitem os inícios dos diálogos. Sendo assim, a coordenadora pode lançar questões e um mínimo de recursos para atenuar as problematizações trazidas pelos participantes. Foram trazidas quatro temáticas com perguntas diferentes e que se complementam. Importante salientar que as temáticas não se caracterizam por um questionário estruturado, mas sim por uma forma de conduzir as Conversações. A primeira temática tem questões relacionadas às juventudes, já a segunda é relacionada às configurações familiares, a terceira temática é referente ao processo educacional, a quarta temática versa sobre diversão, segurança e a cidade de Belo Horizonte, a quinta e a sexta temática surgem a partir das sugestões dos sujeitos de pesquisa, ou seja, os temas autoestima e depois projeto positividade. Foram indagações que tiveram por objetivo identificar as estratégias de resistências e vivências dos jovens LGBT que frequentam, participam de ações ou eventos no CELLOS/MG na cidade de Belo Horizonte.

Entretanto é importante destacar que nem todas as perguntas foram utilizadas pela coordenadora no decorrer das Conversação. Por conseguinte, outros temas e sugestões que os jovens compreenderam como sendo importantes foram trabalhados, de modo a enriquecer as reflexões e o conhecimento de todos os envolvidos. É interessante

ressaltar que ao iniciar cada Conversação com os jovens LGBTQIA+, eles traziam discussões embasadas no cenário atual do país, ou seja, conversavam sobre as drásticas consequências da pandemia da Covid-19 para a população brasileira que incluía constantemente reflexões acerca da turbulenta gestão do presidente Jair Messias Bolsonaro. Conversavam também sobre os desdobramentos do confinamento e de suas aspirações pós-pandemia. Ansiavam pelas vacinas com a perspectiva de amenizar todos os impactos causados pela tragédia sanitária e social. Em diversas outras oportunidades, foram compartilhados, entre os jovens LGBTQIA+, indicações de filmes, peças de teatro, séries, livros, bares, festas e praças da cidade. Também dialogaram acerca de confraternizações virtuais de aniversários e possíveis encontros presenciais com a amenização da pandemia. Ocorreram também divergências em algumas temáticas, como por exemplo, quando o tópico era adoção homoafetiva.

A pesquisa aconteceu com a participação de seis jovens, com as seguintes características: três estavam na faixa etária entre 18 a 29 anos e os outros três com a idade acima de 29 anos; autorreconhecimento e autodeclaração LGBTQIA+ em diferentes espaços e situações; atuação política na causa LGBTQIA+, ou seja, sujeitos políticos que conforme Butler (1998) são os que “se constituem mediante a exclusão, isto é, mediante a criação de um domínio de sujeitos desautorizados, pré-sujeitos, representações de degradação, populações apagadas da vista” (p. 22); residência no município de Belo Horizonte e frequência ou participação em ações ou eventos no Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual (CELLOS/MG).

O método de Conversação foi aplicado em local, dia, horário e disponibilidade acordados com os jovens que frequentam ou participam de ações e eventos do CELLOS/MG e que puderam contribuir com o resultado da pesquisa. A princípio, as conversações aconteceriam no Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual – CELLOS/MG, localizado no endereço: Avenida Afonso Pena, nº 867, sala 2207, Edifício Acaiaca, Centro, Belo Horizonte/MG. Planejava-se a realização de um total de seis conversações do grupo com a pesquisadora, podendo ocorrer outras conversações, desde que combinadas com os sujeitos de pesquisa. Essa dinâmica sofreu alterações em decorrência da pandemia do Covid-19 que modificou todas as estratégias do campo, fazendo com que todas as conversações fossem realizadas via plataforma virtual.

Desta forma, foi realizado o pedido de autorização da gravação da voz, em resposta às questões que lhes foram apresentadas, com o intuito de conhecer

minimamente as suas vivências e resistências no decorrer dos seus percursos de vida. O registro das narrativas foi gravado e posteriormente transcrito no formato de texto. Houve o recurso do uso em paralelo do caderno de campo para anotar características que não puderam ser captadas, inclusive todo o contexto das conversações, com o objetivo de registrar fatores reveladores.

As gravações e o caderno de campo ficarão armazenadas sob cuidados da pesquisadora pelo prazo máximo legal equivalente a 5 (cinco) anos em local seguro. Os resultados da pesquisa serão utilizados em trabalhos científicos publicados ou apresentados oralmente em congressos e palestras sem revelar a identidade dos participantes. Os dados obtidos durante a pesquisa são confidenciais e não serão usados para outros fins.

A análise dos dados ocorreu numa conexão entre um arcabouço teórico previamente formulado, ou seja, um contexto geral fomentador de reflexões sobre a construção de orientação sexual/ identidades de gênero, além de buscar sentidos nas narrativas identificando os processos significativos produtores de vivências e resistências dos jovens LGBTQIA+ que frequentam ou participam de ações e ou eventos no CELLOS/MG.

2.2. Recalculando a rota

Diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19), foi necessário recalcular a rota e pensar em estratégias para dar continuidade à pesquisa, mas como fazer isso diante de um vírus que se alastrou, exigiu o distanciamento e o isolamento social e fez milhões de vítimas pelo mundo?

Ao observar todo o contexto da pandemia, foi possível acompanhar, pelas redes sociais, movimentações das pessoas LGBTQIA+ tentando auxiliar companheiros e companheiras que ficaram desempregadas, impossibilitadas de pagar o aluguel, sem acesso regular a alimentos, sofrendo violências físicas e psicológicas por precisarem ficar isoladas dentro de núcleos familiares com indivíduos que não respeitavam as suas orientações sexuais/identidades de gênero. Ademais, outros membros da população LGBTQIA+ não conseguiam solicitar o pedido de auxílio emergencial, pois não tinham acesso ao pacote básico de internet e necessitavam de orientações e encaminhamentos

aos serviços públicos. Esse contexto incluía também os jovens LGBTQIA+ do CELLOS/MG presentes em interações pelas mídias sociais.

Iniciou-se, em maio do ano de 2020, um contato com o coordenador do CELLOS/MG, ocasião em que foi apresentada a pesquisa via plataforma do Google Meet e solicitada autorização para aplicar o questionário sociocultural para as pessoas na faixa etária de 18 a 29 anos. O objetivo inicial era conhecer minimamente o perfil dos jovens LGBTQIA+ que participariam da primeira etapa da pesquisa com perguntas que versaram sobre: autoidentificação, ou seja, acerca de orientações sexuais/identidades de gênero, esclarecendo que inclusive poderiam escolher um nome para si, pensando na perspectiva de que talvez não desejassem identificação com os nomes registrados; faixa etária; cor/etnia; religião; situação conjugal efetiva; existência de filhos ou não; local de nascimento; situação da moradia; motivo de morar na cidade de Belo Horizonte; grau de escolaridade; situação no mercado de trabalho e faixa salarial.

Depois da devida aprovação por parte do coordenador, aplicou-se o questionário sociocultural, conforme consta no *APÊNDICE A*, pelo aplicativo de WhatsApp no grupo intitulado “Cellos Juventudes”, no dia 23 de maio de 2020 (sábado). A possibilidade de novas respostas encerrou-se no dia 30 de junho de 2020 (terça-feira), ou seja, ao todo foram 39 dias em aberto. Antes de encerrar o período citado, foi informado ao grupo que haveria fechamento para novas respostas e aguardou-se novas manifestações, mas não ocorreram. Alguns jovens questionaram se os resultados das respostas seriam disponibilizados para todos, sendo imediatamente respondido que sim e informado que estávamos na primeira etapa da pesquisa, e, que em breve, pós-pandemia da Covid-19, haveria um encontro presencial. Na totalidade, foram 14 perguntas, sendo 11 perguntas fechadas e três perguntas abertas, respondidas por 16 pessoas.

Logo após a aplicação do questionário sociocultural, informou-se ao grupo de jovens que a próxima etapa de pesquisa seria presencial, ou seja, supondo que a pandemia seria controlada, fato que não aconteceu, havendo recrudescimento do quadro da contaminação e o agravamento de problemas de ordem econômica, política e social para a população brasileira em geral, sobretudo para as pessoas LGBTQIA+. As experiências profissionais da pesquisadora e as várias reportagens³¹ veiculadas nas redes

³¹Universidade Federal de Minas Gerais. <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/populacao-lgbt-ficou-mais-vulneravel-com-a-pandemia-1> Acesso em: 05 de mar. de 2021.

sociais demonstraram como as pessoas LGBTQIA+ ficaram mais vulneráveis diante da crise generalizada.

No ano de 2021, percebeu-se que não seria possível dar continuidade à pesquisa da forma que foi planejada e, diante da contextualização acima, elaborou-se um documento, encaminhado ao presidente do CELLOS/MG, solicitando autorização para realizar as conversações via plataforma do Google Meet com os jovens LGBTQIA+ que responderam ao questionário sociocultural. Depois da devida autorização por parte da presidência do CELLOS/MG, houve uma retomada de contatos com os jovens. Constatou-se que alguns haviam deixado o grupo de WhatsApp. Houve justificativas como: “voltei para a casa dos meus pais”, ou “retornei para o interior de Minas Gerais”, obtidas inicialmente através do grupo de WhatsApp. Foi possível fazer outro grupo no aplicativo de mensagens, criado em 06 de fevereiro de 2021, reunindo 10 jovens. O grupo recebeu o nome “VIVÊNCIAS E RESISTÊNCIAS” e até o momento está sem fotografia que possa caracterizá-lo. Solicitou-se aos jovens integrantes do novo grupo um dia e horário para apresentação do retorno da primeira etapa de pesquisa com os seus objetivos gerais e específicos. Depois de constantes negociações, quanto a dia e horário que contemplasse a todos, no dia 23 de fevereiro do ano de 2021, foi apresentada a pesquisa via Google Meet para 6 jovens e todos aderiram às próximas etapas.

É interessante ressaltar que dos dez (10) integrantes, seis (06) confirmaram a presença, porém houve outros que não manifestaram interesse, mesmo depois de serem convidados individualmente. Desta forma, postou-se uma mensagem ao grupo com o seguinte conteúdo:

“Ei, como estão? Espero que estejam todos bem. Peço licença para conversar com vocês. Preciso saber quem realmente deseja participar, se tem disponibilidade e principalmente se desejam colaborar. Eu coloquei no grupo somente pessoas que me autorizaram, mas compreendo perfeitamente que talvez algumas pessoas não queiram mais fazer parte **e tá tudo bem!!!** Eu respeito, não vai mudar em nada o meu compromisso e respeito com vocês. Eu sei que estamos passando por momentos difíceis, alguns trabalham, outros possuem outros compromissos, outros não estão com cabeça para participar. **E tá tudo bem.** Aguardo a manifestação de vocês. Para os que decidirem sair, nos encontramos por aí, no trabalho voluntário no CELLOS/MG ou em outros espaços de BH. Estou à disposição de todos vocês. Abraços.”

Em seguida, não houve retornos e novamente foram realizados contatos individualmente com os que não se manifestaram desde o início da formação do novo grupo. Alguns disseram que estavam com problemas de saúde na família ou desempregados. É compreensível que o momento, de turbulência política, pandemia, alta nos preços dos alimentos, desemprego e outros problemas de ordem gigantesca, dificulte bastante o processo. No total, seis jovens LGBTQIA+ no grupo de WhatsApp ficaram disponíveis e foi acertado que a primeira Conversação seria no dia 10 de março de 2021. Foi indagado aos participantes sobre com qual temática desejariam iniciar ou se possuíam outros temas que gostariam de compartilhar, pensando que todas as proposições poderiam colaborar para a compreensão de estratégias utilizadas por eles, jovens LGBTQIA+, diante das múltiplas violências que os acometem.

É importante destacar que as conversações aconteceram no contexto descrito acima.

CAPÍTULO 3

3. GÊNERO E SEXUALIDADES

Em conformidade com todas as proposições elencadas até aqui, neste momento da pesquisa trazemos para o leitor o contexto histórico de gênero e sexualidades. No primeiro momento, trazemos alguns pontos primordiais do movimento LGBT no cenário mundial e em seguida propomos uma breve construção de gênero e sexualidades a partir do século XVII e no decorrer dos séculos até o marco de Stonewall nos Estados Unidos. No segundo momento, no Brasil, desenvolvemos o contexto histórico a partir da década de 1970 até os dias atuais para compreendermos os percursos dos movimentos LGBT no país.

3.1. Gênero e sexualidades

O historiador, sexólogo e escritor Thomas Laqueur (2001), em seu livro intitulado *Inventando o Sexo – corpo e gênero dos gregos a Freud*, demonstra como o corpo feminino e masculino eram conhecidos e interpretados a partir do *lôcus* da ciência médica no século XVII. O autor inicia o seu trabalho com foco nas pesquisas sobre o orgasmo feminino, pois, no contexto do século XVII, a comunidade médica defendia um imaginário falocêntrico. As discussões sobre ter ou não orgasmo para o processo de procriação não eram pauta de discussão no mundo masculino, isto é, os homens não eram interpelados, pois, segundo o autor, o pênis (...) “dizia tudo em quase todas as circunstâncias” (...) (p. 8.).

A comunidade científica, a partir da ciência médica no século XVII, acreditava que os corpos e os órgãos internos da mulher e do homem tinham as mesmas funções, mas que o corpo da mulher era como que virado para a parte interna. Os órgãos internos da mulher e do homem eram considerados equivalentes, o canal vaginal era igual ao pênis, o útero entendido como escroto e os ovários como testículos. O silêncio dominava e, com as dissecações, os médicos percebiam as diferenças entre os corpos, o que não era dito. O corpo da mulher foi considerado como subespécie dos homens durante séculos, sendo que a medicina e os filósofos defendiam que o corpo da mulher era imperfeito, uma extensão do corpo masculino. Segundo Laqueur (2001):

(...) Durante milhares de anos acreditou-se que as mulheres tinham a mesma genitália que os homens (...). (...) demonstrava com detalhes que as mulheres eram essencialmente homens, nos quais uma falta de calor vital de perfeição – resultara na retenção interna das estruturas que no homem são visíveis na parte externa (...). (LAQUEUR, 2001, p. 16.)

No decorrer da história, anatomicamente os órgãos femininos e masculinos foram nomeados e entendidos como iguais, a diferença baseava-se no fato de que um dava a luz e o outro não. As distinções que ocorriam estavam conectadas ao campo da natureza, ou seja, foram predestinadas pela vontade divina, o homem era a razão e a mulher era a terra. O sexo na dicotomia homem/mulher – forte/fraco envolvia e fortalecia o discurso que eles deveriam ser corajosos e elas deveriam ser responsáveis pelo cuidado. Laqueur complementa que:

(...) Ser mulher significa ter semente mais fraca, semente incapaz de procriar, não como matéria empírica mas como matéria lógica. “Em decorrência disso, é claro, a mulher deve ter testículos menores, menos perfeitos, e o sêmen gerado nelas deve ser mais escasso, mais frio e mais úmido (pois essas coisas também decorrem necessariamente da deficiência de calor) (...). A semente masculina é sempre mais espessa e mais quente que a feminina, pela mesma razão que o pênis é saliente e não subdesenvolvido dentro do corpo, como o útero e os olhos da toupeira; os seres humanos são o animal mais perfeito, e o homem é o mais perfeito que a mulher porque tem “excesso de calor (...) (LAQUEUR, 2001, p. 55).

Quando o orgasmo foi retirado dos relatórios médicos, pois ter ou não ter orgasmo não determinava a fecundação, o corpo da mulher passou a ser conhecido, não como uma versão inferior do corpo do homem, deixando de ser visto como modelo de sexo único. O corpo passou a ser conhecido como modelo de dois sexos. Mesmo diante da possibilidade de dois corpos, de dois sexos, o entendimento acerca das diferenças entre os homens e as mulheres não desapareceu durante o período do Iluminismo, durante o século XVIII. A compreensão sobre os orgasmos tornou-se um tópico de discussão e a possibilidade de ter ou não ter, o gozo nos coitos, provocou transformações na compreensão acerca da diferença sexual. Quando os corpos passaram a ser conhecidos como modelo de dois sexos, a natureza da mulher trouxe possibilidades de refutação, exame ou definição.

No momento em que a medicina reconheceu a existência de dois corpos, masculino e feminino, pode-se dizer que ocorreu grande avanço no entendimento sobre

gêneros, apesar de que muitas dúvidas e mitos ainda cercarem o corpo feminino. No século XIX, os modelos masculino e feminino são questionados a partir de um fenômeno: a prática da homossexualidade. Nessa etapa, o corpo, em suas expressões masculino e feminino, começa a escapar dos moldes das ciências médicas e torna-se uma questão social, ou seja, a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo é vista pela sociedade como algo antinatural ou até mesmo como uma aberração.

O aprofundamento do contexto histórico sobre homossexualidade possibilita compreender que as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo sempre fizeram parte da humanidade. Apesar de que na dicotomia homem e mulher, a predestinação em procriar e seguir as regras estabelecidas foram marcas da trajetória feminina, especialmente, no que se refere ao corpo. Qualquer desvio desse modelo estabelecido entre os sexos passou a ser considerado uma aberração. Para Laqueur (2001): (...) porém quando a honra e o status estão em jogo, o desejo pelo mesmo sexo é considerado perverso, mórbido e completamente repugnante”. (p. 67).

Com o progresso da ciência, no século XIX, pôde-se verificar a intervenção de profissionais de diferentes áreas do saber (médicos, juristas, psiquiatras e peritos) na busca de explicações e ao mesmo tempo diagnóstico como condição para a “cura”. A prática da homossexualidade trazia em seu contexto uma hierarquização, fazendo referência aos atos sexuais entre homens e os atos sexuais entre mulheres. Segundo Laqueur:

(...) Escreveu-se muito mais sobre sexo entre homens que entre mulheres porque as consequências sociais e políticas imediatas do sexo entre homens eram potencialmente muito maiores. Já o sexo entre mulheres tinha relativamente pouca consequência. (...) (Laqueur, 2001, p. 67).

A relação sexual entre dois homens passava por uma concepção de poder, ou seja, a questão não é identificar o sexo, mas a diferença de *status* entre os parceiros e precisamente quem desempenha cada papel. O coito entre dois homens, no qual um representa o poder na forma de penetração e outro de passividade na forma de ser penetrado, sofreu e sofre forte repúdio social. A condição ativa no sexo não era vista como problema social, contudo aquele que se deixava ser penetrado era considerado detentor de problema profundo em termos médicos e morais. No caso feminino, aquelas que eram esfregadas em suas áreas genitais não eram encaradas como problema, isto é, não ameaçavam a ordem social. Já a mulher que tomava o papel atribuído ao homem era

considerada doente, um perigo para sociedade (LAQUEUR, 2001). Fica evidente que as relações homossexuais, no imaginário do século XIX, eram permeadas por uma relação de poder, independentemente de suas configurações.

O século XX representou para os homossexuais um tempo de luta por reconhecimento. Nasce, nesse momento, o movimento LGBT que tem como trajetória de luta a legitimidade de identidades de gênero e vivências sexuais diante de contextos marginais e estigmatizados. Para Cardinali (2018), o movimento LGBT nasce como forma de luta e resistência em uma sociedade heteronormativa, porém em seu núcleo interno apresenta tensões e disputas, ou seja, o movimento LGBT não se caracteriza por ser um fenômeno homogêneo. Para o autor:

O movimento LGBT é formado por um arranjo instável de identidades e experiências que muitas vezes só têm em comum entre si o fato de serem objeto da mesma marginalização social. Trata-se, como efeito, de uma comunidade formada a partir não de semelhanças e demandas em comum de seus integrantes, mas sim em razão de estes serem conjuntamente enxergados como "o outro" ou "o diferente" pela cultura heteronormativa dominante, que os homogeneiza neste processo. (CARDINALI, 2018, p. 11).

Cardinali (2018) argumenta que muitas siglas poderiam ser utilizadas para traduzir o tema da diversidade sexual e de gênero. Optou-se por, na presente pesquisa, adotar a sigla LGBT para representar esse segmento da sociedade em função de seu uso pela população em geral, pela imprensa, pela academia e pelo meio político. O movimento LGBT manifesta-se com intensidade na segunda metade do século XX nos Estados Unidos. O fato que marca a luta pelos direitos sexuais no referido século é a Revolta de *Stonewall*, ocorrida na cidade de Nova York, no ano de 1969.

A década de 1960 é o marco do fortalecimento dos movimentos de esquerda nos países do Ocidente em seus aspectos políticos e ideológicos. Os movimentos feministas e por direitos civis, tendo como pauta as lutas por direitos de mulheres e das populações afrodescendentes, ganham força. Destacam-se, nessa onda de contestação, também, os homossexuais em um tom de protesto elevado e contundente. Em diferentes países, desencadeiam-se movimentos e eventos de protestos, sendo que o movimento hippie foi o que teve maior repercussão midiática. O *black power*, *gay power* e *women's lib* foram movimentos que marcaram o caráter transformador da década de 1960, ou seja, uma proposta alternativa para o viés capitalista de consumo. Nessa década, vivenciamos aquilo que ficou conhecido como revolução sexual.

O fato que marcou a visibilidade dos grupos homossexuais nos Estados Unidos foi a Revolta de Stonewall, ocorrida na cidade de Nova York em 1969. Stonewall é um bar localizado no bairro nova-iorquino de Greenwich e frequentado por homossexuais. Na década de 1960, iniciava-se, nos Estados Unidos, uma discussão sobre a homossexualidade não ser vista como crime, porém, ainda persistia, por parte da polícia e de uma elite conservadora, uma perseguição a grupos de orientações sexuais vistas como anormais. O preconceito da sociedade dos Estados Unidos contra homossexuais gerava em diferentes espaços atritos com a polícia. Stonewall foi um dos poucos locais de resistência a essa onda de homofobia e transfobia, pois seus frequentadores gays, lésbicas, trans e bissexuais podiam expressar suas sexualidades em um contexto de liberdade. Para Quinalha:

(...) Nova York já era uma das cidades mais cosmopolitas do mundo naquele momento. Ao funcionar como epicentro econômico do capitalismo norte-americano, ela também se tornou um lócus privilegiado de desigualdades sociais e um refúgio para milhares de pessoas LGBTQ+ que migravam em busca do anonimato da vida em uma grande cidade. A mistura de “desajustados” de diferentes raças e classes sociais presentes em Stonewall era um ponto de partida propício para uma revolta coletiva. (QUINALHA, 2019, np).³²

Entretanto, tal realidade muda na madrugada do dia 28 de junho de 1969. Naquela noite, a polícia nova-iorquina realizou uma batida policial, sem motivo aparente, prendendo a maioria das pessoas presentes no bar. Tal fato gerou uma imensa revolta, provocando um enfrentamento das forças policiais por parte dos homossexuais, ocorrendo naquela noite uma cena de guerra. Uma onda de violência e protesto tomou a cidade, pois mesmo com a destruição do estabelecimento, os homossexuais ocuparam as ruas e os espaços públicos para reivindicar o direito sobre suas sexualidades. Esse movimento ganhou o mundo e impulsionou vários protestos de caráter semelhante em diferentes países. Pode-se sustentar que *Stonewall* foi um marco para a luta LGBTQ nos Estados Unidos e no mundo, inclusive no Brasil a partir da década de 1970.

A violência contra a população LGBTQ é uma questão estrutural da sociedade, tanto nos Estados Unidos como aqui no Brasil, necessitando de um estudo mais aprofundado sobre fenômenos que incidem sobre essa fobia do corpo homossexual. Borrillo (2001), em seus trabalhos sobre homofobia, destaca que o fenômeno passa por

³² Revista Cult. O mito fundador de Stonewall. Renan Quinalha. 03 de junho de 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-mito-fundador-de-stonewall/> Acesso em: 16 de abr. de 2021.

um processo de construção dentro da sociedade, necessitando para o seu entendimento de um exercício de aprofundamento teórico e ampliado da temática. A homofobia tem sido foco de vários debates no cenário político brasileiro, gerando muitas polêmicas. A discriminação incide sobre a população LGBT, mas também age e produz efeitos sobre todos os outros indivíduos, homossexuais ou não. Exemplificando, podemos retomar a justificativa deste trabalho, em que é possível compreender como a homofobia age, ou seja, o jovem abusado sexualmente pelo padrasto foi duramente questionado pelas instituições por não ter comportamentos que são esperados pelos homens. Ocorre que na consideração que existem expressões de gênero (comportamentos, gostos, estilos) que não são apropriadas para homens por serem algo exclusivamente feminino, percebe-se também um preconceito/ódio contra as mulheres. Sendo assim, Borriolo define a homofobia como:

(...) hostilidade geral, psicológica e social, em relação àqueles e àqueles que deveriam desejar indivíduos de seu próprio sexo ou ter práticas sexuais com eles. Forma específico do sexismo, a homofobia também rejeita todos os que não se contentam com o papel padrão por causa de seu sexo biológico. Construção ideológica que consiste em promover uma forma de [hetero] sexualidade em detrimento de outra [homo], a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades e dela derivam consequências políticas. (BORRILO, 2001, p.34)

Para o autor, a homofobia tem como eixo de expressão os sentimentos de repulsa às pessoas que possuem o desejo por outras pessoas do mesmo sexo, ou seja, nesses casos a sociedade hierarquizada vê essa relação como um fenômeno inferior ou anormal. Um aspecto importante da homofobia é a compreensão que tal fenômeno possui raízes estruturais em uma sociedade, tais como o racismo, a xenofobia, misoginia e classismo, além de encontrar sustentação no conceito de diferenciação natural como expressão de uma segregação a determinados grupos sociais. Ou seja, a explicitação de uma raiz do binômio aceitável/inaceitável. Uma naturalização da homofobia proporciona, por meio de dispositivos de poder vinculados aos mecanismos legitimados pela união dos aspectos científico-jurídico-pedagógico-políticos, uma desigualdade de acesso a recursos econômicos, políticos, sociais, jurídicos e culturais, deixando lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em desvantagem nas relações sociais. Um processo de naturalização da homofobia foi sendo construído historicamente, inicialmente evidenciado pelo cristianismo, herdeiro da tradição judaica que confere à heterossexualidade o posto de único comportamento natural conforme a lei divina.

Nos últimos anos, está introduzindo-se no campo de debate sobre violências contra a população LGBT, a palavra LGBTfobia. Quem utiliza o vocábulo são os movimentos sociais, o judiciário e as políticas pró-LGBT, dentre outros atores sociais, para denunciar as manifestações de preconceito, discriminação e intolerância causados por orientação sexual e/ou por identidade de gênero. A utilização do termo LGBTfobia é plural e explícita que lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais estão inseridos no referido contexto de opressões.

3.2. E o movimento LGBT no Brasil?

Antes de buscar um aprofundamento sobre o contexto LGBT no Brasil, é preciso destacar um período da história que ficou conhecida como ditadura militar (1964 – 1985). Fase marcada por censuras, perseguições políticas, retirada de direitos individuais e a consequente falta de democracia. Cidadãos que não eram favoráveis ao período militar foram presos, exilados ou mortos. A ditadura militar restringiu, especialmente, os direitos sexuais no Brasil.

Em 1978, com o início da abertura política, foram possíveis novos diálogos entre os grupos descontentes com o tratamento que os movimentos homossexuais recebiam no país. Mesmo diante de percalços “(...) a população LGBT, com muita coragem, energia e resistência, estabeleceu uma agenda inédita, progressista e transformadora, lutando por visibilidade, respeito e pela redemocratização do país.” (FRY, 1985). Facchini (2003) ressalta que era necessária uma definição, por meio de um debate amplo e público, sobre o papel dos movimentos homossexuais naquele contexto histórico. Para a autora:

O movimento homossexual é aqui entendido como o conjunto das associações e entidades, mais ou menos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual e/ou reunir, com finalidades não exclusivamente, mas necessariamente políticas, indivíduos que se reconheçam a partir de qualquer uma das identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento. (FACCHINNI, 2003, p. 84)

Segundo Facchini (2003), no mesmo ano de 1978 foi criado o jornal *Lampião da Esquina*, editado na cidade do Rio de Janeiro por jornalistas, intelectuais, profissionais liberais e ativistas que pretendiam originalmente dar visibilidade aos movimentos homossexuais na cidade carioca, com a tentativa de criar alianças com outros grupos de

resistência tais como: negros, feministas, indígenas, dentre outras iniciativas de contestação. Tal aliança não obteve sucesso, todavia é inegável que o periódico *Lampião* apresentava discursos e ações progressistas que legitimavam a homossexualidade diante de questões políticas e culturais. Apesar de todas as restrições que a publicação *Lampião da Esquina* encontrava pelo caminho, nesse mesmo ano, foi redigida uma carta para o Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro com denúncias contra o modo pejorativo como os homossexuais eram representados e tratados pela imprensa em geral.

No ano seguinte, em 1979, surgiu o Grupo SOMOS que era composto inicialmente por homens gays que participaram de um evento ocorrido na Universidade de São Paulo – USP – em que ocorria, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, um ciclo de debates acerca dos direitos de minorias sociais. O grupo SOMOS também foi marcado por contexto de tensões, atritos e desavenças, em função de divergências ideológicas. No mesmo período, o SOMOS foi surpreendido com a presença de lésbicas que foram convidadas, pela primeira vez, a escrever matéria para o jornal *Lampião da Esquina*. As trocas de experiências e convivências entre as lésbicas e gays denunciaram as desigualdades que as acometiam. Marisa Fernandes, fundadora do Grupo Lésbico Feminista – LF –, do Grupo de Ação Lésbica Feminista – GALF – e Coletivo de Feministas Lésbicas – CFL –, descreveu os sentimentos que as lésbicas tinham naquele momento:

(...) A palavra usada para identificar tanto os gays quanto as lésbicas era “bicha”, mas as mulheres do SOMOS queriam ser chamadas de lésbicas, uma palavra à qual se tinha imputado uma conotação pejorativa e agressiva, então era preciso usá-la para esvaziar seu conteúdo violento. Ao se referirem às mulheres em geral, os gays usavam os termos “racha” ou “rachada”, o que para as lésbicas era impossível de se admitir. (...) (GREEN; QUINALHA; FERNANDES, 2018, p. 93)

Portanto, as lésbicas influenciadas pelo movimento feminista e por referencial teórico próprio, sentindo-se discriminadas pelos *gays* com suas condutas machistas, decidiram criar o subgrupo de trabalho dentro do Grupo SOMOS, intitulado: Grupo Lésbico Feminista – LF – que tinha como premissa o fortalecimento da independência política das lésbicas, diante da centralização do poder masculino. Elas atuavam sobre assuntos singulares, mas sentiam o predomínio do poder e conseqüentemente das decisões masculinas. Para Fernandes (2009), as lésbicas que integravam o grupo eram: “(...) plurais, de etnias, credos, escolaridade e classes sociais diferentes, desde

empregadas domésticas até programadora de software, todas mulheres que não vinham da academia, mas dos *armários* e do *gueto*. (p. 94).

Salienta-se que alguns gays do grupo SOMOS não apoiaram a decisão das lésbicas em criar o subgrupo, sendo elas apontadas como “históricas e divisionistas”. O machismo era questionado nos grupos homossexuais, pois existia divisão entre as formas de tratamento e postura que cada pessoa desenvolvia, como por exemplo: *ativo/passivo*, *dominador/dominado*, *fanchona/lady*. Além dos termos que inferiorizavam uns em detrimento de outros, os primeiros grupos de ativistas homossexuais no Brasil contestavam que a homossexualidade era vista como perversão, infâmia, doença, e, apesar de todas as diferenciações, todos os questionamentos possuíam um único desejo: respeito e tratamento igualitário na sociedade.

A década de 1980 representou para o Brasil um marco histórico que alterou a configuração da sociedade civil e política. O período excludente trouxe muita indignação para diversos brasileiros, pois eram os que não tinham acesso a direitos básicos como saneamento básico, educação, saúde, habitação, fazendo com que surgissem organizações de lutas por meio de sindicatos, associações comunitárias, novos partidos políticos, além de organizações não governamentais que desenvolviam ações que o Estado indevidamente não executava.

O país passava por mudanças significativas no contexto social, com a participação ativa dos movimentos políticos feministas, gays e lésbicos. E o impacto da emergente pandemia do HIV/AIDS revolucionou o debate acerca das sexualidades e trouxe preocupação crescente com as dimensões da saúde reprodutiva e sexual (PARKER, 2018). A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) reforçou o estigma, o preconceito e a discriminação contra pessoas homossexuais. As pessoas diagnosticadas com HIV/AIDS vivenciavam situações de abandono, demissão dos postos de trabalho, isolamento, dentre outras situações, sem quaisquer benefícios que pudessem amenizar as dificuldades.

Por outro lado, no artigo *Uma política pós-Identitária para a Educação*, Louro (2008) descreve como o autor Trevisan nomeou, para além da homofobia, os efeitos positivos da epidemia, pois foi possível compreender a importância de uma comunidade de uma forma que jamais seria alcançada pelo movimento homossexual. A AIDS segundo Trevisan possibilitou uma “*epidemia de informação*”, ou seja:

O vírus da AIDS realizou em alguns anos uma proeza que nem o mais bem-intencionado movimento pelos direitos homossexuais teria conseguido, em muitas décadas: deixar evidente à sociedade que homossexual existe e não é o outro, no sentido de um continente à parte, mas está muito próximo de qualquer cidadão comum, talvez ao meu lado e – pelo menos enquanto virtualidade. (LOURO, 2008, p.36)

Em 1982, são identificadas as primeiras pessoas com AIDS no Brasil, sendo que a doença ficou conhecida como “Câncer Gay” ou “Peste Gay”, pois, no primeiro momento, somente os gays eram identificados como infectados. Entretanto, com o decorrer do tempo, percebeu-se que a doença também acometia outras orientações sexuais e por isso deixou de ser associada exclusivamente aos homossexuais. A enfermidade trouxe medo, desafios e preocupações para a população de modo geral, porém, em se tratando de gays e lésbicas, nem todos resolveram fortalecer o combate à AIDS, pois alguns acreditavam, que, buscando tratamento, estariam reforçando e sucumbindo ao padrão médico que patologizava os corpos, caracterizando-os como pessoas que tinham comportamentos sexuais desviantes e doentios. Não desejar buscar informação sobre a AIDS era uma estratégia de alguns gays e lésbicas para não reforçar o vínculo entre a doença e a homossexualidade.

Contudo, outras pessoas integrantes do movimento gay dispuseram-se a enfrentar a doença e buscar auxílio e informações nos serviços de saúde, fato que movimentou vários atores em prol do combate à doença. Os entes federativos precisaram de organização para responder ao grande número de demandas que a doença trazia e foi necessário articular as informações e as ações com a União e Municípios para enfrentar a epidemia. A AIDS produziu efeitos complexos para além das pessoas homossexuais, pois:

(...) a doença atingiu mais fortemente, além desde grupo, usuários de drogas injetáveis e prostitutas, sujeitos socialmente estigmatizados, o que produziu um discurso moralizante de culpabilização da própria vítima, que ora assumia cores pretensamente científicas (“câncer gay”), ora atualizava um discurso religioso ancestral (“castigo divino”) (CARDINALI, 2018, p.23).

Em tal contexto, os movimentos homossexuais também reivindicavam seus direitos, além de pensar e articular formas de combater o preconceito, uma vez que a homossexualidade passava a ser visível para o grande público. Nesse período, destaca-se que o Jornal Lâmpião da Esquina deixou de ser exclusivo do âmbito Rio e São Paulo

para ser distribuído nacionalmente, exercendo importante papel na divulgação do movimento para outros estados.

Durante a década de 1990, ocorreram movimentos importantes e surgiram novos fatores que ampliaram as conquistas adquiridas pelos gays e lésbicas no cenário brasileiro, ou seja, um “reflorescimento das iniciativas militantes”. Facchini (2003) ressalta que o movimento adquiriu organização diante do processo de redemocratização, das velhas maneiras de articulação política e diante do surgimento do HIV/AIDS. Para a autora:

(...) chegava à segunda metade da década de 1990 com uma presença marcante na mídia, ampla participação em movimentos de direitos humanos e de resposta à epidemia da AIDS, vinculação a redes e associações internacionais de defesa de direitos humanos e direitos de gays e lésbicas, ação junto a parlamentares com proposição de projetos de lei nos níveis federal, estadual e municipal, atuação junto a agências estatais ligadas aos temas DST/AIDS e Direitos Humanos. (FACCHINI, 2003, p. 85)

Depois de intensa luta por parte das lésbicas e participação efetiva no VII Encontro Brasileiro de homossexuais – EBHO, gays e lésbicas passaram a compor o Movimento Brasileiro de Gays e Lésbicas – EBGL. A representação, que no primeiro momento privilegiava somente os homens gays, agora também contava com a participação efetiva das lésbicas.

Do movimento nacional, surgiu a proposta de uma Comissão Nacional de Direitos Humanos de Gays e Lésbicas – CBDHGL. Desses encontros e debates, surgiu, no dia 31 de janeiro de 1995, a ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos), uma organização que marcava uma nova forma de fazer ativismo LGBT no Brasil.

Também, na década de 1990, é importante ressaltar a primeira edição da Parada do Orgulho Gay, realizada na cidade de São Paulo, no dia 28 de junho de 1997, com mais de 2.000 participantes. O evento tinha como título: "Somos muitos, estamos em várias profissões", tema que evidenciava e chamava a atenção do grande quantitativo de gays e lésbicas nas diversas frentes de trabalho. O momento também trouxe uma onda de questionamentos dos que não se sentiam representados no título “Parada Gay” como lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Todos pressionavam a associação organizadora do evento e reivindicavam a alteração do nome “Parada Gay”, pois também queriam ter visibilidade.

No ano de 1999, a ONG Associação da Parada do Orgulho GLBT altera o nome do evento de “Parada Gay” para “Parada do Orgulho GLBT” (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros) e, em 2008, a citada ONG, organizadora da Parada, altera mais uma vez a sigla para LGBT, a fim de promover maior visibilidade aos que não foram contemplados e também para acompanhar os países que já haviam adotado a mesma sigla, ou seja, Parada do Orgulho LGBT. É importante reconhecer que a Parada LGBT é uma das manifestações mais importantes na cidade de São Paulo e é considerada uma das maiores do mundo.

Pode-se destacar que a luta do movimento LGBT ganha força e mobilização nas décadas seguintes, salientando que as pautas LGBT são interseccionadas com outras dimensões identitárias e também posicionamentos políticos, partidários e ideológicos que vão marcar as trajetórias do movimento LGBT no Brasil. Para Facchini (2009), a década dos anos 2000 proporcionou grandes transformações no segmento LGBT, pois os debates e a criação de políticas públicas direcionadas ao movimento social LGBT tiveram o seu ápice entre os anos de 2003 a 2008. Pode-se dizer que o amadurecimento das reivindicações foram resultados de muitas lutas e resistências que se intensificaram a partir da Constituição Federal de 1988, legislação portadora de garantias de direitos individuais, coletivos e promoção de cidadania nas três esferas de governo.

Destaque para o ano de 2003, pois foi criado o Programa Brasil sem Homofobia (Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e de Promoção da Cidadania Homossexual). O programa era formado por vários ministérios sob responsabilidade do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva/PT (2003-2011) e tinha como premissa um conjunto de ações afirmativas voltadas para as pessoas GLBT, com o objetivo de combater o preconceito e garantir direitos a esse segmento. Segundo Facchini:

(...) O Programa Brasil Sem Homofobia se desenvolve a partir de tópicos relacionados ao modo como estão estruturados temas como trabalho, saúde, educação, cultura, segurança, mulheres e questões raciais no governo federal e propõe a articulação entre Secretarias e Ministérios no âmbito federal, com o objetivo de “promover a cidadania de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais, a partir da equiparação de direitos e do combate à violência e a discriminação homofóbicas, respeitando a especificidade de cada um desses grupos populacionais. (FACCHINI, 2009, p. 136).

A elaboração do Programa Brasil Sem Homofobia foi audaciosa, pois unia vários ministérios e secretarias, visando diálogos, ações transversais e intersetoriais com

os agentes políticos e atores sociais. Já em 2008, pela primeira vez, realizou-se no Brasil a 1ª Conferência Nacional LGBT intitulada “Direitos Humanos e Políticas Públicas: o caminho para garantir a cidadania de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais”. Este evento contou com cerca de dez mil participantes, tendo grande repercussão no cenário mundial. Inclusive foi na referida conferência nacional, realizada trinta anos depois do surgimento do movimento, que, após polêmico debate, decidiu-se posicionar a letra L à frente do G, com o intuito de dar maior visibilidade às lésbicas e reconhecer as intersecções de gênero e orientação sexual, mas também porque essa prática já era adotada no movimento internacional. A partir desse momento, o movimento no Brasil passou a ser denominado LGBT. É importante destacar que alguns preferem utilizá-la sob outras formas, de modo a contestar uma suposta hierarquia contida na atual sigla ou a ausência de outras identidades.

Os avanços ocorridos no decorrer da gestão do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva e da presidenta Dilma Rousseff, ambos do Partido dos Trabalhadores/PT, impulsionaram discussões urgentes em torno da temática LGBT. E é importante destacar que essa conjuntura política de luta não estava desassociada do conservadorismo que é presente na sociedade brasileira e nos seus respectivos espaços políticos de deliberação. Exemplo disso, podemos trazer para o texto as pressões que vieram de legisladores, religiosos, sociedade civil e perfis em redes sociais que fizeram com que Dilma Rousseff suspendesse a distribuição do “kit anti-homofobia”, vulgarmente conhecido como “kit gay”, do Ministério da Educação, em cumprimento das ações previstas no Programa Brasil sem Homofobia, pois as conveniências políticas oriundas da necessidade de angariar apoio eleitoral (a exemplo do tempo disponível na Propaganda Eleitoral Gratuita no rádio e na televisão) e de manter uma coalizão de governo com vários opositores dos direitos LGBT acabam por, em grande medida, neutralizar reivindicações do movimento LGBT. (SANTOS, 2016, p. 188). Esse contexto político brasileiro recrudescer ainda mais com o golpe sofrido pela democracia e pela presidenta Dilma Rousseff no ano de 2016. De lá para cá, vivenciamos momentos difíceis, no primeiro momento, com o vice-presidente Michel Temer (2016-2018) que assumiu o governo de Dilma Rousseff com pautas neoliberais e na atualidade com o presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) com a sua retórica de indiferença e de incitação ao ódio, sempre esbravejando absurdos como “ninguém gosta de

homossexual, a gente suporta”³³, gerando um enorme retrocesso para as pessoas LGBTQIA+³⁴. Desta maneira, no capítulo que abordarmos as conversações com os jovens, será possível minimamente compreender como os jovens participantes da pesquisa manifestam o seu repúdio ao nocivo mandato de Jair Messias Bolsonaro.

Sendo assim, a conjuntura acima apresenta um breve contexto histórico de gênero e sexualidades, evidenciando a importância da aquisição de conhecimento historiográfico acerca das referidas temáticas, pois são explicitadas tramas que compõem o universo das pessoas LGBTQIA+ e que ao desenrolar influenciam diretamente nas estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais. A partir do próximo capítulo, será possível conhecer, em linhas gerais, a Organização Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual – CELLOS/MG. Ademais, haverá uma análise sobre como os jovens LGBTQIA+ que frequentam ou participam de ações e eventos na citada instituição estão entrelaçados nesse contexto de disputa e exigência cotidianas para acesso e garantia dos seus direitos.

³³ Jornal Estado de Minas. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/10/30/interna_politica,1318523/bolsonaro-ninguem-gosta-de-homossexual-a-gente-suporta.shtml Acessado em: 06 de dez. de 2021.

³⁴ Revista Forum. Disponível: <https://revistaforum.com.br/noticias/bolsonaro-lula-orgulho-lgbt/> Acesso em: 06 de dez. de 2021.

CAPÍTULO 4

4. BREVE HISTÓRIA DO CENTRO DE LUTA PELA LIVRE ORIENTAÇÃO SEXUAL DE MINAS GERAIS – CELLOS/MG

Este trecho da pesquisa contém uma breve história da Organização da Sociedade Civil Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual – CELLOS/MG. Também se contextualizará a importância da organização para a cidade de Belo Horizonte, uma vez que a organização atua de forma veemente em favor dos direitos das pessoas LGBTQIA+ nas áreas de educação, saúde, direitos humanos e cultura. O CELLOS/MG participa efetivamente da construção de políticas públicas com representantes em vários conselhos de direitos. É reconhecida pelo seu contexto histórico e atual de lutas em relação às pessoas LGBT em Belo Horizonte, em Minas Gerais e no Brasil. O CELLOS/MG responsável por proporcionar várias formações políticas aos LGBT, coordena e atua em diversos projetos e eventos com a presença marcante das juventudes LGBT. Exemplo disso é a organização da Parada do Orgulho LGBT na cidade de Belo Horizonte, evento sócio-político-cultural e que tem como um dos objetivos centrais dar visibilidade ao movimento pela luta de direitos humanos. Além das constantes contribuições com orientações e consultorias em outras Paradas do Orgulho LGBT no território de Minas Gerais.

4.1. Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual – CELLOS/MG

O contexto de pesquisa buscou agremiar jovens que se autodeclararam LGBTQIA+ e participam ou frequentam ações e eventos da Organização da Sociedade Civil Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais – CELLOS/MG, por entender que tais jovens trazem elementos importantes para compreendermos as diferentes formas de resistência e vivências na cidade de Belo Horizonte. O CELLOS/MG tem como marca uma história de luta pelos direitos da população LGBT em Belo Horizonte e a gestação de diversas trajetórias de resistências. A referida organização possui sede na capital mineira e é referência há 19 anos na luta pelos direitos e promoção da cidadania das pessoas LGBT no Estado de Minas Gerais.

O CELLOS/MG foi idealizado por um grupo de estudantes e ativistas desejosos de um aprofundamento acerca da defesa dos direitos fundamentais da população LGBT

e ao mesmo tempo buscou trabalhar com formação de novos militantes. Um dos fundadores do CELLOS/MG, Carlos Magno Silva Fonseca (2020), na sua dissertação de mestrado “Entre a Militância e a Gestão Pública: Contribuição dos movimentos sociais na construção das políticas públicas para LGBT na cidade de Belo Horizonte/MG”, descreve como foi o início das discussões com outras pessoas para formar o CELLOS/MG:

(...) Lembro que foi no Bar do Edifício Maleta no dia da Banda Mole que a Soraya me apresentou o Darlan, Jesse, Humberto, Jair e falamos da necessidade de formar um grupo de gays que tivesse uma atuação de mobilização na cidade (...). (...) Em mesa do bar e com algumas cervejas, discutimos sobre o nome do grupo. A primeira sugestão, trazida pelo Darlan era Centro pela Livre Orientação Sexual, mas acrescentamos a palavra luta, pois queríamos construir um grupo dinâmico, de mobilização permanente e reivindicações consistentes, que se diferenciasse dos grupos assistencialistas que já existiam, então ficou Centro de Luta pela Livre Orientação de Minas Gerais CELLOS/MG (...) (FONSECA, 2020, p. 76).

Sendo assim, estudantes e militantes juntaram-se para dialogar sobre a fundação de uma organização da sociedade civil com o objetivo de formular pautas, ou seja, “um espaço de formação de novos militantes e de atuação permanente, em que se desenvolvesse o protagonismo social e político dos homossexuais” (FONSECA, 2020, p.77). O CELLOS/MG a partir desse momento sempre esteve presente nas discussões de pauta que envolvia questões lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais na cidade de Belo Horizonte e no estado de Minas Gerais, tendo como missão lutar contra quaisquer formas de preconceito, discriminação e violência por orientação sexual ou por identidade de gênero. O CELLOS/MG, conforme o seu Estatuto, no artigo II, preza pelas seguintes finalidades:

(...) Promover ações de enfrentamento à violência contra a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Articular e promover redes de garantia de direitos LGBT. Lutar contra toda forma de preconceito, violência, exclusão e discriminação em suas diferentes formas de expressão vivenciadas pelos LGBT. Qualificar, capacitar e orientar os LGBT através de atividades com vistas ao empoderamento individual, coletivo, social e político de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais; promover oficinas, debates, encontros, fóruns, seminários, cursos e ações de visibilidade e afirmação de direitos nas áreas de Direitos Humanos, Saúde, Cultura, Educação, Assistência Social, Segurança Pública, Empregabilidade e Seguridade Social. (ESTATUTO DO CELLOS, 2017).

Além disso, desde 2005, o CELLOS/MG³⁵ organiza as Paradas do Orgulho LGBT de Belo Horizonte e é um dos principais grupos LGBT de Minas Gerais e do Brasil, composto por pessoas com trajetórias de luta pelos direitos da população LGBT. A organização da sociedade civil é marcada pela forte presença de jovens LGBTI em suas ações e eventos a partir de uma condição de resistência a todas as formas de violência e violação de direitos. No ano de 2019, o CELLOS/MG executou o projeto Protagonismo LGBTI. Ao todo, foram capacitadas 40 pessoas LGBTI, por meio da técnica de Advocacy³⁶, no decorrer de quase um ano. A iniciativa desenvolveu ações, atividades e projetos em conjunto com os participantes, objetivando promover cidadania nos diferentes municípios mineiros. (RELATÓRIO CELLOS, 2019)

A pesquisa em questão busca dialogar com os jovens que frequentam, participam de ações ou eventos do CELLOS-MG, subvertendo a lógica de que a organização será o eixo central da pesquisa, isto é, o foco são as experiências de vivências e resistências dos jovens na cidade de Belo Horizonte e não especificamente a história da organização. Entendemos que a história do CELLOS/MG e sua importância para a lutas e ações coletivas de LGBT no município Belo Horizonte aparecerá como pano de fundo em nossos relatos visto que os jovens aqui pesquisados participam de sua organização e que o contato com eles foi realizado a partir dessa agenda.

O CELLOS/MG compreendido como espaço de formação torna possível concebê-lo como uma organização que permite a permanente reconfiguração de subjetividades que se encontram em constante processo de constituição. Nessa perspectiva, decorre que a experiência de ser LGBT toma como pressuposto que as orientações sexuais/identidades de gênero não são fixas, mas em processo de construção. Para Gohn (2006), em seus estudos sobre espaços formativos formais e informais, a dimensão da educação acontece em espaços escolares e não-escolares. A autora afirma que ambos os espaços contribuem para os sujeitos envolvidos nesse processo, isto é, a educação praticada pela escola, espaço normatizado, e os programas sociais administrados pelas organizações da sociedade civil, tidos como espaço de liberdade. Para a autora:

³⁵ O CELLOS-MG como organização da Sociedade Civil é regulamentado pela Lei 13.019/2014, Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil – MROSC que tem por finalidade regularizar de forma jurídica as parcerias entre a sociedade civil e o Estado para a prestação de serviços essenciais direcionados para a população vulnerável.

³⁶ <https://www.politize.com.br/advocacy-o-que-e>. Acesso em 05 de abr. de 2021.

(...) a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos etc.; carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se prende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas (...) (GOHN, 2006, p.28)

Portanto, segundo a autora, o espaço não-formal permite aos cidadãos LGBT, a partir de suas subjetividades a resolução de problemas de forma coletiva, o exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com os objetivos comunitários e a aprendizagem de conteúdos que possibilitem uma leitura do mundo habilitada para uma interpretação do que se passa ao seu redor. Segundo a autora, o espaço não-formal possibilita diálogos e aprendizados que visam ao protagonismo dos sujeitos.

Diante de uma juventude que se assume LGBTQIA+ na cidade de Belo Horizonte, as dimensões de resistências e vivências ganham nas minhas reflexões um aprofundamento para elencar os mecanismos que conduzem tais potências. Essa discussão corrobora para pensarmos a contribuição que o CELLOS/MG enquanto uma organização da sociedade civil que contribui cotidianamente para um formato educativo não-formal. Exemplo disso é a organização da Parada do Orgulho LGBT que ocorre anualmente na cidade de Belo Horizonte e as diversas contribuições para Paradas do Orgulho LGBT de outras cidades da região metropolitana e interior de Minas Gerais. Tais manifestações acontecem em um processo ampliado, ou seja, com a participação de várias pessoas e em particular dos jovens LGBT. Essa construção do evento, que culmina com a representatividade das pessoas LGBT em ponto central de Belo Horizonte e em outros municípios do estado de Minas Gerais, busca o fortalecimento das lutas LGBT, discussão do panorama da violência na cidade e qual temática é importante para ser levada à esfera pública para dialogar com a sociedade.

Quando pensamos o CELLOS/MG como um espaço de resistência e tendo como instrumento de luta a educação, partimos da espécie de educação que perpassa pelo reconhecimento do sujeito como protagonista do seu próprio processo de conhecimento. Na outra ponta, muitos jovens LGBT chegam ao CELLOS/MG com marcas profundas das diferentes violências que sofreram no decorrer da vida, especialmente, no espaço escolar, violências simbólicas. Na contramão de um modelo

inclusivo, a escola, insiste em uma realidade segregacionista que não reconhece no sujeito suas dimensões de diversidade. Para muitos jovens, a instituição escolar, assim, mostra-se distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-a, cada vez mais, uma mera “obrigação”.

Não é possível falarmos de uma educação não formal, aqui praticada pelo CELLOS/MG, sem fazermos o comparativo com outra forma de educação, no caso a escolar, destino de todas as pessoas em uma sociedade ocidental moderna/contemporânea, como espaço dos conhecimentos historicamente construídos. Para Dayrell (1999), seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história, devem ganhar o lugar de protagonistas no espaço escolar. Reconhecer a escola como um espaço sociocultural é colocar os sujeitos pertencentes à instituição como protagonistas da cena. Nessa mesma direção, Arroyo (2009) acredita que a escola tem de buscar um novo olhar sobre os educandos, observar sua condição para além da representação de aluno, reconhecendo nessa condição, múltiplas dimensões de suas vivências a partir de seus múltiplos pertencimentos de gênero, étnico-racial, classe e etário. A lente institucionalizada da escola insiste em classificá-los como “alunos”, produzindo um olhar homogêneo sobre todos que oculta tais diferenças. O autor demonstra que as imagens cristalizadas historicamente pela escola em relação aos alunos, como simples depositários de informações, quebraram-se. No entanto, a escola insiste em tentar colar os “cacos quebrados”, deixando de ver os jovens estudantes como sujeitos que expressam sua identidade sexual, o seu pertencimento racial, suas convicções políticas, suas preferências culturais e a diversidade que tensiona as relações estabelecidas por uma estrutura escolar rígida.

É inquestionável que para estabelecermos um quadro comparativo, entre educação formal e não formal, seria necessário uma discussão mais alongada e a princípio este não é objetivo central do trabalho. Podemos identificar algumas dinâmicas escolares que valorizam as experiências dos sujeitos e trazem uma dimensão de conhecimento que dialoga com as múltiplas experiências de cada educanda ou educando. Da mesma forma, em alguns exemplos de educação não formal também podemos encontrar questões problemáticas.

Pensar a contribuição do CELLOS/MG como espaço educativo não formal passa pela identificação de que os jovens, em particular, possuem com o espaço do CELLOS/MG, bem como com suas ações e eventos. Pois, para além de toda a infraestrutura, eles desfrutam de um compartilhamento de experiências, uma maneira de conhecer e ampliar a dimensão de gênero e sexualidades, de se inserir em outros espaços de socialização e de ampliar a rede de amizades. Fatores que, somados, impactam na forma como os jovens LGBTQIA+ se percebem, postam-se no mundo e [re]significam a sua própria condição de LGBTQIA+.

CAPÍTULO 5

5. AS CONVERSÇÕES

A presente pesquisa pretendeu realizar seis conversações com, aproximadamente, 10 jovens LGBT que frequentam ou participam de ações e eventos no Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual (CELLOS/MG). Ao todo foram realizadas seis conversações via plataforma digital e contamos com a presença de seis jovens LGBTQIA+ que se identificaram da seguinte maneira: um homem transexual, uma mulher lésbica e quatro homens gays. O método do tipo de Conversação, a partir das leituras previamente estabelecidas, possibilitou aprendizados riquíssimos, pois a interação com experiências identitárias diversas trouxe especificidades de cada um e ao mesmo tempo foram apresentados desafios que os aproximam e os singularizam em suas vivências e resistências como jovens LGBTQIA+.

Lembro-me dos questionamentos que recebi quando precisei delimitar os colaboradores da pesquisa, pois sempre escutava “você vai trabalhar com qual categoria dentro do guarda-chuva”, serão gays, lésbicas, transexuais? E no decorrer do processo, encontrei leituras que trouxeram reflexões para o desenvolvimento da pesquisa, ou seja, na parte referente à autodeclaração LGBT era inadmissível fazer distinção por uma identidade em detrimento de outra, desta forma, Louro (2008) corrobora com o seu pensamento por meio do artigo *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas sobre a diferença*. A autora disserta sobre como os aspectos sociais e culturais modificam e interferem no nosso cotidiano. É preciso ter cuidado ao nomear o outro, pois são diversas as possibilidades de uma pessoa se construir e se reconstruir diante do que é considerado normal ou fora da norma na sociedade. Desta maneira, Louro contribui com o seguinte pensamento:

(...) “A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado” (...). (LOURO, 2008, p.18).

Nesse sentido, por compreender os indivíduos como seres inacabados e que as pessoas estão em constantes transformações sociais e culturais, não foi possível determinar, de antemão, uma orientação sexual ou identidade de gênero sem que a própria pessoa se autonomeie. Para exemplificar a capacidade de agir de um sujeito,

podemos pensar em diversas possibilidades, uma mulher pode no primeiro momento identificar-se como lésbica e, em outro, pode construir e se identificar como um homem transexual. Butler (1998) no artigo intitulado *Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo* chama atenção para a necessidade que existe em nomear o sujeito como forma de protegê-lo, porém ao nomeá-lo, perdemos a oportunidade de ver a sua capacidade de agir e de mudar. Para a autora:

(...) “Podemos ser tentados a pensar que supor o sujeito de antemão é necessário a fim de proteger a capacidade de agir do sujeito. Mas afirmar que o sujeito é constituído não é dizer que ele é determinado; ao contrário, o caráter constituído do sujeito é a própria pré-condição de sua capacidade de agir” (...). (BUTLER, 1998, p.22).

Logo, depreende-se que desenvolver a metodologia da Conversação com jovens LGBTQIA+ “heterogêneos” permitiu contemplar as diferenciações e as identidades sexuais existentes entre eles. Por outro lado, tomando-se o cuidado de não descartar a categorização, mas tentando aliviá-la de seu peso fundamentalista, a fim de apresentá-la como um lugar de disputa política permanente. (BUTLER, 1998, p.17)

Desta maneira, reunir com identidades distintas e administrar as conversações, perante o atual momento e os impactos causados pela pandemia do coronavírus, foi desafiador. Em tempos de pandemia, e no decorrer das conversações, foi possível acompanhar os participantes com os seus cachorros, considerado pelos participantes como os seus “filhotes com patas”³⁷ que fixavam os olhos na tela do computador e emitiam respirações ofegantes e em muitos momentos participaram efetivamente por meio de interação entre o sujeito que falava e com o grupo em si.

Conversas que eram interrompidas por causa de campanhas que tocavam e o jovem pesquisado precisava se retirar para abrir a porta, redes de internet que perdiam conexões, participantes em suas cozinhas preparando refeições, outros que tomavam bebidas alcoólicas para descontrair depois de um dia cansativo de trabalho, conversas paralelas com outras pessoas fora do grupo, desejos de trazer mais pessoas, “*será que posso trazer mais gente*”, alguns falavam que iriam participar deitados em suas camas, pois estavam cansados e queriam ficar confortáveis, programavam aniversários que aconteceriam no decorrer dos encontros e agendavam comemorações virtuais, outros interrompiam a Conversação e diziam: “*gente continue aí, só um pouquinho, pois*

³⁷ A maioria dos participantes tinham animais de estimação. E eles eram chamados pelos participantes de seus filhotes com patas.

preciso chamar um motorista por aplicativo para a minha amiga que está na rua”, são representações do fazer cotidiano em tempos de pandemia. Em outros momentos, era possível perceber bocejos profundos, silêncios que pareciam intermináveis diante de determinados temas, longínquas risadas, dentre outras situações compartilhadas.

As conversações aconteceram virtualmente, via plataforma do Google Meet, sempre às quartas-feiras, às 20h, com duração aproximada de 60 minutos, nas seguintes datas: 10/03, 17/03, 24/03, 31/03, 07/04 e 21/04 do ano de 2021. O intervalo entre as conversações realizadas entre os dias 07/04 e 21/04, deu-se devido à necessidade de conciliar agendas, pois todos os participantes queriam marcar presença na última Conversação. Criou-se uma expectativa para a última Conversação por conta da sugestão do grupo em discutir sobre a temática positividade que apareceu no decorrer de todas as conversações, mas que ficou latente na quarta Conversação.

Ao escutar e transcrever as conversações depois de terminados os encontros, algumas falas chamaram a atenção e é a partir desta contextualização que prosseguiremos com as descrições sobre as conversações. É importante reafirmar que anteriormente outro encontro virtual havia acontecido, conforme detalhado na metodologia desta pesquisa, pois se fazia necessário explicar aos participantes as etapas de pesquisa e esclarecer as dúvidas sobre o processo de desenvolvimento. Sendo assim, a primeira Conversação conforme descrita acima ocorreu no dia 10 de março de 2021, às 20h.

Tínhamos como objetivo na primeira Conversação dialogar sobre a categoria Juventudes, isto é, o que é ser jovem? Pontualmente, estávamos lá com todos os instrumentos necessários para realizar a Conversação, ou seja, ambiente preparado, jarra com água e copo, computador ligado, gravador de voz, papéis e canetas, roteiros com perguntas que não necessariamente seriam utilizadas. Vale registrar que a primeira Conversação veio acompanhada por preocupações, pois estávamos ansiosos e apreensivos, aguardando a chegada dos jovens.

E de repente, um a um foram chegando e cumprimentando quem já estava na sala virtual. Aguardávamos sempre alguns minutos para iniciar. Assim que todos estavam participando, agradecemos a presença e demos sequência, conforme será descrito abaixo.

Ressaltamos que os nomes utilizados abaixo são fictícios. E, de acordo com o *QUADRO 01* será possível minimamente conhecer cada um dos jovens LGBTQIA+ que

participaram dessa pesquisa. De todos os jovens pesquisados, alguns deles solicitaram da pesquisadora que os batizassem com nomes fictícios. Ao final das conversações, decidimos em conjunto quais seriam os seus nomes na dissertação.

São jovens adultos e adultos que se perceberam jovens e corresponderam com o convite para participar da pesquisa. Os nomes escolhidos por eles são de origem africana e os jovens LGBTQIA+ se identificaram com os nomes e com os seus significados. O quadro abaixo traz breves informações dos jovens participantes, inclusive os nomes e seus significados:

Quadro 1 - Descrição dos participantes da pesquisa

NOMES	SIGNIFICADOS	IDADE	DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES
Akin	Homem valente, guerreiro.	29	Homem gay. Declarou-se pardo, solteiro, reside sozinho, possui curso superior em Gestão de RH, trabalha em empresa de grande porte como assistente de balança e faturamento, empresa localizada na região metropolitana de Belo Horizonte. Foi o representante da Organização CELLOS/MG no Conselho Municipal de Assistência Social de Belo Horizonte no ano de 2019. Atualmente está como presidente do CELLOS/MG, instituição da qual é membro desde que tinha 18 anos de idade.
Haben	Coragem.	29	Homem gay. Declarou-se negro, solteiro, sem filhos biológicos, com guarda compartilhada de Belinha, seu animal de estimação, uma cachorra considerada como sua filhote com patas, fruto de um relacionamento que terminou recentemente. Professor da disciplina de filosofia para alunos de uma escola particular, reside sozinho, estudante do curso MBA em gerenciamento de projetos pela Universidade de São Paulo (USP). Participa do CELLOS/MG como voluntário na organização da Parada do Orgulho LGBT em Belo Horizonte e integra a Organização da Sociedade Civil Aliança Nacional LGBTI.
Kalifa	Brilhante.	41	Mulher lésbica. Declarou-se branca, funcionária pública, trabalha como assistente social em hospital da região metropolitana de Belo Horizonte, convive há quinze (15) anos com a companheira e em 2018, depois de anunciada oficialmente a vitória do então deputado federal Jair Messias Bolsonaro ao cargo de presidente do Brasil, oficializaram a união civil, pois ficaram receosas com a possibilidade de não terem direito ao casamento homoafetivo garantido pela Justiça Federal. Sem filhos, filiada ao Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual e participante de algumas reuniões no CELLOS/MG. Elas têm três cachorras, animais de estimação que consideram como suas filhotes com patas como compartilharam conosco em conversações.
Kito	Precioso.	32	Homem gay. Declarou-se pardo, solteiro, reside sozinho com o seu animal de estimação considerado como o seu filhote de patas, formado em gestão comercial, trabalha como assistente de vendas em uma empresa multinacional, cristão, participa do CELLOS/MG como voluntário na organização da Parada do Orgulho LGBT e compõe como membro ativo na Organização da Sociedade Civil Aliança Nacional LGBTI, cuja finalidade é atuar na promoção e defesa dos Direitos Humanos e da Cidadania e comunidade LGBTI+.
Nassor	Vitorioso.	28	Homem transexual. Declarou-se branco, solteiro, sem filhos, bacharel em direito, reside sozinho, com outros familiares no mesmo lote, espírita, atualmente trabalha como motorista de aplicativo e é acompanhado pelo hospital Eduardo de Menezes, pois realiza o seu processo de hormonização. Já esteve presente em reuniões do CELLOS/MG e frequenta as Paradas do Orgulho LGBT, participando efetivamente também de outros coletivos e projetos, principalmente os que estão relacionados com o acesso à alimentação de pessoas LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade social.
Nkosi	Soberano.	35	Homem gay. Declarou ser negro de pele clara, professor das disciplinas de história e filosofia para alunos do ensino fundamental em escola particular, com relacionamento afetivo à distância, sem filhos, agnóstico, divide residência com mais duas amigas, é mestrando em Educação, já participou de vários eventos do CELLOS/MG, como por exemplo, os encontros no “Cine Usina” e as sessões de cinema que aconteciam na antiga sede, além de estar presente nas Paradas do Orgulho LGBT de Belo Horizonte.

Fonte: Autoria própr

5.1. Conversação 1: “Eu fui um adolescente “sigilinho”, sempre no “sigilinho”. (Nkosi)

Kito pergunta se pode ser o primeiro, *“me deixa ser o primeiro, me deixa falar sobre a minha infância e adolescência”*. E ele nos diz que quando criança percebia estranhamento relacionado aos seus comportamentos por parte de alguns adultos, sempre foi recriminado, e relatou *“vocês não imaginam, eu gostava de dançar músicas do grupo é o Tchan”*, um grupo musical brasileiro de pagode baiano formado no ano de 1995 que trazia em seu repertório músicas com coreografias sensuais. Kito também gostava de brincar com brinquedos que eram considerados de meninas, como boneca, fogãozinho para cozinhar, ferro para passar roupas. Na escola, sempre escutou anedotas maldosas dos colegas, mas conseguiu uma estratégia para não ser vítima de ofensas e violências. Além disso, andava com muitos outros alunos, *“turma boa”* e se tornou popular, não se importando mais com os insultos. Em casa, depois do falecimento dos pais, relatou vários abusos psicológicos por parte de um tio, que em todos os momentos dizia para ele:

(...) Você é peroba³⁸, não sei o que ainda fica fazendo nesta casa, precisa sair daqui, precisa ir embora, vai embora! Quando eu fiz 18 anos, esse tio que nunca me aceitou e que nem morava comigo chegou onde eu morava com os meus avôs e assumiu para a minha família que eu era gay. (Kito, 2021)

Depois do comunicado do tio, uma discussão se inicia na família, porque o avô queria expulsá-lo de casa. Em tal momento, Kito questiona e reafirma que não sairia da casa, já que não tinha para onde ir. E que se fosse colocado para fora, iria acionar os tios e o avô materno na justiça, pois quando os pais faleceram, *“todos queriam a minha guarda, agora não querem mais? Eu tenho coragem sim, não brinquem comigo, aciono todos na justiça, vamos ver quem vai ganhar”*. Depois de um longo silenciamento que durou mais ou menos uns 30 dias entre os membros da família, sem nenhum tipo de diálogo, os familiares timidamente tentaram se aproximar dele com perguntas do tipo *“você tem namorada, gosta de meninas?”* Tratando-o como se fosse um homem heterossexual. E Kito se manteve silencioso para não ter diálogos infrutíferos com os

³⁸ Dicionário Informal. Significado da palavra Peroba: gay, viado, bicha, boitola, baitola, aquele que gosta de pegar no duro. Acessado em <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/peroba/11415/> 25 de out. de 2021.

familiares, uma vez que “*entendia que eles eram pessoas ignorantes*”. Até que chegou ao ponto de não tolerar mais as pressões e decidiu sair de casa para viver a sua vida sem os julgamentos dos familiares. Enquanto Kito conversava acerca de sua infância e juventude, os outros membros escutavam atentamente e iam movimentando a cabeça com o sinal de aprovação, principalmente depois que ele disse que cansou das violências que sofria em casa e decidiu sair de lá.

Logo em seguida é a vez de Haben com o relato de que a família era presente (pais e irmãs), não geograficamente, pois o pai trabalhava viajando, e, de tempos em tempos, era necessário ficar até quatro semanas fora de casa. A presença do pai é fundamental porque ele proporcionava toda uma estrutura que é necessária para viver: pagava as contas da casa, resolvia conflitos conversando com a mãe e os filhos, promovia momentos de leveza e alegrias para o núcleo familiar. Por outro lado, o jovem teve uma infância muito marcada por todo o conjunto de experiências que normalmente as pessoas LGBT que não se adequam ao perfil heteronormativo passam. Haben complementa “*tudo isso que essas pessoas normalmente sofrem, eu sofri. Muitas violências, constrangimentos com a família, escola, igreja e em muitas dessas situações me fizeram mal*”. Haben nunca entendia por qual motivo isso acontecia com ele e se indagava: “*por que isso era assim?*” Foram muitos questionamentos:

(...) Várias vezes eu me perguntei por que determinadas situações aconteciam comigo. Eu não entendia. Parte da minha infância foi obscura, eu não entendia nada e talvez por várias vezes pensei que podia ser doente. Teve uma parte da vida que eu me sentia como se fosse um E.T. Teve um momento na minha infância que eu não sei o que aconteceu. Isso é muito triste, eu não sei o que aconteceu comigo. Foi preciso criar um mundo paralelo, geralmente pessoas LGBT passam por isso, um espaço que eu realmente vivia com as pessoas para ter uma personalidade, uma identidade segura, pois não queria sofrer certas violências. E um outro espaço que conseguia ser eu mesmo, com os meus trejeitos. (Haben, 2021).

Haben diz que chegou a um determinado momento da vida que agiu de forma semelhante a Kito, “*foda-se, morram todos vocês, e vou bater o cabelo mesmo, dançar músicas do grupo é o Tchan, e depois na adolescência isso retrocedeu*”. Na infância teve uma forte ruptura, mas Haben criou duas dimensões na sua vida e uma delas era para desempenhar as funções direcionadas para uma aceitação mínima das pessoas.

(...) Eu tinha outra parte que era uma espécie de universo particular, nesse universo estavam aspectos particulares, de minha intimidade, subjetividade, desejos que ficavam guardados ali e não poderiam ser compartilhados com ninguém, pois eu já sabia qual seria a minha

receptividade. Era nesse lugar que eu mantinha os meus estereótipos de desejos, não falo só de desejo sexual que já aparece na infância, mas falo também de desejos sociais, de amizades, sonhos, desejos artísticos, aspirações artísticas, isso ficava muito bem guardado, pois sabia que não podia colocar aquilo para fora, não podia compartilhar. (Haben, 2021)

Haben ressalta que com o mínimo que ele transparecia, da sexualidade, já sofria retaliações: *“imagina, se eu na escola fizesse tricô, crochê na hora do recreio, já pensou se fosse vestida para dançar a dança do ventre, seria muito mais difícil”*. Depois das falas de Kito e Haben, um silêncio se instaura, os olhares se cruzam entre os participantes e é possível observar as suas expressões pelos quadrados das telas. Eles estavam buscando pelos que ainda não tinham participado. Nkosi pede para Kalifa ir primeiro *“vai primeiro”*. Nkosi diz que quer ir por último. Ao ser questionado por não desejar ser o próximo, ele fala: *“as mulheres, mulheres lésbicas devem sempre ter preferências, por causa das grandes lutas que encabeçaram e encabeçam na sociedade”*. Todos os participantes riram e pareceram concordar com a justificativa de Nkosi.

Kalifa inicia a sua participação, relatando que a sua infância foi privilegiada, pois estudou em boas escolas durante toda a trajetória estudantil. O pai saiu de casa quando ela estava com sete ou oito anos de idade, em função de uma relação extraconjugal que gerou mais dois filhos. Não se recorda de sentimento negativo quando o pai deixou a casa. Morava no interior de Minas com a mãe, avó e irmãos. Kalifa disse *“eu não tinha parado para pensar, não me recordo de ter tido desejos, atração por mulheres na minha infância”*. Conforme compartilhou, a sua primeira atração por mulher foi quando ela estava com 14 anos, momento em que principiou a atentar para a própria homossexualidade. Kalifa tinha namorado e achava mais interessante ficar perto da irmã do namorado do que ao lado dele. Enfatizou que a irmã do namorado *“era muito linda”* e complementou:

(...) Nessa época eu tive um click, neguei por muitos anos, não admitia. O desejo ia ficando mais forte, mais forte e chegou a determinado momento que não tive mais condições de negar os meus sentimentos. Só percebi realmente que eu era homossexual quando cheguei aos 20 anos de idade. E lá pelos meus 24 anos, tive a oportunidade de ficar com uma mulher pela primeira vez. Quando isso aconteceu, eu vi a luz. Tive uma adolescência heterossexual, tinha namorados, antes nem eu não sabia muito bem o que eu queria ser e depois disso tudo, vieram os melhores anos da minha vida, isso só aconteceu depois que eu me aceitei como lésbica. (Kalifa, 2021)

Quando Kalifa termina a sua fala, volta-se para Nkosi e diz “agora é a sua vez, queremos te escutar”. Nkosi argumentou: “*eu já fiz terapia hoje, é agora vocês me fazem passar por isso? Falar sobre a minha infância e adolescência*”.

No decorrer da primeira Conversação foi possível perceber que quase sempre os participantes direcionavam as respostas para a mediadora. Ocorreram algumas tentativas por parte deles de reportarem as suas falas aos outros participantes, mas foram complementações tímidas. São pessoas que expõem as suas narrativas de forma contundente. Já tínhamos fortes indícios que a interação entre eles poderia acontecer nas próximas conversações.

Voltemos a Nkosi, ele nasceu em Conselheiro Lafaiete, interior de Minas Gerais. Ele nos disse “*meus pais nem deveriam ter se juntado, éramos uma família bem disfuncional, ou seja, tinha tudo para não dar certo*”. E logo em seguida compartilhou conosco: “*estou pensando na minha primeira memória como gay*” e sua expressão facial se modificou. Então ele pensou e falou:

(...) Quando eu tinha 4 anos de idade, brincava com os bonecos do He-Man³⁹ e achava o boneco bem interessante, achava o boneco tão interessante, mas que qualquer coisa na minha vida, e tinha tesão quando eu passava as mãos no corpo do boneco, mesmo não conseguindo nomear que era tesão. He-Man era o meu brinquedo favorito, depois tive um momento de adormecer sobre os brinquedos. (Nkosi, 2021)

Nkosi relata que cresceu em bairro de periferia muito conflituoso, com intenso tráfico de drogas. Lembrou-se de seus amigos, crianças pobres. A sua avó sugeriu que fizesse prova de seleção para ganhar bolsa de estudos em escola considerada de boa qualidade. Fez a prova, obteve aprovação e foi estudar lá. Nkosi partilha “*gente, no meu bairro eu descobro que não era normal, bem criança viadaaaaa e na escola ficou escancarado que não era tão branco quanto eu pensava*”. A partir disso a sua infância foi uma mescla de privação pela pobreza e a opção da família de ignorar as questões de Nkosi. Ele relata:

(...) Tinha dois espaços de vivência muito forte: a rua e a escola. Nas festas da escola eu queria dançar as músicas da Xuxa, era considerada uma criança que gostava de coisas estranhas, não queria ser Jaspion⁴⁰.

³⁹ He-Man é o protagonista da linha de brinquedos *Masters of the Universe* da Mattel, presente em uma série de histórias em quadrinhos e várias séries animadas, caracterizadas pela sua força sobre-humana. Acesso em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/He-Man> 25 de out. de 2021.

⁴⁰ Jaspion é um herói que se assemelha a um robô por conta da sua armadura. Entretanto no Japão, ele é conhecido por **Kyojuu Tokusou Juspion**. O herói é o quarto do subgênero tokusatus, que é chamado de Metal Hero, uma série de heróis com trajes metálicos e robóticos que lutam contra o mal. Acesso em:

Foi uma infância com grandes dificuldades, mas os familiares não me contavam sobre as dificuldades. (Nkosi, 2021)

Nkosi descreve quando a sua mãe começou a ser interpelada pela escola, pois andavam com outras crianças que ele já nomeava como crianças bem “viadaaaas”, “*não sei de onde saiu tantas “bichas” na escola, na terceira série, todos andavam em bandos no recreio, fazíamos trabalhos juntos*”. Nkosi se lembra de uma situação que compartilhou com o grupo:

(...) Chamaram os pais na escola e disseram que era preciso fazer alguma coisa, pois eram muitas crianças “viadaaaas”. A psicopedagoga da escola sugeriu pra minha mãe que me colocasse em atividades de meninos como judô, futebol, pois vocês sabem, o raio vai cair, mas eu não queria. (Nkosi, 2021)

Nkosi argumentou que na adolescência era quieto, calado para não despertar atenção das pessoas e complementa: “*eu fui um adolescente “sigilinho”, sempre no “sigilinho*”. Também nos relata que namorou por cinco anos com a menina do seu primeiro beijo, aos 17 anos e enfatizou que sempre teve boas amizades com as mulheres. Nkosi evidencia a situação das outras gays nos tempos da escola “*foram todas pulverizadas, tenho certeza, as gays foram todas pulverizadas, para não virar um clã*”.

Quando vem para Belo Horizonte, entende a sua sexualidade como um ato político, não admitindo mais o posicionamento no campo do “armário”, isto é, ter relações sigilosas: “*se eu sair com amigos para beber e a partir daí rolar alguma coisa, não vou me esconder*”. Quando Nkosi termina de explicar, Kito imediatamente diz que se lembrou de algo a partir da fala de Haben, outro participante: “*você me trouxe lembranças da igreja evangélica que eu participava, frequentava, eu gostava muito, adorava aquele lugar, fazia parte do grupo de dança*” e Kito discorreu acerca dos fatos que parecem ter marcado a sua vida quando residia no interior de Minas Gerais no que tange ao seu contexto social e experiência com a religião:

(...) Eu tinha 14 anos quando me excluíram. As pessoas da igreja diziam que eu era gay, alguém disse ao pastor da igreja que me viu com outro menino, sendo que naquela ocasião ainda não tinha tido experiência homoafetiva. Eu sentia atração por homens e não tive relacionamentos afetivos e sexuais com mulheres na minha vida. Com 15 anos, tive a minha primeira experiência homoafetiva com outro homem. A igreja não me acolheu, se ela tivesse me acolhido, eu não

teria conhecido o mundo da noite, as drogas, bebidas, cigarros, não teria conhecido o mundo obscuro. (Kito, 2021)

As conversas de Haben trouxeram recordações para Kito, pois se lembrou dos tempos que frequentava a igreja evangélica e que não pôde prosseguir, pois foi expulso. Frequentadores da igreja informaram ao pastor que Kito estava tendo envolvimento amoroso com outro homem, isso mesmo antes de ele ter qualquer tipo de experiência homoafetiva. Os outros participantes estavam calados e escutando atenciosamente os fatos que ocorreram com Kito. Logo em seguida, é o momento de Haben falar a partir das reflexões de Nkosi sobre suas afetividades na infância. Haben discorreu sobre algo que aconteceu na sua adolescência, fazendo uma descrição com certa provocação e deboche:

(...) Eu me lembro como se fosse hoje, foi muita pressão por parte dos colegas na escola, pois precisava beijar alguma menina de qualquer jeito e diante da pressão, acabei beijando uma menina que jamais eu beijaria. (Haben, 2021)

Haben relata que a menina, beijada por ele, depois de algum tempo se descobriu “sapatão”. Ele não se lembra de experiências eróticas na infância e depois da frustração de ter que beijar uma menina que não queria, decidiu se isolar completamente, ou seja, trancou-se no “armário”, e determinou que, se fosse para ser daquela forma, não queria mais se relacionar com ninguém. Haben complementou com outras falas e situações que aconteciam no seu núcleo familiar, como as suas irmãs que sempre o xingavam de “*bichinha*”, mas hoje como uma pessoa adulta e que estuda sobre gênero e sexualidades, ele considera que os xingamentos são uma forma de violência, todavia suas irmãs não sabiam sobre o que estavam falando. Haben traz reflexões que contextualizam a falta de posicionamento de adultos diante de situações que vivenciou e que considera homofóbicas:

(...) Na escola, roubo ou coisas do tipo eram criminalizados, mas quando tratavam de gênero e orientação sexual os adultos fingiam que não estavam vendo. Os adultos precisam ter postura, precisam mudar diante de situações de violências. (Haben, 2021)

Ainda em Conversação, Kalifa lembrou-se de alguns episódios de sua vida que não tinha compartilhado conosco e que têm relação com a sua adolescência. A partir da explanação de Kito, Kalifa enfatiza:

(...) Engraçado Kito, também passei por isso, teve pessoas na minha cidade que disseram que eu estava tendo experiências homoafetivas e, é muita loucura, pois eu nem sabia o que queria ser. Lembram-se do

que eu falei, foi só aos 24 anos que tive a minha primeira experiência homossexual. (Kalifa, 2021)

Quase perto de terminar a Conversação, Nkosi pede para falar ao grupo:

(...) Já perceberam como somos sempre nomeados a partir de alguém, nem sabem se somos gays, lésbicas ou transexuais, estão sempre preocupados com o que nós estamos fazendo, somos vigiados o tempo todo. (Nkosi, 2021)

E para elucidar a sua fala, Nkosi traz outra experiência:

(...) Olha que triste, pra mim as aulas de educação física era odioso, eu não gostava de lidar com o masculino, a educação física era um momento que eu e o meu corpo precisava ser exposto. Já tive muitos momentos que tentei quebrar a perna para não participar das aulas de educação física e ter que ficar perto de pessoas que me olhavam estranho. (Nkosi, 2021)

Haben acrescenta ao pensamento de Nkosi e apresenta o seu ponto de vista, veja bem Nkosi, *“eu não queria ver o meu masculino reprimido”*, as pessoas tendem a achar que por ser homossexual não existem possibilidades também de ser masculino. Haben se identificava com a disciplina de educação física e gostava de estar perto de outras pessoas para demonstrar a sua masculinidade. Haben ressalta:

(...) Eu gostava de futebol, jogava bem, eu sou uma pessoa magra, movimento muito rápido, eu era zagueiro. Só que no futebol foi preciso lidar com as tentativas de apagamento do meu masculino. Eu gosto da minha masculinidade, da figura do masculino, eu gosto também da figura do feminino para mim, quando eu uso os meus saltos 15, meus esmaltes. Agora o que causa o meu desejo hoje é o corpo masculino. (Haben, 2021)

Depois das conversas, Nkosi reafirma a Haben: *“eu não dava conta, não aguentava ficar perto daquele mundo que era a educação física”*.

Logo depois, encerramos o encontro e agradecemos a todos pela participação. Já deixamos preestabelecido o encontro da próxima semana.

5.2 . Conversação 2: “Os jovens de hoje possuem mais perspectivas de resistirem”. (Nkosi)

No dia 17 de março, conforme o combinado, iniciamos a 2º Conversação. Em média aguardávamos em torno de cinco minutos, sem ocorrência de grandes atrasos. Era interessante acompanhar os olhares e as suas movimentações pela tela do computador. Organizavam os equipamentos eletrônicos como computadores e os fones de ouvidos

seguidos das mesmas perguntas: *“você estão me escutando? Oi, estão escutando”*. A segunda Conversação começou com eles indicando livros, filmes e lugares que gostam de frequentar em Belo Horizonte.

E é evidente, não podiam faltar os assuntos que giravam em torno da gestão retrógrada de Jair Messias Bolsonaro e a pandemia de Covid-19. Era preciso aguardar a preparação dos equipamentos e a discussão dos temas acima. Podíamos e falávamos de vários temas e quando o assunto era encerrado, questionavam a mediadora: *“hoje vamos conversar sobre o quê? Qual é a pergunta que você tem? Quais serão as nossas reflexões?”* A partir das indagações, iniciamos a 2ª Conversação com a pergunta:

O que é ser jovem ou uma juventude LGBT para vocês?

Enquanto aguardávamos o início da Conversação, um silêncio que parecia não ter fim se estabeleceu. Eles pediram para repetir a pergunta! E mais uma vez questionaram a partir de qual ponto de vista a mediadora gostaria de ter informações sobre juventudes LGBT. Percebendo que é necessário sintetizar a pergunta, refaço da seguinte maneira: O que é ser jovem LGBT?

Nassor inicia dizendo que para ser jovem LGBT é preciso ser aventureiro, corajoso, principalmente nos dias atuais, pois quando acha que as coisas estão melhorando, é algo enganador, pois tem a sensação de estar regredindo 50 anos. Ele fala na condição de ser um homem transexual, ressaltando que somente tem legitimidade na sociedade quando é visto na condição de homem, porque consegue sentir o respeito das pessoas. Ele destaca que qualquer sinal de que no seu corpo habita uma mulher, o respeito das pessoas desmorona e a partir disso, diante dos contextos subjetivo, social, político e econômico, invariavelmente fica em dúvida se consegue regressar para casa depois de um dia de trabalho. Nassor ainda não realizou a cirurgia de mastectomia e compartilha: *“eu não vejo o momento disso acontecer”*.

Akin complementa dizendo que para ser jovem LGBTQIA+ é um misto de determinação e sofrimento. Akin trouxe outros sentimentos, como repressão, angústia, repulsa que obteve dos familiares e das pessoas do seu convívio diário quando se descobriu homossexual. Ele sempre esteve presente em festas da igreja, entretanto constantemente sentia perplexidade ao escutar a mãe pedindo nas missas a cura por ele ser homossexual. Akin fica em silêncio, respira profundo e diz: *“isso doía, pois nunca foi doença”*. Depois de um dia de trabalho queria dormir bem, ter uma noite tranquila de sono, chegar a casa e ter uma boa refeição, mas não conseguia, evitava voltar para a

residência, pois não tinha liberdade, não desejava ter que escutar palavras de baixo calão, termos que iriam machucá-lo.

Nassor contribui com as reflexões de Akin, diz que em casa, enquanto mulher lésbica, sua vida era difícil, principalmente relacionado à mãe, pois com o olhar e a escuta atenta, lembra-se da mãe levando padres e pastores até a sua casa para fazer oração na sua cabeça. Nassor também diz que viu por várias vezes quando a mãe saía de casa com as roupas dela para levar até a igreja e, ao questioná-la porque estava fazendo aquilo, a mãe respondia que as roupas precisavam ser benzidas, pois algo de maléfico tinha sido feita para ela no plano espiritual. Nassor lembra que, na condição de mulher lésbica, teve aceitação do pai e ao mesmo tempo percebia que ele não conseguia verbalizar as suas indagações.

O posicionamento do pai mudou quando Nassor se identificou como homem transexual, pois agora além de não aceitar a nova condição do filho, fala em alto e bom tom que só vai ter paz quando falecer. Nassor relata: “*enquanto lésbica, eu não tinha voz*”, pois não era considerada pelos parentes como uma pessoa normal, constantemente nomeado como “*princesa de Jesus*” pela tia em festas de familiares que jamais aceitaram as suas transformações. Escuta constantemente das tias em encontros familiares que quando quiser ser salvo, basta ir até a igreja evangélica que elas frequentam, pois lá terá a oportunidade de ser liberto dessas anormalidades, ou seja, um homem transexual e um iniciante conhecedor da religião espírita. Nassor exalta: “*para dar conta, eu tenho uma família na rua*”, no qual ele sempre é bem acolhido e participa de atividades que permitem ser o que ele é.

Logo após Nassor concluir a sua fala, Akin compartilha conosco que o pai não mantinha diálogos com ele, mas uma reviravolta aconteceu na sua vida e família. Akin sofreu violência urbana quando voltava da Parada do Orgulho LGBT no município de Contagem e diante da possibilidade real de ver o filho morto, o cenário começou a se modificar logo depois de sua alta hospitalar, para ser mais exato, dois dias depois. O pai preocupado se dirigiu ao Akin e fez a seguinte pergunta:

(...) Você passou por isso tudo, porque não escolher o que é mais fácil? Ou seja, viver como um homem de verdade? Veja como é fácil! E eu respondi: pai eu não consigo, prefiro passar por tudo que tiver que passar do que viver infeliz o resto da minha vida. Eu não posso mudar uma coisa que sou. (Akin, 2021)

Diante da reafirmação de Akin, o pai então disse: *“se esse é o seu desejo, Deus abençoe as suas escolhas”*, só que mesmo assim, o pai tentou tratamento psicológico, porém Akin estava muito certo e consciente do que queria. A partir daí, o pai buscou conhecer mais sobre as lutas políticas, como por exemplo, a Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte e Akin percebeu que a família deixou de vê-lo como um filho *“veadinho”* e passou a enxergá-lo como uma pessoa digna de respeito. Akin terminou e Kalifa se manifestou de imediato, inicialmente falando de suas percepções quanto ao que é ser jovem LGBT:

(...) Ser jovem pra mim está relacionado ao mundo das descobertas, eu vejo que os jovens possuem aquele gás, aquela vontade de querer abraçar o mundo, eu vejo os jovens como pessoas fortes. Mas quando eu penso em juventudes LGBT, engraçado, não tinha pensando exclusivamente sobre isso, na minha cabeça choca, ser jovem LGBT é intenso, desafiador, incertezas, medos da aceitação, agressões, violências, muito contraditório diante da energia e força que os jovens possuem. Os jovens LGBT parecem viver suspensos diante do medo e de tantas outras violências. (Kalifa, 2021)

Nkosi emenda Kalifa e também já responde sobre o que é ser jovem LGBT. Ele reafirma que a sua juventude foi vivida dentro de um *“armário”*, teve medo e dificuldades de aceitação, descobrindo-se gay quando começou a desejar um corpo que não podia. Nkosi silencia por um momento e depois de refletir, afirma: *“pessoas LGBT não existem ainda, só resistem o tempo todo!”* E complementa: *“os jovens de hoje possuem mais perspectivas de resistirem”*. Nkosi fala que está pensando na geração dos jovens que estão com 15/16/17 anos, eles parecem que possuem um fôlego maior, também percebe medo, tensões, dificuldades de aceitação por parte deles, mas no fim *“me parecem que terão que ir menos à terapia”*.

Akin ressalta a fala de Nkosi, pois os jovens LGBT atualmente têm muitas conquistas alcançadas, fruto de muitas lutas do passado, parecendo que não querem mais fazer parte das lutas necessárias e manter o que já foi conquistado e possivelmente avançar mais. Nkosi reforça: *“eu sei sobre o que você está falando, tem muito sobre o empoderamento midiático, cada lacre é um lucro”*. E continua:

(...) Os jovens não procuram mais pelos movimentos políticos, é algo liberal, estão muito relacionados com o quê eles estão consumindo. Eu percebo uma militância do *“oba oba”* que contribui muito pouco com o que precisamos para avançar nas pautas LGBT. (Nkosi, 2021)

Nassor complementa: *“são nítidas as divergências entre a militância antiga e os jovens LGBT na atualidade”*. E comentam de forma geral que os jovens de hoje

precisam agradecer aos jovens do passado, pois muito do que pode ser vivido hoje está relacionado ao contexto de lutas anteriores.

Os participantes também falam acerca do número grande de letras por detrás da sigla LGBT, argumentando que precisam deixar algumas divergências e em alguns momentos compreenderem determinadas situações que vivem em casa com os pais ou responsáveis. Relatam que, em muitos casos, as famílias têm medo do que pode acontecer com eles e reforçam que os seus pais não conseguem entender integralmente as suas pautas, vivências, diversidades. Nassor acrescenta: *“as pessoas não são obrigadas a entender tudo sobre nós, precisamos ter paciência”* e Akin também acrescenta:

(...) Precisamos também parar com os comentários ruins, críticas que não levam a lugar nenhum, as pessoas ficam preocupadas com estética, cor de pele, fulano é feio, é o tempo todo classificando as pessoas. Precisamos resistir ao padrãozinho que a sociedade deseja. (Akin, 2021)

Nkosi fala para Akin que precisam pensar em seus privilégios, existem muitos dentro da categoria LGBT. *“Eu, por exemplo, tenho passabilidade, pois posso marcar a opção masculino no formulário sem problemas, mas para outros que não tem a mesma possibilidade, isso vira uma tortura”*. Ao falarem sobre os privilégios, Nassor devolve para Nkosi:

(...) Nkosi, eu não tenho privilégios, vivo com medo, não consigo fazer planos, parece que eu tenho data de validade, principalmente por ser transexual. Não me vejo passando dos 35 anos. Eu não consigo fazer planos. Tudo precisa durar até 12 meses. (Nassor, 2021)

Nassor parece ter medo em fazer planos para o futuro, a sua preocupação é tanta com a morte que recentemente fez dois seguros de vida, pois tem medo de morrer e deixar a responsabilidade de arcar com os custos para a mãe. Já Akin reafirma: *“eu não tenho medo, comprei o meu apartamento e dividi as prestações em 35 anos”*. Nassor também diz que tem vontade de comprar um apartamento, porém não consegue fazer prestações para tanto tempo assim, pois em suas próprias palavras: *“tenho medo, não vou viver muito”*.

Ao final Conversação, após os diálogos que giraram em torno do que é ser jovem LGBT, foi possível perceber que a categoria família dominou as discussões e a partir daí foi questionado ao grupo:

Como as suas famílias te percebem hoje?

Akin começou: *“a minha família me vê como porto seguro, eu sou a âncora dos meus pais, tenho estabilidade financeira”*. Akin complementa o raciocínio: *“tenho várias conquistas realizadas em minha vida, independente da minha sexualidade”*, ser homossexual não o impediu de alcançar os seus objetivos. Nassor continua: *“a minha família me vê como uma aberração”*, em outros tempos isso o deixava mais entristecido, inclusive cogitou entrar com processo judicial, mas na atualidade ressalta que não se importa mais. Kalifa responde: *“minha mãe finge que não está vendo, ela me visita, fica alguns dias na minha casa, participa da minha rotina com a minha companheira e com os meus filhotes de patas e é inviável não perceber a nossa união”*. Kalifa se recorda da oportunidade que tentou dialogar com a sua mãe sobre ser uma mulher lésbica e replicou com fidelidade os movimentos que a mãe utilizou naquele momento:

(...) Gente, eu já tentei conversar com mãe sobre ser lésbica e ela imediatamente me respondeu com as mãos agarradas na cabeça, eu sei de tudo, eu vejo tudo, mas eu prefiro fingir que não estou vendo nada. A minha mãe nega a minha condição de lésbica, para ela eu não tenho sexualidade. No final das contas pra mim já tá bom uma coisa, de uns tempos para cá eu parei de escutar da minha mãe a frase: DEUS abençoe que você arruma um marido e tenha filhos. (Kalifa, 2021)

Depois de Kalifa terminar, Nkosi perguntou ao grupo: *“agora sou eu que tenho que falar”*? “Você quer falar, complementar?” perguntou a mediadora e ele respondeu: *“Não tenho o que falar, minha mãe e meu irmão faleceram, a nossa família era considerada como anormal dentro do núcleo familiar da minha avó materna”*.

Nkosi conclui afirmando que quando a mãe, o irmão e a avô faleceram, a tia fez questão de não informar para ele, pois estava excluído da família por ser homossexual.

No término dessa Conversação, novamente foi agradecida a presença dos participantes e agendado o próximo encontro.

5.3 . Conversação 3: “Um lugar que eu não precisava esperar violência, olhares, comentários maliciosos. Eu ia para a sauna para estar no lugar que teria certeza que eu podia ficar tranquilo. Fiz isso várias vezes. A sauna foi um lugar que contribuiu com a minha educação, pois podia compreender a minha subjetividade.” (Haben)

Ao iniciar a terceira Conversação, foi percebido que eles não estavam se sentindo bem, pois estavam falando sobre a pandemia do Coronavírus e como ela tem

ocasionado situações complexas e muitos óbitos. Ao lerem constantemente as notícias veiculadas nas redes sociais sobre a pandemia, eles relatam que se sentem péssimos, como se estivessem abandonados pelo gestão negligente de Jair Messias Bolsonaro. Afirmam que desde o início, os brasileiros estão desorientados: *“estamos sem controle, o presidente só atrapalha, não dá direcionamento”*.

Depois de falarem sobre o caos e as mortes causadas pela pandemia no Brasil e no mundo, dirigem-se para a mediadora e indagam: *“qual é o tema de hoje?”* A resposta é a seguinte: *“hoje vamos conversar sobre os locais onde vocês aprendem, pode ser?”* Eles respondem afirmativamente, pois estão apreciando as perguntas, as respostas dos colegas e principalmente escutando e aprendendo coletivamente. Então a pergunta é: quais são os locais onde vocês aprendem?

Nkosi é o primeiro a contribuir:

(...) Acredito que é em qualquer lugar, onde existe troca, experiências, aprendizados. A questão é: o problema é o que se aprendem nesses lugares, quais são as informações que as pessoas estão recebendo e se as informações estão acrescentando para sermos melhores na vida. (Nkosi, 2021)

Quando Nkosi encerra a fala, todos ficam em silêncio, aparentemente refletindo na resposta de Nkosi. Interessante ressaltar que na resposta de Nkosi existe um forte posicionamento de que não é qualquer lugar ou informação que deva ser considerado. É preciso apurar as informações e realmente saber se os lugares frequentados e as informações recebidas contribuem para o conhecimento deles. Kito complementa Nkosi: *“é isso mesmo, lugares abertos e com a participação de outras pessoas podem provocar e proporcionar mudanças, conhecimento”*.

No terceiro encontro é totalmente perceptível que, quando a Conversação se inicia, eles já não focam tanto na mediadora, pois conversam entre si, interrompem um ao outro, complementam, discordam, riem e combinam passeios para quando a pandemia acabar. É possível perceber uma interação crescente entre os participantes, dando a impressão que já se conhecem há anos.

Retornemos a Kito. Ele continua discorrendo sobre alguns lugares que são de grande aprendizado em Belo Horizonte e compartilha conosco. São locais que contribuíram para a sua formação na militância LGBT, mas quando Kito iniciou a sua fala sobre os lugares, fomos interrompidos pela campainha da sua casa. Alguém estava chamando por ele.

De imediato, Kito dirigiu-se a Nassor: “*continua aí, deixa eu sair para atender o rapaz aqui e daqui a pouco eu volto*”. Nassor sorriu e deu continuidade, falando das suas experiências como integrante de outros coletivos que auxiliam pessoas LGBT na capital, pois são sujeitos que não conseguem acessar o direito fundamental que é a alimentação.

Nassor descreve que quando está nesses locais, pensa na sua condição econômica e percebe o quanto ele ainda é uma pessoa com privilégios. Ele também frequenta o Ambulatório Trans, está em processo de hormonização e é lá que tem contato com outras pessoas e com outras realidades, pois permanece no referido ambulatório por aproximadamente seis horas para realizar as suas consultas de rotina. O Ambulatório Trans, localizado no Hospital Eduardo de Menezes, conta com uma equipe multidisciplinar e em seu quadro de profissionais estão assistentes sociais, psicólogos, ginecologistas, clínicos e endocrinologistas que acompanham todo o processo de transição das pessoas transexuais que foram encaminhadas pelas unidades básicas de saúde, localizadas em cada bairro de Belo Horizonte, ou seja, pela porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS). É necessário enfatizar que um serviço de tal grandeza é resultado de imensa luta por parte dos movimentos sociais, não deixando de sofrer com o desinteresse das autoridades que utilizam os discursos costumeiros de ausência de condições financeiras para arcar com os acolhimentos e acompanhamentos das pessoas trans.

Nassor interrompe a participação por um breve momento. Quando retorna, relata uma experiência que o entristeceu. Ocorreu em uma de suas consultas no Ambulatório Trans: “*eu tive contato como uma senhora trans que parece ter mais ou menos uns 70 anos, eu fiquei olhando para ela e pensando, está em hormonização agora, tem uma aparência ambígua, uma vida sendo quem ela não queria ser, eu sinto que isso é triste*”.

Nassor sustenta que são esses lugares que contribuem para ele sair de uma bolha em que viveu por muitos anos e enfatiza: “*são experiências assim em que eu aprendo. É em locais assim que consigo perceber as diferenças com os outros*”.

Kito retorna ao grupo e inicia as suas falas: “*eu fazia parte de um partido político, lá era um local que contribuía muito, eu tive condições de abrir a minha cabeça para outros aprendizados*”. Ele também fala de suas aprendizagens no Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual – CELLOS/MG: “*lá a gente aprende muito, lá é*

um lugar de referência”. Kito diz que sempre participou das Paradas do Orgulho LGBT com a perspectiva de aproveitar um dia com o qual tinha muita identificação. Porém isso se modificou quando ele decidiu participar da Parada do Orgulho LGBT na condição de voluntário. Kito destaca:

(...) Fazer parte dos bastidores, vivenciar as dificuldades, os dilemas, as alegrias, participar dos encontros de formação, é muita coisa que tá por trás de uma Parada, ainda mais daquele tamanho, agora que eu fiz parte, vi como é importante estar naquele lugar. (Kito, 2021)

Kito relata outra experiência que vivenciou dentro das reuniões de formação do Cellos:

(...) Eu senti preconceito em uma das reuniões, pois fui dizer que fazia parte de uma igreja evangélica inclusiva pra quem estava lá e senti que algumas gays me olharam estranho. O mundo LGBT tem muito preconceito. Eu já senti preconceito com as pessoas fora da comunidade e senti preconceito com as pessoas que fazem parte da comunidade LGBT, já escutei muitos burburinhos, como por exemplo: lá vem a bicha evangélica, deve tá dando para o pastor. (Kito, 2021)

A igreja também é lugar de referência e de aprendizagens para Kito. Antes ele achava que não poderia exercer a sua crença sendo “*uma gay*” evangélica. Indagava-se, porque não poderia ser uma “*bicha*” evangélica. Ao ingressar na igreja inclusiva, sentiu-se abraçado e lá pôde conhecer outras histórias tristes e de superação, bem como compartilhar outras formas de lidar com algumas questões que traziam sofrimento. Citando outro espaço de aprendizado, Kito falou acerca de sua experiência como militante de uma agremiação política:

(...) Lá no partido era uma luta diária, quando estava longe das eleições, todas as pessoas escutavam as nossas demandas, compartilhavam com os nossos questionamentos e apresentavam propostas. Viam também potencialidades, ou melhor, visualizavam perspectivas de discussões mais profundas com pessoas LGBT. Só que quando aproximava as eleições, eu já percebia o impacto das coligações e via todos os debates de meses e anos irem para o ralo. Em Belo Horizonte as pessoas são conservadoras. (Kito, 2021)

Kito prossegue, afirmando que quando o presidente atual do partido decidiu apoiar o candidato a presidente da república, que era contra a sua comunidade, sentiu-se sufocado. Conforme a sua fala: “*eram duas percepções dentro do partido, antes das eleições e depois das eleições*”. Logo, decidiu sair e ficou em paz consigo mesmo. Kito também participa da Aliança Nacional LGBTI+, uma organização da sociedade civil que tem uma visão ampla sobre gênero e sexualidades com delimitação em pessoas

LGBTI+ em âmbito nacional e com escritórios regionais em todos os estados brasileiros por meio de parcerias físicas e jurídicas.

A primeira pergunta parece ter sido esgotada, portanto foi lançada outra questão, agora a respeito dos lugares que contribuem para fortalecer as orientações sexuais/identidades de gênero.

Kito é o primeiro a ressaltar que apenas pela sua condição de pessoa gay, não consegue chegar confortável em lugar nenhum, tendo medo de ser agredido, não suportando os olhares e os comentários. A única localidade em que não se sente extremamente desconfortável é na igreja evangélica que frequenta.

De repente, Haben entra na sala virtual, sendo possível constatar que ele tem um prato com comida em suas mãos. *“Gente, me desculpem o atraso, eu estava com fome e muito cansado, não ia entrar hoje”*. Haben entrou na sala depois do convite pessoal de Nkosi realizado por mensagem de WhatsApp. Nkosi diz: *“olha quem apareceu, você não podia deixar de participar, estamos conversando sobre os lugares que contribuem e fortalecem a gente”*. Haben respondeu: *“depois que fiquei sabendo do tema, não consegui deixar de participar”*. Haben prossegue: *“vocês não vão acreditar, pasmem! Sauna gay, isso mesmo, sauna gay, a sauna gay é onde os homens estão com perspectiva em ter relação sexual ou não”*. Haben compartilha que em determinada época de sua vida, a sauna era o único lugar em que se sentia em paz. Tirava a sua roupa, guardava no armário e lá podia exercer a individualidade. Podia descansar a mente do mundo exterior.

E continua:

(...) A sensação era como se a heteronormatividade, a violência contra a diversidade, à violência contra sua identidade ficasse do lado de fora. Um lugar que eu não precisava esperar violência, olhares, comentários maliciosos. Eu ia para a sauna para estar no lugar que teria certeza que eu podia ficar tranquilo. Fiz isso várias vezes. A sauna foi um lugar que contribuiu com a minha educação, pois podia compreender a minha subjetividade. Percebia o meu corpo desnudo, sem performance. (Haben, 2021)

Haben também fala de outros espaços que não foram tão confortáveis, mas em que conseguiu obter conhecimento. Também trabalhou como voluntário na Parada do Orgulho LGBT, em 2019, e afirmou: *“todos estão ali por uma causa comum, ou seja, o enfretamento ao sistema heteronormativo”*. Em seguida fala:

(...) Família, igreja, escola, são locais onde não se aprende nada, pois nesses espaços é preciso sobreviver. O negócio é aguardar a pedrada

que sempre chega não se sabe de onde, mas que sempre vem. (Haben, 2021)

Haben também tratou de identidade racial, falando dos locais em que precisa enfrentar o racismo. Ele frequentou várias saunas, com pessoas de perfis bastante variados, em territórios diversos. Afirmou que em Belo Horizonte existem muitas saunas e Kito complementou: *“eu não tive boas experiências na sauna, talvez por que eu era uma bicha afeminada, eram muitos os olhares, acho que eu saia do padrão”*. Haben concorda com Kito, pois segundo ele, na sauna existe um nivelamento de pessoas que frequentam e, talvez na época, ele não pintasse as unhas, não usasse salto, estava muito enquadrado no selo da heteronormatividade.

Haben esclarece:

(...) As saunas em BH demonstram aspectos das territorialidades, pois têm saunas que são frequentadas por ursinhos, por barbies, por novinhos, homens mais velhos. Tem saunas que tem garotos de programas, com pessoas com poder aquisitivo alto que podem pagar por programas que incluem bebidas, alimentações, massagens. (Haben, 2021)

Quando Haben terminou a fala, todos olharam para Nkosi como se dissessem: “agora é você, queremos que fale”. Nkosi responde que se esqueceu completamente da pergunta inicial e pediu que fosse refeita, sendo atendido: quais são os locais que contribuem para fortalecer as orientações sexuais e identidades de gênero de vocês?

Nkosi responde *“voltei, deixa eu responder”*. Ele destacou que aprendeu principalmente com as baladas, bares e afins, pois eram nesses lugares que podia exercer a individualidade. Reunia-se com outras pessoas gays, consumindo drogas, extravasando, deixando de ser uma pessoa reprimida. Em diversas oportunidades, as coisas não ocorriam forma que gostariam, pois era difícil administrar a intensidade das emoções desses encontros. Nkosi fala que as saunas nunca despertou muito assédio *“pois não tinha o corpo que chamava atenção”*. Na faculdade, também sentia segurança e dedicava-se à aquisição de conhecimento. Por outro lado, sente-se inseguro no trabalho e nas ruas:

(...) O gay entra e sai do armário o tempo todo, existe um movimento que exige cuidado. Espaços de aprendizados estão relacionados com os lugares de catarses e privados. Casa de amigo que agrega é só chamar, pois podem ser ótimos locais para aprendizado. (Nkosi, 2021)

Kito subitamente se insere na discussão, citando algo que aconteceu recentemente com ele no metrô de Belo Horizonte. Um homem muito bonito havia olhado para Kito e isso despertou a sua atenção, no entanto ele teve receio de retribuir o olhar. Kito disse que entendia Nkosi e salientou que todos eles precisam entrar e sair do armário, isso acontecendo praticamente todos os dias: *“a bicha não tem um minuto de paz”*.

Kito não conseguiu retribuir o olhar, pois ficou com temor de ser agredido. Dúvidas surgiram, será que o homem estava interessado ou não na sua pessoa.

(...) Tive medo de devolver o olhar da mesma forma, não sei por que aquele olhar foi direcionado para mim e todas aquelas perguntas passaram pelos meus pensamentos. Será que eu podia retribuir, será que ali podia estar uma boa pessoa? Dúvidas cruéis. (Kito, 2021)

Eles falam que já sabem quando os olhares não são bons, mas, segundo Kito, o do rapaz parecia não ser ruim. Kito prossegue: *“se continuasse devolvendo o olhar ao homem, poderia ter o meu nariz quebrado, o medo me paralisou”*. São momentos tensos aos quais já estão acostumados. Kito terminou a sua fala e Nassor dá sequência, dizendo:

(...) Não existe lugar para eu ser eu mesmo, sinto bem quando estou com os amigos próximos, no ambulatório, em casas de amigos cis, em lugares que tenho certeza que não sofrerei violências. Não ando de ônibus, nem de metrô. Quando preciso sair, tento ao máximo me aproximar do mundo masculino para não sofrer retaliações. Procuro ter aparência masculina, pois só depois que me tornei um homem trans e que foi possível perceber como os homens só respeitam os outros homens. Os homens não respeitam as mulheres. Os homens não respeitam as bichas, não respeitam as travestis, ele só respeitam homens padrãozinho, ou seja, eu preciso ser muito homem, caso contrário me tornarei alvo de violências. (Nassor, 2021)

Haben retorna ao diálogo: *“temos que pensar sobre os espaços que trouxemos, eles colaboram de forma positiva e já tem outros espaços que sofremos violências, eles também nos ensinam”*. Haben continua com suas reflexões:

(...) São aprendizados de dor, expectativas de violências, aprendemos pelo não ser e aí eu penso, aqui não existe subjetividade minha que não pode ser colocada, então eu não posso me colocar nesse lugar. Depois de certo tempo eu nem volto mais ao local que eu não consigo ser eu mesmo. (Haben, 2021)

Haben é professor e leciona em escola de origem católica, em que possui segurança. *“A escola é inclusiva, lá não se permite violências e quem não concordar,*

será convidado a se retirar”. Declara que nunca foi desrespeitado, porém *“nos primeiros encontros, percebeu que os alunos notavam que ali não existia um padrão normativo*”. Mas nos semestres seguintes não percebeu homofobia.

Haben enfatiza *“muitas pessoas passam pelo que passamos por outras razões”*.

(...) Ser gay, afeminado, me fazia pensar que eu era o condenado da história. Que sobre mim caia toda maldição. Outras pessoas sofrem da mesma maneira ou mais. Quando eu presto atenção em outros sofrimentos, eu vejo que existem outras maneiras de sofrimento e percebo que não estou sozinho. O preconceito é reproduzido, é algo que entra, e quando percebemos, já estamos praticando. (Haben, 2021)

Depois da fala de Haben, instaura-se um silêncio significativo.

Após alguns minutos, Nkosi diz que está pensando na vida, na sobrevivência, nos obstáculos impostos pela sociedade, desejando viver de forma tranquila, serena, sem ter que se preocupar com os sofrimentos que são inevitáveis por ser um homem gay. Nkosi continua e fala do seu anseio: *“ser heterossexual, branco, padrão, ter um carro e colocar um som automotivo e fingir que o mundo é feito para ele”*. E continua dizendo: *“estamos nos passos iniciais diante de discussões tão urgentes”*, mas aprecia saber que estão conversando na perspectiva de sujeitos políticos. *“Existe um universo que não me permite viver da forma que eu desejo. Queria ter dois minutos de paz. A bicha entra no cômodo e parece que já quer tirar a roupa”*.

Nkosi questiona os padrões heteronormativos e descreve como uma mulher deve ser na sociedade, ou seja, *“usar salto alto, maquiagens, roupas comportadas, cruzar as pernas, falar baixo, eu fico extasiado só de imaginar o que ela deve enfrentar no seu cotidiano”*. Ele fala que aprende em vários lugares, mas em muitos momentos adquire conhecimento pela dor e se pergunta o porquê de ter passado por tamanho sofrimento. Vive constantemente se controlando diante das situações que acontecem no cotidiano e consegue captar nos mínimos detalhes as manifestações de preconceitos: *“olha! Isso que aconteceu comigo agora é homofobia! Opa isso que eu passei é racismo!”*. Por isso é preciso se fortalecer.

Haben se lembra de um episódio ocorrido na padaria e relata: *“totalmente constrangedora, só porque eu estava usando short curtinho”*. Aprendeu na padaria e em outros lugares que as pessoas automaticamente rotulam o outro quando ele não está adequado à norma. Nomeia-se a curva para recordar a norma: *“o tempo todo precisamos lembrar que existe a norma e que estamos fora dela”*. A gente precisa o tempo todo nomear o que é saudável”. Kito complementa com uma situação vivenciada

no trabalho, falando de uma colega que mudou a voz ao responder uma pergunta feita por ele. A colega alterou o tom de voz e devolveu a pergunta como se estivesse conversando com uma criança, de forma infantil. Kito sabe que aquilo aconteceu porque ele é uma *“bicha afeminada”*. A colega ao respondê-lo como se fosse uma criança, tentou diminuir a sua capacidade de elaborar respostas condizentes com o cargo que ocupa na empresa. Ele ao perceber, sentiu que isso foi desnecessário. E prosseguiu: *“ela tentou me incluir, mas no fundo foi desrespeitosa”*. Kito chama atenção e diz que todos precisam ficar atentos aos mínimos detalhes, pois as pessoas podem estar praticando racismo, homofobia, tentando enquadrar as pessoas em religiões que não acrescentam nada.

Quase no encerramento da Conversação, eles estavam falando de aceitações que nunca virão por parte de algumas pessoas por serem pessoas LGBT. Kito pergunta ao grupo *“vocês já assistiram ao filme Orações para Bobby?”*. As pessoas do grupo responderam que não e ele reafirma a sugestão ao grupo: *“assistam, vocês irão perceber como o preconceito, a ignorância, a violência mata pessoas como nós”*. E assim terminamos mais uma Conversação.

5.4. Conversação 4: “Fala-se muito de nossas vivências através da dor, mas tem muita coisa boa, eu acredito que o cenário pode e vai melhorar. Não é porque alguém vai chegar e fazer, é porque nós todos estamos fazendo algo para resistir a tudo isso”. (Haben)

Depois dos primeiros cumprimentos entre os jovens LGBTQIA+, iniciamos a 4ª Conversação refletindo sobre o quantitativo de pessoas que perderam as suas vidas por causa do Coronavírus e eles ressaltaram que foram 3.668 mortes no dia anterior. Nkosi perguntou ao grupo: *“vocês estão acompanhando?”*. Nassor respondeu que não, pois percebeu que estava perdendo muito tempo com as redes sociais e refletiu que ficava infeliz cada vez que escutava as notícias e suas consequências para as pessoas mais vulneráveis. Relatou-nos que busca por notícias, mas com menos frequência. Nassor apresentou ao grupo as suas novas leituras, as quais encara como válvulas de escape para enfrentar a pandemia. São livros de sociologia e história de uma escola particular, colégio Santa Maria. Ele alega que são livros bons e que possuem boa fundamentação para apresentar determinados conceitos.

Nassor também está fazendo outras leituras para não ficar um tempo exagerado na internet. Ressalta que, se continuar acompanhando as notícias, irá adoecer com tanta tristeza. Nassor indica mais um livro que começou a ler: *“A sutil arte de ligar o foda-se”*. Ele compartilha conosco as impressões: *“porque eu não li isso antes, porque não pensei sobre isso antes”* e comenta sobre as suas reflexões e achados encontrados no livro. Ele diz que o livro proporciona reflexões acerca da importância de autoconhecimento. Alguns membros do grupo iniciam uma discussão sobre os acompanhamentos psicológicos que realizam e outros falam de interrupções motivadas pela falta de condições financeiras para dar continuidade.

Kito entra na sala virtual, cumprimentando todos os participantes. Nkosi está com uma xícara bonita nas mãos e nos mostra, de tão bela que é, desperta a nossa atenção. Os outros participantes ficam curiosos para saber o que há no conteúdo e perguntam ao Nkosi: *“o que tem aí dentro”* E ele responde: *“é água gente, de boaça, bem que podia ser um drink”*. Como Nkosi já trabalhou em várias boates e bares em Belo Horizonte, possuindo vasto conhecimento sobre como elaborar diversos drinks saborosos. Após o esgotamento da discussão sobre os diversos drinks que Nkosi sabe elaborar, iniciamos a quarta Conversação com a seguinte questão motivadora:

O que vocês fazem para acessar momentos de diversão na cidade de Belo Horizonte?

Nkosi pergunta aos demais: *“vocês estão pensando em diversão fora da pandemia né? Sem cogitação pensar em diversão no momento em que estamos”*. Kito diz que os seus *“rolês”* são sempre com o seu cachorro, filhote de patas, seu animal de estimação. Nassor também não tem saído e complementa: *“eu tenho medo de pegar Covid-19, isso me deixa assustado, me deixa com medo de morrer”*. Kito retornou ao assunto e respondeu que sente prazer em ficar em casa, mas por vezes sai em Belo Horizonte, gostando de ir ao CCBB, localizado na Praça da Liberdade. Também aprecia frequentar barzinhos. Não gosta de boates, preferindo passeios mais tranquilos. E é entusiasta de encontros na casa dos amigos e faz o convite ao grupo: *“se vocês forem fazer resenha depois da pandemia, por favor, me convidem, pois eu irei com o maior prazer acompanhando do meu filhote com patas”*.

Nkosi demonstra receio de compartilhar os lugares e as diversões que gosta, comentando que, quando iniciar a sua resposta ao grupo, ficará gravado na sua testa: *“Nkosi é biscateeeeeee”* e todos riem da situação, aguardando ansiosos. Nkosi fala que é

“muito rueiro, *eu começo como Kito, gente vou ali no barzinho tomar uma cerveja, mas quando vê já está em outros bares, outros lugares, com pessoas diferentes, pois conhece muitas pessoas.*”

Enquanto isso é possível escutar o cachorro, filhote de patas de Kito respirando profundamente e prestando atenção na tela do computador. Todos já estão acostumados, pois sempre acontece algo inusitado nas conversações. São consequências da pandemia de Covid-19 e das novas formas de se encontrar via plataforma virtual.

Nkosi fala:

(...) Gente eu gosto de teatro, cinema, exposições, frequento muito o Baixo Centro, Banzai, Karaokê da Cássia, tem bares também na Savassi, frequento o Mercado Novo só quando é aniversário de alguém, pois lá é caro. Alguns bares mais caros outros nem tanto. Eu frequento lugares que me permitem manter a minha integridade em dia. (Nkosi, 2021)

Nkosi explica que em Belo Horizonte existem locais que não tem coragem de frequentar, pois sente medo real de perder a vida. Cita uma antiga casa de espetáculos, Alambique. Não tinha coragem de colocar os pés nela, pois não se sentia seguro. Nkosi gosta de rock, mas tem medo de ir a algumas casas de show, pois suas atitudes poderiam sair do permitido. Enfatiza que é fã de rock, mas que em algum momento poderia transitar do rock para “bater cabelo com os hits de Pabllo Vittar”. Sente-se amedrontado nos lugares com grande concentração de pessoas e evita locais que podem ser mais arriscados.

Nassor não gosta de sair de casa, considerando-se quase um idoso aos 28 anos de idade. Não bebe e concorda com Nkosi que os melhores lugares e situações de entretenimento para frequentar em Belo Horizonte estão localizados no Baixo Centro, pois geralmente são lugares que acolhem a diversidade. Frequenta a Praça do Papa, não por diversão, mas porque tem certeza que lá não irão chegar pessoas armadas com lâmpadas para agredi-lo, fazendo alusão aos crimes noticiados pela mídia no Estado de São Paulo, em que pessoas LGBT são agredidas em plena luz do dia na Avenida Paulista. Na Praça do Papa, ele não tem medo de ser quem é. A sua idade não permite que fique até tarde nas ruas, não tendo disposição para a vida boêmia. Sente apreço pelo Mirante, localizado no alto da Afonso Pena, pois é um espaço que possibilita um misto de sentimentos, ou seja, ter momentos de paz e simultaneamente pensar nas desigualdades que acometem os belo-horizontinos. Na sequência, a narradora faz outra indagação:

Na opinião de vocês, Belo Horizonte é uma cidade segura?

Para Kito, em comparação com outras metrópoles, Belo Horizonte é mais segura. Os amigos de Porto Alegre quando vem até a sua casa para visitá-lo ficam mais à vontade. Brasília também não é segura. Os amigos sempre falam que na capital mineira conseguem extravasar mais, sentindo-se mais livres. Nkosi complementa “*estou aqui pensando se BH é ou não o lugar mais seguro*”. O que é segurança, o que é existências lugares com segurança? Haben entra na Conversação, sendo que já tinha justificado o seu atraso. Ele está na cozinha preparando o seu lanche, fritando quibe entregue por sua mãe e tomando uma cerveja. Nkosi enfatiza que em Belo Horizonte há alguns nichos que lhe dão tranquilidade, que lhe transmitem segurança. Ele tem a sensação de frequentar bolhas, lugares que no primeiro momento lhe parecem seguros. Mesmo assim, não descarta que em alguns desses lugares que considera locais seguros possam aparecer “*homens machos, escrotos querendo provar, exibir a sua masculinidade. BH não é uma cidade para LGBT*”.

Nassor introduz o tema da folia carnavalesca e exalta “*ainda bem que no carnaval de BH não existe nenhum bloco que seja 100% heterossexual na sua composição*”, e complementa: “*não vou dar sopa na rua*”, *não confio, tenho medo*”. Ele acredita que Belo Horizonte possui relativa segurança. E comenta sobre uma de suas viagens ao Rio de Janeiro, mais precisamente ao Posto 9 de Ipanema, conhecido como o paraíso gay: “*quando eu estou lá, me sinto no céu, às pessoas não te julgam, ninguém te olha, ninguém te observa, me sinto livre*”. Nassor não aprecia São Paulo, pois as notícias que chegam pelos noticiários demonstram constantemente as múltiplas violências que pessoas LGBT sofrem no estado.

Haben inicia a sua fala na conversa dizendo que compartilha com a fala de Nassor: “*eu gosto muito do carnaval em Belo Horizonte. BH não tem blocos 100% heterossexual*”. O carnaval em BH é um evento em que se pode aproveitar muito. Ele faz um comparativo entre os dias de carnaval e as festas LGBT fechadas que acontecem no decorrer dos meses na capital mineira: “*em BH tem festas LGBT que eu não me sinto tão seguro como no carnaval*” e continua:

(...) Isso acontece porque no carnaval gênero e sexualidades parecem ficar suspensos, deixa de ser tão marcado quanto aos outros dias. Os agressores diminuem os seus impulsos de violências, pois grandes partes dos homens heterossexuais estão vestidas com vestimentas femininas que saem do padrão, da norma. (Haben, 2021)

Haben manifestou que já saiu de casa para o carnaval trajando meias coloridas, acessórios vibrantes, salto alto e não foi agredido. Em outras datas não comemorativas foi tentar repetir a experiência, entretanto não teve trégua, sendo rechaçado, humilhado e agredido. Ficou muito preocupado, pois as pessoas não estavam no mesmo espírito festivo que ele. Haben complementa dizendo que transita por qualquer lugar na capital mineira, procurando não expor a sua pessoa. Sabe que causa estranhamento, pois quando se permite ir, gosta de contestar as normas. Já esteve presente em bares com salto alto e foi questionado. Em uma ocasião resolveu ir a um estabelecimento noturno e um homem heterossexual indagou: *“pó, cara, você está de salto no bar?”* e ao perceber que a pergunta não foi feita com boas intenções, prontamente se retirou daquele espaço.

Depois daquele episódio, Haben conta que ficou reflexivo, pensando na forma como queria ser tratado, ou seja, queria ter escutado: *“que coisa boa, você está de salto, vivendo a sua vida da melhor maneira que acredita, sendo você mesmo, isso é muito bom, vamos dançar e curtir e aproveitar a vida”*. Haben diz que quando percebe que está em ambientes que não lhe cabem, sente forte pressão, sente desconforto e logo se retira. Belo Horizonte, para ele, é uma cidade bem melhor se comparado às outras capitais, já que possui ações que permitem aproveitar a cidade com mais segurança, como, por exemplo, a Parada do Orgulho LGBT. Ele sentenciou: *“Belo Horizonte é uma cidade que joga a pedra e esconde a mão”*. Haben acredita que o mineiro é mais estratégico, procurando esconder as agressões que cometem. Quando o mineiro é confrontado, disfarça e argumenta: *“não é bem assim, não foi isso que você entendeu ou não foi isso que eu quis dizer”*. Ele não considera Belo Horizonte segura.

Haben gosta das festas de carnaval e das Paradas do Orgulho LGBT e diz que se sente seguro para a diversão: *“ah tem também os guetos”*. E continua descrevendo o carnaval e a Parada do Orgulho LGBT, entretanto, subitamente, um silêncio inesperado se instaura.

Haben parou de falar e todos olharam para ele aguardando a sua manifestação. Após alguns minutos foi possível escutá-lo respirar profundamente. Em seguida, ele retomou a fala e compartilhou conosco a seguinte reflexão:

(...) Gente eu vou falar uma coisa para vocês que ainda não tinha pensado, no carnaval a nossa identidade pode aparecer na cidade inteira, por isso eu gosto tanto do carnaval. Em outras épocas do ano, você não consegue ser você mesmo. Você precisa ser mais contido, mais restrito. (Haben, 2021)

Haben acrescenta que a Parada do Orgulho LGBT oferece a oportunidade de transitarem da forma que desejam, ou seja, vestido com purpurinas, saltos altos, plumas e brilhos, pois seus corpos são políticos e a cidade parece se enfeitar para receber a festa.

(...) Ali é o momento que nos permitem colocar o nosso corpo da maneira que queremos. Lá podemos ser nós mesmos no decorrer do dia, dançando ao som dos trios elétricos, dos shows, conversando com os nossos amigos”. E é interessante porque quando a festa se encerra fico com medo de voltar para cada sozinho, fico receoso, não sei o que pode acontecer”. (Haben, 2021)

Haben descreveu que, na Parada do Orgulho LGBT, as pessoas sabem que estão em grupo, parece que têm receio de fazer algo e exemplifica: *“pensa na cena: podem tentar fazer maldade com uma sapatão sozinha, mas eles não têm coragem de fazer maldade com 10 sapatões unidas, eles não têm”*. Haben fica triste quando pensa no exemplo que nos passou: *“isso é ruim, nunca tinha pensado nisso, ser eu mesmo somente duas vezes ao ano, no carnaval e na Parada do Orgulho LGBT”*.

Haben se entristeceu e compartilhou conosco a sua consternação: *“eu estou segurando o choro e é isso a pura realidade em que vive os LGBT em Belo Horizonte”*. Ele ressaltou que suas subjetividades e individualidades não são respeitadas na capital. Haben gosta de ir ao carnaval, pois lá sabe que pode extravasar até o final da festividade. Ele relata que após o encerramento é preciso ir embora:

(...) A polícia já acha que todos os foliões são bandidos e precisamos tomar cuidado para não virar saco de pancadas. Depois dos momentos mágicos, é preciso ter cuidado, pois estupradores, machões heterossexuais, ladrões já acham que podem voltar a cometer atrocidades na cidade. (Haben, 2021)

Nkosi pede a palavra: *“me deixa falar, preciso falar. No carnaval é passível de diversão, pois a nossa performatividade não passa de fantasia para os outros”*. Ele pede aos participantes para prestarem atenção, para que se recordem dos momentos carnavalescos:

(...) Homens heterossexuais podem fazer as suas performances vestidas de mulheres, o mesmo também acontece com as pessoas LGBT, pois para os homens heterossexuais nós não deveríamos existir, pessoas LBTQIA+ não passam de fantasias. (Nkosi, 2021)

Nkosi direciona para Haben e comenta: *“você de salto em um bar não pode, se quer ser gay, seja trancado na sua casa, seja discreto”*. Nkosi emenda que ficou

impressionado com as declarações de Haben e percebeu como ele precisa ser contido e discreto. Acrescentou que não consegue ter comportamento similar e enfatizou que precisa fazer um grande esforço na escola que leciona para não “*dar pinta*” de que é gay.

Nkosi comenta outra reflexão a partir da fala de Haben: “*já parou pra pensar que existem lugares parceiros, como por exemplo: sambas, lugares de militância negra, militância de mulheres*”. Nkosi frequentou por muito tempo um bar localizado no bairro São Paulo, Regional Nordeste de Belo Horizonte. E declara que se sentia tão bem que já subiu ao palco para dançar várias vezes. Ele relata que foi muito bom subir ao palco, mas chama atenção para o fato de serem sempre considerados como “*alegres, gays amigos, gays que sabem maquiar*”.

Questionam os outros componentes do grupo: “*será que nós não estamos sendo as gays pet de muitas pessoas?*” Nkosi fala que ir e voltar da Parada do Orgulho LGBT é um dia muito tenso, pois tem medo de ser vítima de algum tipo de violência. Está ciente que muitas pessoas se encaminham para a Parada com o objetivo de festejar o orgulho LGBT, porém sabe também que existem muitos agressores esperando o momento para atacar. Haben afirma que se algo acontecer com ele, alguma violência, vai revidar, não se importando com as consequências.

Nassor entra na conversa e dá continuidade ao pensamento de Haben. É possível perceber que ele tem certo cuidado ao falar, pois fica alguns segundos em silêncio. Porém, consegue retomar a fala: “*eu tenho passabilidade como homem transexual*”, pois já são quatro anos no processo de hormonização no hospital Eduardo de Menezes. Nassor prossegue com problematização:

(...) Quando vocês falam de ir fantasiado para o carnaval, eu queria saber mais, pois como não me fantasio, fico com dúvidas, vocês não percebem as violências, pois todos estão vestidos com roupas de mulheres, fantasiados?

Haben é o primeiro a responder: “*eles não nos agriem, pois é carnaval, está tudo liberado, fique à vontade*” e prossegue com as reflexões:

(...) Os agressores aproveitam para sair do armário, transitam em outros espaços do corpo humano. Os homens heterossexuais sabem muito bem distinguir comportamentos quando não são de homens heterossexuais. São códigos muito bem reconhecidos. (Haben, 2021)

Nassor descreve que quando está com barba grande, bem vestido, as pessoas não percebem a sua identidade. *“Basta só um sorrisinho ou se perceberem que tenho seios, as pessoas já me olham de outra maneira”* e nos conta uma experiência de um amigo não-binário:

(...) Quando meu amigo entra na padaria com uma blusa mais apertadinha, as pessoas o chamam de ela, mas quando ele aparece com uma blusa mais larga, as pessoas o cumprimentam na perspectiva do ele, com as feições mais fechadas. Sério é homem, sorrindo é mulher, homens heterossexuais são um bando de ignorantes, você vai ver quando eu fizer a mastectomia, as coisas irão mudar. (Nassor, 2021)

Haben dirige-se a Nassor: *“a sua genitália é presumida. Eles não te olham é porque não sabem, pois, se soubessem, você ia ver”*.

Haben fala com Nkosi, mas direciona ao grupo: *“os espaços em que conseguimos divertir com segurança citados por vocês, como samba, movimentos feministas, espaços onde a maioria das pessoas são negras, nem sempre possuem bom entendimento sobre gênero e sexualidades”*. Haben acha que a boa aceitação acontece devido à interseccionalidade, pois são pautas de minorias que se encontram. São espaços mais inclusivos, pois a presença de pessoas LGBT é constante, então ocorre uma convivência mais ampla. E fala que em lugares como citados acima, também percebe os olhares, os sorrisos irônicos, os deboches.

(...) Eu odeio ser observado, odeio ser colocado no papel exótico. Um animal de zoológico. E outra coisa: isso varia por causa das expressões de gênero. A nossa performance varia, tem momentos que eu sou contido, em outros espaços eu preciso ser alegre, as personalidades se modificam de lugar para lugar. (Haben, 2021)

Nkosi reforça que não dá para viver somente dentro de uma bolha: *“eu não posso viver em função dos outros, eu preciso ter no mínimo excitação, vontade de viver”*. Nassor fecha a discussão falando acerca da identidade dele: *“parece que eu não existo. É algo sobrenatural”*. Haben entra na conversa e inicia outro contexto:

(...) Fala-se muito de nossas vivências através da dor, mas tem muita coisa boa, eu acredito que o cenário pode e vai melhorar. Não é porque alguém vai chegar e fazer, é porque nós todos estamos fazendo algo para resistir a tudo isso. (Haben, 2021)

Os demais participantes concordam, refletem que é necessário falar das *“coisas boas”* que acontecem, pois constantemente são tratados e vistos na sociedade na perspectiva do que é ruim, descartável, preconceituoso. E eles se revezam ao dizer:

(...) Somos seres humanos, somos jovens, temos qualidades, somos trabalhadores, estudiosos, temos aspirações artísticas, não dá para entender, poderiam falar de nós de outras maneiras. (Um emaranhado de discursos).

Ao caminhar para finalizar a quarta Conversação, eles chegam ao ponto comum: *“vamos falar sobre projetos de positividade, é isso, queremos falar sobre Projeto Positividade”* e depois que chegam ao tema das próximas conversações, enfatizam: *“sabemos que não seremos beneficiários das nossas discussões, mas outras pessoas LGBT poderão encontrar um mundo diferente, onde a diversidade possa ser respeitada”*.

5.5. Conversação 5: “Parece que precisa estar tatuado na minha testa qual é a minha genitália para elas saberem se devem aproximar ou não de mim”. (Nassor)

Aos poucos, os participantes entram na sala para a quinta Conversação. Quando todos já estão presentes, iniciamos. Nassor aborda um assunto que lhe tem causado estranhamento e raiva. Ele compartilha que têm sofrido com algumas mulheres cisgêneros.

Inesperadamente, o diálogo é interrompido, pois imagens e falas não apareciam e nem se podia escutar com nitidez o som das palavras. A internet “travou” e risadas e brincadeiras aconteceram: *“cadê a pessoa gente, sumiu? Muda de internet, que situação, hoje tá foda”*. São exemplos de desafios em se realizar as conversações via plataforma do Google Meet.

Quando a conexão foi reestabelecida, Nassor introduziu outro assunto e eles começam a conversar sobre os livros que têm lido e que desejam indicar aos membros do grupo, inclusive, alguns são da Academia Transliterária. Nassor disse que aprende muito com os artistas e escritores que compõem o coletivo, falando com entusiasmo da diversidade que presencia, pois tem contato com outras realidades a que jamais teria acesso se não fizesse parte do coletivo e a partir disso consegue perceber os seus privilégios.

Nassor retoma ao assunto dos sentimentos de raiva despertados por algumas mulheres cisgêneros e introduz seus argumentos:

(...) As mulheres cisgênero sempre perguntam para pra mim, gente, desculpa a expressão aí, mas elas perguntam pra mim: você é um

homem com buceta? Quando eu respondo que sim, as mulheres devolvem dizendo que gostam de homem com pau! O ser humano olha genitália e quando você diz que é transexual, as pessoas acham estranho e questionam. (Nassor, 2021)

O contexto relatado acima, conforme descreve, com as mulheres cisgêneros é mais problemático: *“parece que precisa estar tatuado na minha testa qual é a minha genitália para elas saberem se devem aproximar ou não de mim”*. E é por esses motivos que faz dois anos que Nassor não se relaciona com ninguém, e diz *“sou solteiro”*. Relata-nos que desde o início do seu processo de transição não teve relacionamento fixo e tem se descoberto como uma pessoa com orientação sexual bissexual.

Nassor descobriu que gosta de pessoas e que é mais fácil não rotular para ter uma relação que considera saudável. Ele chama atenção para o quantitativo de letras que existem para nomear as pessoas que não se encaixam na norma e ressalta que é muito difícil para sociedade conseguir entender todas essas modificações. Nassor retoma o assunto das mulheres: *“elas chegam perto, mas quando descobrem qual é a minha genitália, não querem mais ter compromisso”*. E desenvolve o raciocínio: *“sexo para 99% das pessoas se resume a penetração, as coisas não precisam ser assim, podemos fugir da normalidade, do que se considera normal”*. E realça: *“precisamos ser livres, pois todas as caixinhas sempre trazem sofrimento”*.

Nkosi entra na conversa e complementa Nassor com uma de suas experiências:

(...) Um dia, quando mais jovem e depois de voltar para casa do trabalho, busquei pelos meus álbuns de fotografias, percebi que sempre fui bonito, mas não entendia por qual motivo não era cobiçado pelos homens. (Nkosi, 2021).

Nkosi interrompe a Conversação e nos informa que está solicitando motorista por aplicativo para sua amiga que está na rua e todos aguardam. Quando voltamos, o assunto é autoestima. Nkosi diz que foi de suma importância conhecer sobre o seu corpo, sobre o seu tom de pele, sobre os seus desejos para saber lidar com as rejeições que encarou ao longo de sua vida. Ele relata que a imersão em si foi essencial para aprender a se fortalecer como gay e isso reverberou na sua autonomia e melhorou a sua autoestima.

Agora é a vez de Nassor, ele inicia a sua argumentação dizendo sobre os desafios que encontra por ser um homem transexual, pois as suas vivências não permitem que ele relate as suas experiências com a autoestima, ficando sempre

incomodado, pois ainda não realizou a cirurgia de mastectomia. Ele destaca: *“as roupas causam incômodos, os olhares causam sofrimento, pareço viver em um não lugar. Não me sinto bem no meu corpo”*.

Apesar de não se sentir bem com os incômodos relatados acima, ele trouxe outros exemplos para nos dizer como pensa, pois, segundo ele, nem tudo precisa ser imposto às pessoas que não estão acostumadas com quem é fora das normas. *“Estou em um sítio com outras pessoas, barba no rosto, vou colocar biquíni? Não consigo. Acho bizarro, desproporcional”*. Nassor conversa conosco acrescentando:

(...) Vocês estão entendendo? O meu masculino é questionado pelos outros constantemente. Estava com os amigos em um churrasco, quando saiu uma rodada de carne, eu peguei o guardanapo e logo escutei, homem que é homem não pega carne com o guardanapo, pega com as mãos, limpa na roupa. (Nassor, 2021)

Nassor conta que ficou refletindo sobre as palavras que tinha escutado e concluiu: *“eu não vou limpar gordura na minha roupa, quem compra e paga as roupas sou eu”*. E conforme partilhou, são corriqueiras as situações e frases que escuta, como:

(...) você é muito cheiroso, para de passar creme no cotovelo, para de pentear os cabelos, você não pode defender as mulheres quando estamos em rodas de homens, temos que falar sobre cerveja e comentar sobre futebol. Você precisa ser machista. (Nassor, 2021)

Nkosi e Nassor terminam a Conversação dizendo que os homens precisam rever os seus conceitos: *“não tem mais lugar para homens escrotos nos dias de hoje. Eles precisam se reinventar”*.

5.6. Conversação 6: “Queremos conversar sobre o bom de ser gay, de ser LGBT, conversar sobre as nossas experiências positivas e que nos enchem de orgulho”. (Haben)

A sexta e última Conversação se inicia e Nkosi destaca as tatuagens que conseguiu ver de Kito através da tela do computador: *“gente, Kito é rabiscado igual eu”*. Kito começa a descrever cada uma de suas tatuagens e mostra costas, braços e pernas. Na sequência, todos os outros participantes demonstram e contam sobre suas tatuagens. São representações de dragões, dos seus filhotes com patas como alguns deles costumam dizer, de slogans dos times de futebol, outras que foram modificadas, pois constava o nome de ex-namoradas, além de tatuagens que não podiam ser

mostradas, pois estavam em partes do corpo considerado por eles como proibidas. Contam-nos também sobre algumas histórias inusitadas que estão por detrás das tatuagens e sobre a construção de suas memórias afetivas acerca delas.

Depois de todas as discussões sobre as tatuagens, começamos a conversar sobre o tão aguardado Projeto “Positividade”. Haben inicia dizendo que eles vivem muitas coisas que não são boas, vivem com os preconceitos, com as violências, ou seja, com situações delicadas, tristes e convoca os outros participantes: *“gente precisamos sair disso, não temos que falar só sobre as coisas ruins”*. E prossegue falando do quantitativo de reuniões virtuais que já ocorrera naquele dia. Fala do árduo trabalho não remunerado que realiza na militância voltado para a discussão de gênero e sexualidades com delimitação em pessoas LGBT. Ele reforça que geralmente gastam tempo e energia em excesso respondendo notícias sem nenhum tipo de fundamento veiculadas nos meios de comunicação. A sociedade sem ter condições de contextualizar as notícias, compra os discursos que causam impactos extremamente prejudiciais para as pessoas LGBT. Haben cita um tema atual que traz preocupação, ou seja, as amplas discussões que ocorrem no país sobre o tema *“violência instrucional contra crianças na escola”* e ressalta que as discussões estão sob o escopo da ideologia de gênero. Os participantes do grupo acham um absurdo discutir essa temática, pois as violências que as crianças sofrem na escola não são essas, são outras.

A respeito da reunião que acabara de terminar com outros colegas da Organização da Sociedade Civil (OSC) Aliança Nacional LGBTI, Haben compartilha que estavam debatendo se iriam ou não responder sobre as discussões infundadas acerca do assunto ideologia de gênero. Haben fala que depois de prolongado debate, todos os membros da reunião decidiram não responder. Não queriam perder tempo com discussões que desgastariam a saúde mental das pessoas que compõem o grupo.

(...) Não queremos gastar tempo com negatividade, com notícias ruins, queremos olhar para o momento atual e dizer “ser gay é muito bom, tem coisas boas acontecendo” e é isso que quero compartilhar com as pessoas. (Haben, 2021)

Haben e os participantes dão continuidade: *“queremos conversar sobre o bom de ser gay, de ser LGBT, conversar sobre as nossas experiências positivas e que nos enchem de orgulho”*. Eles reconhecem que por vezes terão que dedicar tempo a situações delicadas, complexas, mas querem se ocupar prioritariamente com coisas positivas. Não querem viver uma vida baseada em experiências dolorosas: *“queremos*

viver uma vida no que ela tem de prazer, felicidade, alegria". Somos tão programados para viver coisas ruins, a TV, os jornais e os celulares estão repletos de informações negativas.

Haben retorna: *"eu tenho boas experiências que aconteceram na minha vida porque sou um homem gay"*. Ele foi casado e como resultado dessa união adotou uma cachorra, *"sua filhote de patas"*, Haben ressalta que isso só aconteceu porque foi casado com um homem, ou seja, porque teve uma relação que difere da norma. Haben comenta que há coisas que só aprendeu na vida porque é um homem gay. *"Quem sabe outras pessoas descubrem que viver fora da caixinha é bom, viver fora da norma agrega pessoas que também pensam diferentes"*.

Haben enfatiza: *"eu posso dizer com todas as palavras, eu vivo uma vida diferente da maioria das pessoas e sinto orgulho disso"*. E acrescenta que a sua experiência enquanto ser humano está diretamente relacionado com a riqueza da própria personalidade, expressa na convivência com outras pessoas, por mais que existam indivíduos dizendo que isso é algo negativo e que *"você vai queimar no fundo do inferno, não, isso é mentira"*. Na realidade, nossa sociedade é diversa:

(...) Isso não é uma alegria só para mim que sou LGBT, isso é uma alegria para quem não é LGBT, pois as pessoas podem se reconhecer na diversidade. Somos diferentes. Repito, eu vivo muitas alegrias porque sou um homem gay e é nisso que gosto de focar. (Haben, 2021).

Kito também contribui: *"tenho muitas coisas positivas na vida, nem tudo é trágico"*. Ele está ciente que situações complexas e delicadas acontecem diariamente em sua vida, mas salientou os pontos positivos:

(...) Posso citar as relações pessoais e queridas que construí, porque sou gay, tenho condições de viajar com as minhas amigas heterossexuais casadas, cujos maridos não questionam o nosso relacionamento e não tem ciúmes de mim. (Kito, 2021).

Por ser LGBT, Kito aprendeu a se impor, a lidar com as situações que ocorrem no trabalho, na igreja e nas demais relações pessoais. *"Gente, sei chegar, sair, emitir a minha opinião, ser LGBT me proporcionou isso"*. Algumas situações ainda o deixam em choque. Ele retoma novamente a sua experiência, transcorrida no metrô de Belo Horizonte, em que percebeu que um bonito homem olhou fixamente para ele, porém teve receio de corresponder, pois não sabia se o indivíduo seria ou não uma pessoa com

potencial para agredi-lo, ou seja, um homofóbico. Ressalta, inclusive, que algumas situações o deixam com o estado psicológico extremamente abalado.

Aprendeu também a lidar com as situações desconfortáveis que se passam no cotidiano. E compartilhou uma experiência conosco a título de exemplificação. Constantemente leva o cachorro para passear e em um desses dias precisou responder por comportamentos que considerou bizarros, salientando *“imaginam a cena”*: estava ele passeando com o animal e andando tranquilamente pelas ruas do bairro quando o cão se aproximou de outro e começou a cheirá-lo. Kito parou e olhou para a dona do cachorro, uma mulher e pretendia cumprimentá-la, entretanto escutou a seguinte frase proferida por ela: *“nossa, o seu cachorro está cheirando o meu e eles são machos, o que será que vai dar isso?”* Kito nos disse que ficou pensativo com o posicionamento da mulher e respondeu: *“deve ser que o meu cachorro é gay igual ao pai”*. A mulher olhou atentamente para Kito e rapidamente saiu com o animal de estimação dela.

Kito compreende que algumas situações de preconceito afetam a sua estrutura psicológica e o deixam sem saber até quando terá que lidar com isso. Acha positivo responder, devolver ao outro que questiona o seu modo de viver, de ser e estar no mundo. Ele complementa dizendo que:

(...) As pessoas consideradas minorias, as pessoas LGBT, mulheres, negros precisaram aprender a se impor diante de uma sociedade tão preconceituosa, pois caso contrário, vamos ser atropelados e não teremos chances de demonstrar as nossas competências. (Kito, 2021)

E Kito prossegue com o seu posicionamento, sustentando que quando as minorias se impõem mostram resistência, coragem, capacidade argumentativa e felicidade, mesmo diante de tamanho preconceito. Nós aperfeiçoamos a nossa capacidade de questionamento, quando não nos calamos diante das ofensas. Para Kito: *“a minha sexualidade serve para coisas boas e ao mesmo tempo utilizamos dela para lidar com as coisas ruins também”*.

Nassor prossegue: *“por sermos pessoas desconstruídas, isso é muito positivo para nós. Por que estou falando isso? Prestem atenção”*:

(...) Enquanto menina, eu era extremamente machista. Após vivenciar certas relações, percebi como eu era machista. A comunidade heterossexual, cisgênero a todo o momento são preconceituosos, ditam muitas regras. Eles não possuem cuidado com o outro, não conseguem ser pessoas empáticas, não estou generalizando, mas é o que eu consigo perceber com as pessoas que convivo. Existe solidariedade e é

muito visível na comunidade LGBT, apesar de nossas diferenças. (Nassor, 2021)

Nassor fala que anteriormente ao se reunir com colegas e amigas em festas e encontros escutava determinadas frases que ainda complementava de forma preconceituosa. E ele diz: *“eu num grupo de mulheres e acompanhando o movimento na rua, via outras mulheres passando com roupas curtas, e nós comentávamos, olha que roupa curta, pra quê isso? não precisa ser assim”*, todavia atualmente ao perceber falas tão machistas, por parte de outras pessoas, consegue exteriorizar que o corpo pertence à mulher e que ela deve fazer o que quiser com a sua vida. *“Eu não devo julgar a realidade do outro”*.

A sua condição como homem transexual o possibilitou enxergar as pessoas de outra maneira, pois sente o preconceito na pele. Nassor enfatiza que é da comunidade LGBT desde os seus 12 anos, antes como adolescente e jovem lésbica, no entanto agora consegue perceber com mais nitidez o machismo. Ele sabe como é observado, além de criticado e esses sentimentos são negativos para sua constituição enquanto ser humano.

Nassor fica impressionado com a quantidade de questionamentos que surgem com o seu nome. Algumas pessoas do bairro perguntam, para quem é mais próximo dele, como é a convivência com uma pessoa que no primeiro momento se identificava como lésbica e agora se transformou em homem transexual. Nassor reflete: *“será que as pessoas cisgêneros passam por isso?”* E questiona também a mediadora:

(...) Você passa por isso? Será que preciso responder por tantas perguntas, sei lá, em alguns momentos eu me sinto limitado por ter que responder perguntas que nem eu sei a resposta, não aguento mais ser tratado como um unicórnio. (Nassor, 2021)

Nassor diz que é enfadonho estar perto de alguns seres humanos e de suas famílias, pois principalmente os adultos acreditam que ele vai influenciar as crianças, fazendo com que os seus filhos se tornem pessoas *“estranhas”* e que não saberão bem definir objetivos para o futuro. Percebo uma respiração profunda e todos os componentes do grupo emitem comentários como: *“parem de perder tempo com pessoas assim, isso não vai levar a lugar nenhum, as pessoas são ignorantes”*. Nkosi é convidado a falar depois de Nassor: *“vai Nkosi, agora é você”*. Ele ficou um tempo considerável em silêncio e em nenhum momento interrompeu os colegas. Iniciou dizendo: *“estou prestando atenção nas as falas e abismado com os exemplos, mesmo sabendo que acontecem”*.

Nkosi comenta que tem muito orgulho por ser gay e se sente realizado diante das próprias escolhas. Fica impressionado com o disfarce que o heterossexual precisa utilizar o tempo todo na sociedade: *“ele precisa da máscara o tempo todo, pois a sua masculinidade precisa ser provada em todos os momentos de sua existência”*. Nkosi critica o mundo heteronormativo, uma vez que ele cria um arcabouço de ideias e pensamentos que não viabiliza outras possibilidades de ser aquilo que não seja ser heterossexual.

(...) Uma mulher heterossexual precisa ter um padrão, ela tem jeito de falar, ela tem que ter postura, ela tem que usar tal roupa, tal maquiagem, se tiver alguns decotes não pode, caso contrário vira o quê, Eva dissidente, uma vagabunda. (Nkosi, 2021).

Nkosi questiona que deve ser muito difícil ser um homem cisgênero, pois é inviável receber afeto de outro indivíduo masculino, bem como poder ouvir uma música e decidir que irá movimentar o cabelo de uma forma considerada não heterossexual, isto é, “bater o cabelo”. Experiências que ele classifica como: *“sabe coisas básicas de convivência”*. Além disso, há outros pontos que Haben trouxe: *“por ser gay, eu tive que ter a lei da compensação”* e explica a razão da existência de tal lei. Na escola onde trabalha todos o veem como aquela pessoa cansativa e ele tem a sensação de estarem pensando *“lá vem aquela bichinha chata argumentar”*, ao que Nkosi reflete: *“terão mesmo que me aguentar com todos os meus questionamentos, ninguém mandou mexer com quem não deve”*. Esses tensionamentos os colocam em uma situação de compreensão e empatia pelo outro. Nkosi fala que é muito difícil ver pessoas heterossexuais sendo empáticas. Ele complementa: *“eu não sou homofóbico, tenho vários amigos gays, eu não sou racista, tenho amigos negros e assim caminha a humanidade”*.

Nkosi dirige-se para Nassor:

(...) Não sei se cabe na sua vida, mas precisamos parar de ser Pet LGBT, porque o povo adora falar, olha quem frequenta a minha casa, frequenta um LGBT, só pra quê? Pra ganhar títulos, pra ganhar biscoitos. (Nkosi, 2021)

Nkosi acrescenta que por esses e outros motivos acabou se afastando de algumas pessoas heterossexuais cisgêneros:

(...) Não quero ser gaypédia, blackpédia, não sei quais palavras podemos dar para essas pessoas heterossexuais, quer aprender alguma coisa, busca nas redes sociais, tem internet, tem youtuber, busca nos livros, não vou explicar coisas que precisei aprender com muita dor e

sofrimento, levando tapas das minas que diziam: você foi machista, você viu! (Nkosi, 2021)

Nkosi avança com as suas reflexões:

(...) A gente tá aqui para provar que a Disney de vocês de não existe, estamos aqui para provar isso. Ela não existe! Infelizmente tem sapatão sim, tem viado sim, tem pessoas trans sim e queremos trazer mais gente para a nossa comunidade. (Nkosi, 2021)

Tal declaração provoca sorrisos em todos os participantes.

Haben complementa: *“vocês estão achando ruim que tem muita gente na comunidade, não reclamem, acham que LGBTQIA+ tá pouco, olha que colocamos mais umas 10 letras aí”*. Ele desenvolve:

(...) Deve ser muito difícil para esse povo heterossexual cisgênero, porque mesmo tentando nos destruir, estamos aqui, firmes e fortes, fazendo valer cada minuto de nossas vidas. Duvido que um homem branco, heterossexual, classe média aguenta um dia de tudo o que vivemos. Manda ele para o lado de cá, irão chorar e dizer olha a heterofobia. (Haben, 2021)

Dão destaque para o quanto são perseguidos, questionados, ridicularizados. Existem momentos em que desejam devolver as ofensas e os preconceitos com violências, mas, ao final, decidem deixar as pessoas cuidarem de suas próprias ignorâncias e seguirem com suas vidas.

Os participantes também haviam falado de outro tema para além do Projeto Positividade. Queriam conversar sobre o processo de adoção. E, na sequência, cada um trouxe o seu ponto de vista acerca da temática.

Para Kito, adoção é um tema muito delicado para pessoas LGBT. E Kito esclarece:

(...) As pessoas preferem que crianças e adolescentes sejam educados por famílias heterossexuais cisgêneros, preferem que as crianças sejam jogadas na Lagoa da Pampulha ou deixadas nas lixeiras da cidade, dentre outras aberrações, do que serem criadas por nós, pessoas LGBT. (Kito, 2021)

Kito narra experiências com amigos homossexuais que passaram pelo processo de adoção e que não deixam os filhos, por exemplo, sentarem nos seus colos em locais públicos por temerem o que as pessoas podem dizer ou fazer com eles. Ressalta que seus amigos vivem em constante vigilância, pois têm medo de possíveis denúncias que, a qualquer momento, podem colaborar para reverter o processo de adoção. Conforme descreveu Kito, os seus amigos já escutaram relatos de alguns vizinhos que

comentaram: *“será que eles compraram essas crianças. Isso é muito difícil, nos tratam como gays pervertidas adotando crianças, qual será o futuro delas em mãos tão perigosas, me poupem”*.

Haben pergunta a Kito: *“Você adotaria uma criança?”* E todos riem do questionamento.

Haben complementa: *“não é pra ficar roxa, é só para responder”*.

Kito responde que sim, entretanto ressalta que precisa primeiramente realizar alguns projetos. Pensa em adoção tardia, não cogita bebês, desejando adotar crianças com mais de 10 anos. O projeto não é a curto prazo, pois sabe que precisa ter gastos com a criança. Haben complementa: *“comida, água, fraldas, educação, remédio, curso de inglês, curso de espanhol, curso de esgrima, viagens em Machu Picchu”*. Haben contextualiza que não é impossível, pois todos que estão na sala em Conversação não são pessoas com pais/responsáveis ricos. *“Dinheiro não é imperativo para criar filhos, mas é necessário ter algum recurso para criar os filhos”*. Eles pensam na autonomia que é preciso repassar aos filhos, pois no futuro serão pessoas independentes e desejam que possam fazer bem ao próximo.

Nkosi sentencia: *“agora é a minha vez, eu sou professor no Brasil, não tenho condições de ser pai”*. Na continuação, ele argumenta destacando o padrão heterossexual que desejam impor aos homossexuais:

(...) Precisamos tomar cuidado, existe um movimento que nos deixam parecidos com os casais heterossexuais cisgêneros. Precisa casar, adotar filhos e viver um vida do tipo comercial de margarina, papai, mãe e filhinho. Existe um padrão que é vendido pra nós, pra nos fazer parecer heterossexual e eu não quero isso. (Nkosi, 2021)

Nkosi explica o porquê de seu posicionamento:

(...) Monogamia, adoção, ter filhos para quê? Eu acho engraçado quem diz: vou ter filhos porque não sei sobre o meu futuro, você deseja ter filhos ou uma aposentadoria? Quando você ficar velho quem é que vai cuidar de você? Não sei, mas eu não posso colocar isso a cargo de alguém. (Nkosi, 2021)

Haben intervém na explanação de Nkosi e o questiona: *“será que adotar é reproduzir a norma? Fico sem saber”*. Nkosi para por alguns segundos e responde: *“é bonito você ver um casal gay com filhos adotados”*. Nkosi persiste na argumentação: *“existe um padrão que é vendido, casar, ter filhos. Até para ser mais aceito, eu preciso me aproximar da norma”*. Nkosi reforça que não se sente à vontade e no momento não quer adotar crianças ou adolescentes. E prossegue ponderando: *“respeito quem quer,*

mas agora não penso nisso". Nassor concorda com Nkosi: *"filho não é assistencialismo, filho não tem garantia de nenhum retorno"*. Nassor retorna ao assunto que abordou anteriormente em outras conversações, pensando na própria condição como homem transexual: *"eu não acho legal homens transexuais engravidarem, acho muito bizarro"*. E no momento atual pensa que uma criança pode impedi-lo de realizar os seus sonhos, de ser livre, de executar outros projetos. Ele não é contra a adoção, mas não deseja a curto prazo. Nassor exclama: *"sejam felizes do jeito que quiserem. Se quiserem ter 10 namorados, 10 filhos, fiquem à vontade, caso também não queiram, a vida continua"*.

E é desta forma que terminamos a sexta Conversação, terminamos e encerramos o ciclo de encontros. A mediadora agradeceu imensamente a todos participantes e se deixou à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários. Eles, os jovens LGBTQIA+ participantes, expuseram que aprovaram a experiência, principalmente por estarmos diante de um vírus que nos trancou dentro de casa. *"Estamos todos tentando avançar e conviver com isso"*.

Disseram que se fossem necessários mais encontros, poderia acioná-los e nos encontraríamos virtualmente até termos condições de realizar atividades presenciais. A mediadora se emocionou depois de escutar os agradecimentos por parte deles no que tange à escuta atenta e sensível, mesmo entendendo que por ser uma mulher cisgênero heterossexual casada, provavelmente, há de ter cometido deslizes. Finalizamos com a declaração: *"aqui termina e o grupo de WhatsApp continua, não vamos perder o contato, daqui a pouco isso tudo passa e vamos nos preparar para trabalhar na Parada do Orgulho LGBT"*.

CAPÍTULO 6

6. DIÁLOGOS TEÓRICOS COM AS CONVERSÇÕES

Neste momento do trabalho, abordaremos a respeito das narrativas dos participantes de pesquisa, a partir das conversações, relacionando as suas experiências com o campo teórico. Como forma de organização, as temáticas abordadas nas conversações serão analisadas por aproximações com as falas dos sujeitos para que as reflexões sejam compreendidas na sua complexidade e subjetividade.

A primeira parte trata da Conversação acerca das categorias Juventudes e Famílias, ambas interseccionadas. Os jovens pesquisados trouxeram elementos que colaboram para compreender as manifestações das categorias gênero e sexualidades a partir de suas experiências nos contextos de suas infâncias, adolescências e juventudes. Após essa discussão, a segunda parte busca compreender a partir das conversações, as suas vivências com os sentidos e a suas construções acerca de resistências. No terceiro momento, serão trazidas as suas percepções de lazer e da cidade de Belo Horizonte. Na quarta parte, trataremos do Projeto Positividade.

6.1. Juventudes LGBT e famílias

As conversações proporcionaram um olhar crítico sobre as histórias de vida dos participantes de pesquisa. Os jovens LGBTQIA+ apresentaram um reconhecimento do espaço do CELLOS/MG como lugar de luta por meio de uma relação ativa com a cidade de Belo Horizonte. Para os jovens da pesquisa, o CELLOS/MG ganha uma importância nas experiências de vida e impacta no fazer cotidiano, influenciando as relações travadas com a família no que tange às questões de gênero e sexualidades. A partir das conversações, ficou demonstrada a potência da Organização da Sociedade Civil – CELLOS/MG e também de outros espaços de socialização que os jovens pesquisados experimentaram nos processos de transformações nas trajetórias de vida deles. Percebemos que essas transformações impactaram os posicionamentos e escolhas que surgiam nas trajetórias de reconhecimento como jovens LGBTQIA+.

Para os jovens pesquisados se reconhecerem e perceberem como jovem LGBT, é importante considerar os diferentes lugares de vivência, ou seja, a própria narrativa de

construção como jovens LGBT era impactada pela situação e o lugar a que essa identidade era apresentada. Portanto, ficou nítido nas narrativas dos jovens pesquisados que suas expressões de gênero eram diversas, sendo em algumas situações pouco aceitas e em outras não. Em várias ocasiões, a identidade juvenil ganhava centralidade em detrimento da identidade de gênero. Quando tal ocorria, percebemos que ainda era num modelo padronizado “vir a ser”; quando a identidade de gênero era acionada mais do que a condição de jovem, o discurso ganhava uma noção fatalista e negativa. Isso demonstra que, conforme o local ou a situação, poderia ocorrer que uma ou outra identidade era acionada como eixo principal, porém, por outro lado, as duas identidades, juvenil e LGBT, traziam um estereótipo agregado.

A condição de ser jovem LGBT perpassa pela ótica da aventura potencializada por uma dimensão de coragem, ou seja, é necessário pensar o quanto ser jovem LGBT exige disposições corajosas e aventurescas em uma sociedade que, a priori, classifica parte da juventude como sinônimo de problema” e a rotula como delinquentes que precisam da tutela de adultos para se adequarem às regras da sociedade e se tornarem aquilo que exteriormente projetaram para si mesmos. A partir desse contexto, podemos concordar que para ser jovem é necessário aventura e coragem para desbravar caminhos diferentes, sendo que quando alguém se assume LGBT, o desafio tende a ser maior. Nassor traz uma contribuição que expressa bem essa diversidade de se pensar a condição de ser jovem.

Em consequência, conforme as narrativas dos jovens LGBTQIA+ participantes aparecem, estabelece-se um vínculo entre a noção de juventudes e as ideias de aventura, coragem, determinação e sofrimento. Podemos pensar tais substantivos a partir da realidade dos jovens que se declaram LGBTQIA+ em uma sociedade que ao mesmo tempo marginaliza a própria condição juvenil e oferece uma visão preconceituosa aos que não se encaixam na heteronormatividade. Por outro lado, constatamos, por meio das narrativas dos jovens pesquisados, apontamentos que confirmam que cada vez mais jovens se autodeclaram LGBTQIA+. Espontaneamente, uma parcela crescente da população declara-se pertencente a orientações sexuais/identidades de gênero que diferem das normas. Os jovens pesquisados assumiram a sua condição perante uma sociedade que se construiu em uma estrutura com fortes traços sexistas, homofóbicos, misóginos e racistas.

Em outro momento, Kalifa define o conceito de juventude como um momento de descoberta, em que os jovens possuem “aquele gás, aquela vontade de abraçar o mundo e ao mesmo tempo como os jovens são pessoas fortes”. Essa percepção corrobora para um imaginário de que os indivíduos jovens são capazes de grandes realizações. Muito comumente atribuímos aos jovens a responsabilidade do futuro do país e do mundo, como se o campo de oportunidades fosse o mesmo para todos os indivíduos de uma sociedade, provocando nos jovens que não alcançam um determinado patamar uma dimensão de frustração, culpa e derrota. Em parte, podemos atribuir essa dimensão a uma sociedade estruturada no consumo, ou seja, o ter é mais valorizado que o ser pela ideologia dominante. O estilo ostentação é um exemplo disso, quando se vende a ideia que para ser reconhecido na sociedade é necessário ter um automóvel importado, usar roupa de marca e residir em uma moradia luxuosa, sendo que a realidade de vários jovens na sociedade brasileira é de desigualdade social e pobreza. Ainda assim, o imaginário meritocrático é visto como concreto e viável. Ademais, quando atribuímos aos jovens a responsabilidade pela salvação do meio ambiente, projetando, para a geração mais recente, o medo de não haver um mundo para usufruir no futuro, embora seja óbvio que muitas ações dependam dos adultos e que os jovens podem participar das decisões, mas não podem assumir isoladamente essa responsabilidade. Caso seja frustrada essa tentativa, recairá sobre a geração juvenil a culpa do desastre ambiental. E são nesses imaginários que se pode constatar as diferentes formas de perceber e reconhecer a condição juvenil.

As juventudes inserem-se em uma determinada faixa etária que engloba mudanças físicas, psicológicas e sociais que impactam diretamente os indivíduos, ficando tal fase historicamente caracterizada como sendo a transição entre a saída da infância e a entrada no mundo adulto (MARGULIS; URRESTI, 1996). Já Abramo (1994), socióloga, consultora e pesquisadora dos temas relacionados às juventudes, alerta que esse processo, a experiência jovem, é socialmente variável, por modificar de sociedade para sociedade e também em função do transcorrer do tempo. Para a autora:

“(…) A definição de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos modificam-se de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através das suas divisões internas”. (ABRAMO, 1994, p.1).

Nessa perspectiva, os jovens participantes nos mostram que ser jovem e LGBTQIA+ passa por aspectos de intensidade, desafios, incertezas, medo da aceitação,

agressões, violências e contradições diante da dimensão de energia e força que os jovens possuem. Nesse momento, a condição de ser jovem ganha uma ambiguidade, ou seja, se no primeiro momento ser jovem passa pela condição de aventura, coragem e determinação, por outro lado essa condição é desafiada pelo medo, violência e incertezas.

Por sua vez, Margulis e Urresti (1996), enriquecem o debate sobre a temática juventude na medida em que definem esse momento da vida como a moratória social, tempo de espera ou de experimentação para a vida futura. Processo imerso na contemporaneidade e que encontra contextos diversificados, pois uma mesma sociedade apresenta múltiplas possibilidades de transição para a vida adulta. Os autores ressaltam que os jovens vivenciam a situação a partir do lugar social que ocupam na sociedade:

(...) sobre esta moratória, es que habrán de aparecer diferenciais sociales y culturales en el modo de ser joven, dependiendo de cada clase, y también de las luchas por el monopolio de su definición legítima, que implica la estética con que se supone que se la habrá de revestir, los signos exteriores con los que se la representará (...) (MARGULIS; URRESTI, 1996, p.5)

Assim sendo, o tema juventudes pode ser abordado a partir de diferentes lugares, gerando um retrato diversificado do que é ser jovem, uma vez que cada instituição e cada grupo social se posiciona e traz à cena diferentes perspectivas diante das populações juvenis. Consiste em um exercício constante de busca da concepção do que se aproxima ou do que se distancia nas definições do que é ser jovem, de modo a romper com uma perspectiva homogênea sobre esse ator social.

Nesse contexto, para Dayrell (2003), a diversidade da dimensão juvenil concretiza-se com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades, valores), de gênero e de regiões geográficas. Segundo esse autor, já não se adota o termo juventude pelo fato de tal conceito dever ser compreendido na sua pluralidade. Portanto, utiliza-se o termo juventudes, identificando, assim, suas múltiplas variações, no que tange à trajetória juvenil, isto é, ser jovem e negro, ser jovem urbano ou rural, ser jovem e mulher, ser jovem e LGBT, ser jovem e trabalhador, exemplos das variáveis que impactam a construção da identidade. Por isso, reconhecer a juventude a partir dos substantivos aventura, coragem e determinação irá variar conforme a juventude que estamos abordando, ou seja, quando essa condição é interseccionada com os outros marcadores sociais, em especial, as experiências juvenis LGBT, a sua condição ganha o cenário de incertezas, medo e agressões.

Para pesquisadora Abramo (1997), as questões elencadas são sempre aquelas que constituem os jovens como problemas sociais, para si próprios e para a sociedade, isto é, sua condição de juventude é pensada na lógica do adulto, por isso se compreende que esse momento é propício para o erro. Para autora:

(...) uma dificuldade de ir além da sua consideração [da juventude] como “problema” social” e incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução dos problemas sociais, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los (ABRAMO, 1997, p.28)

A proposta de diálogos imposta aos jovens seja pelo poder público ou sociedade civil sempre envereda pelo discurso do moralismo, enquadrando-os a um modelo de consumismo sem limites, associação à indolência e à irresponsabilidade. Nkosi nos ajuda a pensar essa condição juvenil a partir da ótica do problema quando ele relata que a sua juventude foi vivida dentro de um “armário”, ou seja, teve medo e dificuldades de aceitação descobrindo-se gay⁴¹ quando começou a desejar um corpo considerado proibido. Abramo (1997) continua seu debate sobre essa perspectiva quando nos mostra que a visão dos jovens como seres problemáticos é alimentada por determinados setores da sociedade e é representada pelo perspectiva do adulto e suas classificações que definem aqueles que fogem ao normatizado como problema, a partir do que se considera transgressão às normas sociais.

Tal ponto da argumentação faz recordar a figura de Nkosi, receoso de revelar a sua orientação sexual, por entender que frustrava expectativas da família, escola e comunidade, além de acreditar que ganhava status de comportamento “anormal” em contraste com os padrões construídos socialmente. Assim, Dayrell (2014) nos alerta que enquadrar o jovem pela ótica dos problemas é reduzir a complexidade desse momento da vida. O “armário” nesse sentido ganha sentidos múltiplos na vida dos jovens LGBT participantes no que se refere à própria condição juvenil. Quando os jovens pesquisados entram no “armário”, significa dizer que buscam por proteção frente ao contexto social que considera os homossexuais como pessoas desviantes da norma. Ingressar no “armário” é uma maneira nítida de demonstrar como pessoas LGBTQIA+ são oprimidas a partir da manifestação dos seus desejos. Estar no “armário” tem por objetivo evitar

⁴¹ Indivíduos que se identificam com o sexo biológico com o qual nasceu, mas que possui relações afetivas e sexuais com pessoas do mesmo sexo (Barros e Coelho, 2020).

constrangimentos, sofrimentos, agressões e situações extremas que podem causar até a morte. Para a pesquisadora norte-americana Sedgwick:

O “armário” diz respeito a um mecanismo de poder presente desde fins do século XIX que se empenha em administrar a sexualidade, determinando e conservando o dualismo hétero-homo, na sociedade ocidental. É constituído por um agrupamento de normas nem sempre inteligíveis, mas instituídas rigorosamente, influenciando a concepção da vida no espaço público quase como específicas de relações heterossexuais, consubstanciando ao privado as relações entre pessoas do mesmo sexo (SEDGWICK, 2016).

A partir da mínima contextualização sobre o “armário”, podemos enfatizar por quais motivos é necessário entrar e sair constantemente do “armário”. Se pensarmos, a partir de uma análise mais ampliada, o recurso de “entrar no armário” pode ser usado para designarmos os grupos sociais enquadrados como marginalizados pela sociedade. Não é por acaso que Nkosi relata que foi um adolescente “sigilinho, sempre no sigilinho”, pois era preciso ficar quieto e silencioso para não ser notado e não acarretar problemas para ele e a sua família. E sair do “armário” ganha o significado de estar perto de pessoas que aceitam e respeitam a sua condição de homem cis gay. “Sair do armário” ganha o sentido de ter a oportunidade de enfrentar os obstáculos que os mantém “dentro do armário”, isto é a LGBTfobia. Estamos cientes que enfrentar um cenário de violência requer aventura e coragem, conceitos trazidos pelos jovens pesquisados no que diz respeito a se assumir para a sociedade como LGBT. Sabendo que não são todos os jovens LGBT que fazem essa transição, de sair de forma permanente do “armário”, os jovens pesquisados nos mostraram que esse processo é individual e ao mesmo tempo coletivo, sendo necessário interseccionar processos de resistência e conscientização da própria condição de ser LGBTQIA+. Sair do “armário” para os jovens pesquisados significou a oportunidade de estar próximo de pessoas que contribuem para luta contra o preconceito e que se posicionam com anti-LGBTfóbico e respeitam todas as formas de identidade de gênero. Ou seja, “sair do armário” significou pensar a vida para além de uma dimensão de violência, ou seja, ter oportunidade de conhecer pessoas, ocupar diferentes espaços e ampliar o processo de construção da condição de ser LGBTQIA+. Essa percepção do “armário” possibilita discutir outra concepção entorno da juventude LGBT, a perspectiva de que o “armário” para essa juventude ganha contornos diferentes e que não se localizam somente na violência, mas

em outros sentidos de viver, diferentemente da geração anterior. Ou seja, a questão geracional ganha centralidade nessa temática.

O campo de conhecimento responsável por lidar com a problemática dos jovens é a sociologia da juventude. Tal área do conhecimento busca como discussão central elencar as diferentes formas de representação juvenil em seus aspectos históricos e geracionais, almejando trazer para o tema a dimensão sociológica. A categoria juventudes, como campo de conhecimento em construção, encontra uma variedade de imagens e representações de como experimentar esse momento da vida e várias posições elencadas sem alcance de um conceito comum.

As conversações possibilitaram adensar sobre a condição juvenil e nos conduziu para o debate acerca da sociologia da juventude. Nkosi argumenta que os jovens em tempos atuais possuem mais ferramentas para resistirem às opressões e violências provocadas pela sociedade e que a geração atual de jovens LGBT parece ter mais disposição para a luta. Por outro lado, ele salienta que os jovens da atualidade também sentem medo, tensões e dificuldades de aceitação, porém enfatiza que eles terão que ir menos vezes às sessões de terapia. Essa fala nos remete a uma discussão central na sociologia da juventude, isto é, a questão geracional.

Para Pais (1990), no artigo “A construção sociológica da juventude – alguns contributos”, a sociologia da juventude constitui-se em dois campos de análises.

A primeira, denominada geracional, dedica-se a estudar a juventude como uma fase da vida, buscando os aspectos que conduzem a uma uniformização de uma cultura juvenil, uma concepção unitária, representada por uma geração, definida em termos etários. Complementando a sua narrativa, Nkosi, Akin e Nassor defendem que os jovens LGBTQIA+ de hoje têm muitas conquistas alcançadas, fruto de lutas do passado, uma nítida posição de um tensionamento geracional no qual coloca a geração anterior em um lugar de luta e conquistas de direitos e a atual como aquela que somente usufrui. Os referidos jovens leem o empoderamento da geração atual como algo menos social e mais midiático, sintetizado pela expressão “cada lacre é um lucro”, popular nas redes sociais. Essa discussão revela um tensionamento no conceito de geração e, para elucidar a reflexão, trazemos as discussões propostas por Weller (2010) e embasadas epistemologicamente pelos estudos do sociólogo Karl Mannheim:

(...) o autor chama a atenção para o fato de a unidade de uma geração não consistir em uma adesão voltada para a criação de grupos concretos, preocupados em constituir uma coesão social, ainda que, ocasionalmente, algumas unidades geracionais possam vir a constituir grupos concretos, tais como os movimentos juvenis (...) (...) Mas à parte desses casos específicos, nos quais a conexão geracional (...) (...) pode levar à formação de um grupo concreto, Mannheim destaca ser ela uma mera conexão, ou seja, casualmente os indivíduos pertencem a ela, mas não se percebem como um grupo concreto. (WELLER, 2010, p. 210)

Desta maneira, pode-se perceber que, ao conversarem entre si, os jovens da pesquisa trazem em suas experiências de vida entendimentos diversificados a respeito da categoria juventude.

Para Pais (1990), o segundo eixo da discussão da sociologia da juventude, chamada de classista, analisa a juventude a partir de um conjunto social diversificado, devido às diferentes origens de classe, apontando para uma diversidade das formas de reprodução social e cultural. Para essa segunda concepção, as culturas juvenis seriam sempre culturas de classe, gerando contradições em suas relações sociais, ganhando e criando espaços culturais.

A partir dessa perspectiva, as histórias de vidas dos jovens componentes da pesquisa demonstram elementos importantes, para além das relações elencadas no Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual – CELLOS/MG. O fazer cotidiano e as experiências acumuladas por meio das redes de socialização, tais como: família, escola, a igreja e a própria cidade, revelam um quadro intenso de significados.

Diante dessa multiplicidade de experiências em torno do gênero e sexualidades, também podemos fazer outra discussão em relação à sociologia da juventude no tocante à ótica da “doxa-dominante”, isto é, normas preestabelecidas que se impõem sobre a juventude. Pais (1990) alerta para a necessidade da elaboração de análises acerca dos jovens para além do poder e limitações, sendo preciso promover rupturas e investir na ótica “paradoxa” como forma de contemplar o processo histórico e a diversidade. Para o autor, a sociologia da juventude apresenta duas visões, a saber:

a) Numa delas, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada «fase da vida», prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizariam essa fase da vida –, aspectos que fariam parte de uma «cultura juvenil», específica, portanto, de uma geração definida em termos etários;

b) Noutra tendência, contudo, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc. Neste outro sentido, seria, de facto, um abuso de linguagem subsumir sob o mesmo conceito de juventude universos sociais que não têm entre si praticamente nada de comum. (PAIS, 1990, p.140)

Assim sendo, torna-se imprescindível compreender como os jovens pesquisados trazem suas diferentes maneiras de ser e estar no mundo, ou seja, rompendo e questionando, buscando formas de resistir e de fomentar vida.

E é nessa direção que cabe aos pesquisadores da categoria juventudes transitar de um problema social e o transformar em um problema sociológico. Ao identificar as normas impostas pela heteronormatividade e, no entanto, autodeclarar-se como LGBTQIA+, os jovens pesquisados desmascaram o inquestionável e quando percorrem os locais que foram construídos para rejeitá-los e, apesar das adversidades, elaboram, nos diferentes espaços de socialização, formas de vivências e resistências introduzindo uma interrogação na sociedade que se apresenta como hostil e discriminatória, provocando avanços políticos que contribuem para discussões profícuas acerca de gênero e sexualidades.

Outro tema que ganha centralidade nas conversações é a instituição família. Podemos atestar as construções de processos de resistências em diferentes espaços, no caso, a família ganha um lugar de centralidade, pois ela deveria ser um espaço de acolhimento e proteção. Pode-se considerar os núcleos familiares como agentes primeiros do processo de socialização, embora seja possível observar que nas trajetórias dos jovens participantes existam outras experiências de socialização, tais como: escola, igreja e organizações da sociedade civil. Se partirmos do pressuposto que a família é o primeiro lócus de socialização dos jovens e que nesse espaço são demarcados códigos sociais, pode-se concluir que tal espaço na verdade antecede a outros espaços de sociabilidade, sendo necessário entendermos as relações que são travadas em seu interior, tanto no aspecto de ruptura e até mesmo em sua dimensão de reprodução.

Os autores Barros e Coelho (2020) corroboram com o artigo A “Saída do armário” De Homens Cis Gays: Uma Revisão Sistemática de Produções Brasileiras que traz em sua composição aspectos importantes acerca da predisposição dos familiares ou responsáveis quando descobrem que seus entes estão fora da norma. Para os autores:

(...) A família geralmente não atua como uma rede de apoio que protege e promove saúde e dignidade de seus familiares, mas, ao contrário, expressa comportamentos e atitudes que reforçam a heteronormatividade, muitas vezes, inconscientemente, por se tratar de uma cultura cristalizada, acaba por passar despercebida pela sociedade, mas que é notada mediante as formas de violência, seja ela simbólica, material ou física, pautadas na inferiorização das experiências desviantes, colaborando para o desencadeamento de situações constrangedoras e dolorosas. (BARROS e COELHO, 2021, p.160)

Posto isto, a partir das falas dos jovens pesquisados, podemos dizer que algumas situações que eles passaram ao se autodeclarar como jovens fora da norma representam manifestações de violências e discriminações por parte de pessoas que compunham os seus círculos íntimos e, diante dessas manifestações, é provável que os jovens aguardavam intervenções mais enérgicas provenientes dos familiares, vizinhos, professores, porém o que recebiam estava localizado no campo do silenciamento.

No que tange ao período de infância, vale destacar, baseado nas falas dos jovens pesquisados, que alguns deles quando crianças percebiam olhares, estranhamentos e apontamentos por parte de alguns adultos que não pareciam ser de aceitação ou acolhimento, ao contrário, eram situações que os deixavam desconfortáveis. Na escola, seus pais eram orientados pelos profissionais a buscarem atividades físicas que na visão da instituição escolar eram típicas de meninos, tais como: judô, futebol e basquete, dentre outras modalidades esportivas tidas como apropriadas para o universo masculino. Isso acontecia porque eles andavam em aglomerações com outros jovens que tinham comportamentos parecidos.

Quanto ao momento da adolescência, parece-me que existiu um período interditado, ou seja, no qual o melhor que se podia fazer era manter segredo sobre algo que não era considerado normal. Não era recomendável atrair a atenção das pessoas com comportamentos inadequados, como “*dar pinta*” na hora do recreio, pois tricotar, fazer crochê ou divulgar aspirações artísticas como praticar a dança do ventre seria considerado como uma aberração pelos demais. Por meio dos relatos dos jovens pesquisados, foi possível apreender como eles eram nomeados com rótulos que desconheciam. E os adultos que os nomeavam estavam presente nas famílias, na igreja, na escola e em suas comunidades. Para Butler:

(...) A nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação de uma norma. Estas atribuições ou interpelações alimentam aquele campo de discurso e poder que

orquestra, delimita e sustenta aquilo que pode legitimamente ser descrito “humano”. (BUTLER, 2018, p. 205).

Diante das nomeações por parte dos adultos, podem-se ressaltar algumas das histórias que eles trouxeram, como por exemplo, Kito quando foi expulso de igreja evangélica que frequentava assiduamente, pois alguém procurou o pastor e falou de um suposto envolvimento do jovem com outro homem ou as narrativas de Kalifa e Kito que evidenciam como os seus nomes circulavam de forma maliciosa pelas cidades onde residiam, com boatos de já terem vivido relações homoafetivas, antes de terem vivenciado tais experiências. Esses relatos deixam evidente como o mundo adulto, representando a norma de uma sociedade, classificava esses jovens antecipadamente, sem que soubessem com clareza o que realmente eram. Sendo que, para o imaginário institucional, eles eram pessoas homossexuais, mostrando que as instituições com olhar enviesado buscam a todo momento classificar os comportamentos a partir de uma dicotomia entre meninos e meninas.

Os jovens pesquisados criavam estratégias para serem aceitos no âmbito dos adultos, ora reproduzindo o que a sociedade esperava deles, ora criando um mundo paralelo para viverem o que realmente sentiam. Manipulavam as suas identidades para terem um mínimo de aceitação.

Logo, podemos retornar ao jovem Kito, pois, em casa, com os avós maternos, ele sofria com os abusos psicológicos de um tio que geralmente dizia: “*você é peroba, não sei o que ainda fica fazendo nesta casa, precisa sair daqui, precisa ir embora, vai embora!*”. Já Haben não entendia por qual motivo algumas situações ocorriam com ele e por várias vezes pensou que podia ser uma criança enferma ou um alienígena. E Kalifa que para entender que não se encaixava na norma demorou certo tempo, sendo que ela percebeu a sua primeira atração por mulher aos 14 anos e foi então que percebeu que escapava da heteronormatividade. O seu reconhecimento pleno como lésbica foi ainda mais tardio, na faixa dos 20 anos de idade.

Nessa perspectiva, é importante trazer a discussão de Butler (2018), em artigo intitulado “*Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*”, na qual discorre sobre quais corpos não precisam provar a sua existência, isto é, aqueles mais próximos da matriz heterossexual inquestionável – homem, branco, heterossexual, classe média, cristão –, ao contrário daqueles mais distantes da matriz, com a perspectiva de opressão, negação de várias possibilidades e cerceamento de direitos. A partir de tal matriz

excludente, os jovens pesquisados foram nomeados como abjetos e isso significa que ocupam uma zona “inóspita” e “inabitável” da vida social. Por consequência não gozam do *status* de sujeito, ou seja, são nomeados como descartáveis. Os corpos são mais aceitos ou mais excluídos na proporção em que se aproximam ou se afastam da matriz heteronormativa respectivamente. A homofobia, desigualdade social e outros marcadores sociais, a partir de uma matriz excludente, desumanizam e tornam abjetos alguns segmentos da população, entre os quais podemos citar as juventudes LGBTQIA+. Para a autora:

(...) O reconhecimento do "outro", daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos. De modo mais amplo, as sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais e aqueles que ficam fora dela, às suas margens. Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. (...) (BUTLER, 2011, p. 9.)

Os jovens LGBTQIA+ estão à margem da sociedade brasileira e isso foi possível confirmar nas conversações, em que se tornou perceptível como os jovens pesquisados foram julgados e reprimidos por causa dos conflitos com as normas de gênero.

Escutá-los em Conversação demonstrou nitidamente como os familiares, a escola e a igreja agiam ao perceber os jovens com comportamentos fora do que é esperado, buscando salvagens religiosas com a convocação de padres e pastores para um exorcismo do suposto mal. Os pais e responsáveis de Nassor e Akin levavam peças de roupas para serem benzidas nas igrejas, pois era preciso retirar o maligno construído no plano espiritual e que os atingia. Profissionais de psicologia, pedagogia e médicos foram consultados, mas conforme relataram, desistiam ao conversar com os jovens, pois percebiam convicção diante de seus posicionamentos. Como fica evidente, para as instituições determinados comportamentos são criminalizados e, por outro lado, são impostas ações que nos levam a pensar numa dimensão de “cura” e retorno ao que a sociedade normativa acredita como normal. Duas dimensões transparecem nesse processo institucional, uma dimensão espiritual, com a leitura da ação de espíritos maléficos sobre os indivíduos desviantes da norma, bem como uma dimensão

psicologizante dos comportamentos. Ambas são influenciadas por uma concepção de doença e de possibilidade da cura.

Haben, participante da pesquisa, relatou que na escola, ao final do ano letivo, os colegas exigiram dele que beijasse uma garota para provar que era menino e, após intensa pressão por parte dos colegas, concretizou um beijo que não desejava. Já no esporte, ele apreciava o futebol, corria e se movimentava com destreza, mas não teve condições de permanecer praticando atividades físicas, pois a sua masculinidade era questionada. Nkosi sublinhou que por várias vezes tentou lesionar a perna para não ter que participar das aulas de educação física, pois aquele ambiente não lhe fazia bem. Tais tensões sugerem que as definições culturais de gênero são exauridas em um terreno disputado e são em si relações de poder. (KIMEL, 2016, p.104)

O sociólogo Kimel (2016) apresenta, no texto “Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero”, uma discussão importante acerca da construção social e histórica da masculinidade hegemônica e das masculinidades alternativas. O autor descreve os seus estudos a partir do contexto estadunidense, todavia também podemos utilizá-los no contexto brasileiro diante das reflexões propostas pelos participantes da pesquisa Haben e Nkosi. Para Kimel (2016):

(...) Nossa definição cultural de masculinidade constitui, portanto, várias estórias em uma. É sobre a jornada individual do homem para acumular aqueles símbolos culturais que denotam masculinidade, signos que são de fato adquiridos. É sobre padrões sendo usados contra as mulheres para impedir suas inclusões na vida pública e seus despachos para a desvalorizada esfera privada. É sobre o acesso diferencial que diferentes tipos de homens possuem àqueles recursos culturais que conferem a masculinidade e sobre como cada um desses grupos então desenvolve suas próprias modificações para preservar e reivindicar a sua masculinidade. É sobre o poder dessas definições em si que servem para manter o poder na vida real que homens possuem sobre as mulheres e que alguns homens possuem sobre outros homens (...) (p. 105)

Diante das reflexões de Kimel (2016), é possível perceber que Haben foi forçado a beijar uma garota no ensino fundamental e a abandonar a prática do futebol porque o seu masculino não era compatível com as expressões de gênero que são esperadas pelos homens. Nkosi pensou em ter lesões várias vezes para não ter que conviver com outros modelos de masculinidades que não era compatíveis com o seu. As conversações demonstraram como a categoria sexo impõe e demarca como os corpos devem se comportar desde muito cedo. Essa interpelação fundante é reiterada por várias

autoridades e, ao longo de vários intervalos de tempo, para reforçar ou contestar esse efeito naturalizado (...) (BUTLER, 2018, p. 205). E ainda de acordo com a autora, os trechos destacados acima comprovam que:

(...) O “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla. (BUTLER, 2018, p. 194)

Em resumo, são demonstrações que esmiúçam as vivências dos jovens pesquisados e ratificam cenas de LGBTfobia, mesmo antes de terem oportunidade de se descobrirem. Como são jovens, os adultos têm como premissa que determinados comportamentos considerados como anormais podem se modificar ao decorrer do tempo.

E diante dessas cenas, podemos ressaltar que o silenciamento pode ser uma maneira de não exaltar os aspectos que escapam ao permitido, ou seja, ao campo heterossexual, sem necessariamente ser uma violência ou preconceito, como no exemplo: uma mãe que chora ao saber da orientação sexual ou identidade de gênero do filho que difere da norma é preconceituosa? A partir de várias reflexões, podemos pensar que é uma forma de demonstrar medo e preocupação por não saberem como agir diante das agressões e violências que virão.

É assustador saber que tal realidade continua presente massacrando os jovens LGBT que não se enquadram na norma e impedindo que sejam plurais e diversos. A heteronormatividade tenta, mas não consegue, pois são jovens e como eles mesmos dizem são “fortes, aventureiros, determinados”. Os adjetivos com os quais se descrevem “corajosos, espertos, aventureiros” não estão desassociados de medo, tensões, angústias e ainda assim é possível vê-los enfatizar sobre formas de resistências. Pode parecer pouco aos nossos olhos, mas são gotas de resistências que se esparramam no cotidiano. Eles sabem que não serão beneficiários na integralidade das conquistas de direitos, porém outros jovens LGBT poderão encontrar maneiras diferentes de exercerem as suas juventudes.

6.2. Resistência

Inicialmente, nesse trabalho, com respeito ao conceito de resistência é interessante percebê-lo como um campo importante para debate, principalmente diante dos jovens pesquisados que enfrentam cotidianamente as estruturas dominadoras e causadoras de sérios problemas aos sujeitos que não se enquadram na norma binária, ou seja, reduzida à oposição entre feminino e masculino.

No aprofundamento sobre a dimensão da resistência, é necessário pensar nas suas variáveis a partir do tempo e espaço. Ou seja, a noção de resistência é como uma trilha revelando várias possibilidades de percursos e sem a pretensão de um ponto de chegada, mas como um processo que proporciona experiências nos diversos campos, tais como: político, cultural, social e educacional. O corpo como lócus de resistência é a priori o desejo de decidir sobre esse próprio corpo, em outras palavras, defini-lo como uma geografia de resistência e tornar visível a sua participação na disputa pelas posições e significados sociais contra-hegemônicos. O corpo posicionando-se em um lugar de resistência frente à biopolítica, traz duas dimensões de tensões: a heteropercepção do corpo como a luta pelo controle do corpo do outro; a autopercepção do corpo, que explicita ou implicitamente, remete a representações e práticas que questionam e resistem aos regulamentos, à ordem jurídica e aos sistemas de socialização hegemônicos. Portanto, um corpo que resiste a um poder hegemônico é aquele que se constrói resistente, ou seja, a resistência não é algo pronto e acabado e nem um processo que tem um ponto de chegada, mas sim, um longo caminho de construção.

Foucault (1999) traz uma discussão importante sobre esse poder disciplinador por intermédio do conceito de biopolítica. A transformação da política em biopolítica destaca-se em uma versão originada do interesse do Estado pela vida natural, com a qual a espécie e o indivíduo passam a ser alvos das estratégias políticas. A vida biológica e a saúde da nação tornaram-se assuntos governamentais e interesses estratégicos do poder na medida em que o controle disciplinar, que cria corpos dóceis por meio do biopoder, permite o desenvolvimento e triunfo do capitalismo. O conceito de biopolítica, apesar de seus pontos fortes, é um conceito de mediação, que é limitado ou insuficiente para pensar as relações sociais como teias de forças a partir de uma relação linear e estática. Salientando que a biopolítica é um dispositivo no qual a vida natural e as espécies passam a ser eixos fundamentais do exercício do poder estatal, ou

seja, integrando a estratégia de controle exercida por meio da disciplina, obediência, submissão e controle do corpo e da vontade das pessoas, gerando corpos dóceis e obedientes. Porém essa relação de poder não se dá de maneira explícita sobre o sujeito, mas sim subjetiva, pois tem na dimensão simbólica sua principal arma.

Por meio das conversações, pudemos perceber que existe um forte posicionamento dos jovens LGBTQIA+ quanto aos espaços que frequentam e constroem aprendizagens em Belo Horizonte. Conforme as narrativas dos jovens participantes da pesquisa, os espaços de aprendizado se concretizam quando existe troca de experiências e conhecimentos, no entanto reafirmam que não é qualquer lugar que proporciona construção de conhecimento. Os estudos de Foucault (2006) contribuem para a reflexão a respeito da produção de um campo de resistência a partir da relação construída entre sujeito e poder. O pensador francês considerava não ser possível entender o sujeito ou as formas com as quais é sujeito sem compreender as relações de poder. O poder não está centralizado nem é estático, mas diluído em relações de forças que atravessam as estruturas sociais e é inescapável. Para o autor: “(...) São, portanto, relações que se podem encontrar em diferentes níveis, sob diferentes formas; essas relações de poder são móveis, ou seja, podem se modificar, não são dadas de uma vez por todas.” (2006, p.276) E tal perspectiva é viável para compreender a necessidade de expandir o conceito de poder, encontrando uma definição mais abrangente para apreender os vários dispositivos de poder em diferentes níveis e setores da sociedade.

Os jovens pesquisados nos apresentaram as diversas formas de estar nesses espaços e os sentidos de resistências em Belo Horizonte. Para eles, lugar de resistência é estar no Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual – CELLOS-MG, em partidos políticos, na Parada do Orgulho LGBT, bem como outras organizações da sociedade civil como a Aliança Nacional LGBTI, o Coletivo Academia Transliterária, o Ambulatório Trans, o metrô de Belo Horizonte, saunas gays, igrejas evangélicas inclusivas, bares localizados no Baixo Centro, praças públicas como a Praça do Papa e a Praça da Savassi, casas de amigos, dentre outros espaços de socialização e de partilha de experiências e aprendizagens. São espaços de grande relevância que proporcionam aprendizados e perspectivas críticas acerca de suas vivências.

Conforme relato de Kito, acerca de suas experiências como voluntário na Parada do Orgulho LGBT organizada pelo Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual – CELLOS/MG, participar ativamente do referido evento mudou completamente o seu

ponto de vista, pois vivenciou os dilemas, as lutas e as vitórias que estão por trás de uma Parada. Kito também ficou desconfortável ao perceber os olhares de estranhamento de alguns dos voluntários da Parada do Orgulho LGBT quando compartilhou em uma reunião que é uma “*bicha*” frequentadora de igreja evangélica inclusiva. A reflexão de Kito nos proporciona pensar que no mesmo espaço podem aparecer situações que demonstram representatividade e luta, mas, ao mesmo tempo, mostram um campo de disputa que é tensionado por preconceitos, ou seja, Kito era discriminado por ser uma “*bicha*” evangélica. Essa situação causava forte incômodo em Kito e gerava um desconforto no grupo, pois alguns participantes acreditavam que determinados espaços não deveriam ser frequentados por pessoas LGBTQIA+. Em outro momento de experiência, na militância em partido político, Kito, manifestou a sua criticidade, pois assim que percebeu que na instituição existiam dois períodos, um antes das eleições e o outro depois das eleições e ao entender que o partido iria apoiar o candidato a presidente Jair Messias Bolsonaro, que se mostrava contra a agenda de reivindicações da comunidade LGBT, retirou-se do partido. Outro ponto que vale destacar é uma experiência que Kito vivenciou no metrô. Ao perceber olhares persistentes de um homem, inicialmente expressava reciprocidade, porém na sequência começou a pensar no perigo de flertar em um espaço público. O jovem ficou sem saber se continuava a retribuir os olhares ou não, ocorrendo um misto de sentimentos, pois, de forma simultânea, ficou interessado e temeroso de ser agredido fisicamente.

Por meio dos relatos de experiências de Kito e a partir do pensamento de Foucault (2006), podemos refletir como o poder é exibido e expresso no corpo, além de gerado e introduzido nele. O corpo é o centro de muitas lutas entre os que disputam seu controle. Por exemplo, as relações de poder sobre os corpos referem-se de forma importante ao controle da sexualidade. Desse modo, existe uma imbricação, uma engrenagem entre as formas do conhecimento que passam pelas regras de produção de discurso (religião, ciência e política) que produzem relações de poder. Tais discursos buscam apoio em uma relação de poder. Assim podemos pensar como as relações de disciplina, mando e obediência são eixos importante para determinados espaços (hospitais, fábrica, escola) que criam as condições de observação. Esse processo disciplinar tem como objetivo esquematizar, ordenar e organizar os corpos para exercer controle.

Diante dessa perspectiva, podemos pensar no relato de Nassor. Enquanto ele aguardava atendimento médico na sala de espera do Ambulatório Trans, uma senhora transexual, com aproximadamente 70 anos, despertou o seu interesse, pois ela estava em processo de hormonização. Nassor ficou pensando que talvez aquela senhora tenha vivido praticamente uma vida inteira de uma forma que não queria e, no auge dos seus 70 anos, utilizava a tecnologia de hormonização. Ele declarou que ela, já idosa, e ele, com 28 anos, resistem cotidianamente ao padrão que é imposto pelas normas.

Já Haben compartilhou em Conversação que um dos espaços em que mais aprendeu sobre si foi nas saunas de Belo Horizonte, pois lá era possível retirar as suas roupas, colocá-las em armário e, a partir de sua nudez, ser livre, sem nenhum tipo de julgamento.

Foucault (2014) em uma perspectiva de microfísica ou anatomia política apresenta a reflexão de que não se pode pensar essas relações de poder numa dimensão macro da história, mas como construídas no fazer cotidiano. Portanto, quando aferimos relações de poder nas atividades costumeiras dos indivíduos conforme apontado acima, pelos jovens Nassor e Haben, identificamos que esse processo de poder não se dá de maneira automática, pelo contrário, é permeado por uma relação de resistência. Ou seja, não existe nenhuma relação de poder sem um polo de resistência. O poder não é uma substância, mas sim algo que se exerce. O poder só pode ser constatado na existência de dois polos: o poder do dominador e o poder do dominado. O poder, portanto, é constituído nas relações. A experiência da sauna não foi igual para todos eles, pois alguns corpos não eram pretendidos pelo perfil de homens que frequentava. Talvez porque alguns deles eram vistos como *“bichas afeminadas”*. Outro jovem complementou dizendo que não tinha o perfil que os homens desejam na sauna, pois o seu corpo não era esculpado e a cor de sua pele não era desejada. O participante que aprendia na sauna ressaltou que a sua aceitação e permanência talvez ocorresse porque ele ainda estava sob o selo da heteronormatividade, entretanto estava certo que não seria mais aceito por pintar as unhas e usar salto alto.

Aqui é possível notar que existe sobreposição de categorias, ou seja, sexualidade, corpo e raça. Portanto, trata-se de um espaço mediado por relações de poder. Se, no primeiro momento, a sauna é interpretada como um espaço de liberdade e de expressão de identidades, por outro lado, por intermédio de uma análise micro das relações estabelecidas, nesse local fica evidente uma estrutura hierarquizada que tem o

corpo como processo de diferenciação no que se relaciona com cor da pele e outros aspectos visíveis do corpo (gordura, magreza, altura, aparência dos pelos). Inclusive, segundo um jovem pesquisado: “*as saunas localizadas em Belo Horizonte demonstram aspectos das territorialidades*”, pois o público de cada estabelecimento demonstra grande variedade e diferenciação por faixa etária, poder aquisitivo e tipos de perfis dos frequentadores.

Paraíso (2016), no artigo “*A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência*”, discorre acerca do conceito de resistência, pois, para a autora, resistência é uma força que mobiliza e cria possibilidades. Ademais, a estudiosa defende a necessidade de que a resistência seja inventiva, estratégica e com diferentes focos, sem nos desviarmos, em nenhum momento, das práticas de afirmação da vida. Paraíso (2016) evidencia a importância de discutir currículo, gênero e sexualidades na sociedade e principalmente nas escolas para enfrentamento dos grupos reacionários e conservadores que utilizam o conceito de gênero de forma tão deturpada. Ela também enfatiza que gênero é amplamente discutido na ciência e reafirma que alcançar profundidade acerca do contexto histórico de tal temática é desvelar o: “(...) funcionamento de uma relação de poder que tem violentado, estuprado, matado, aniquilado possibilidades, subjugado milhões de pessoas e que tem tornado muitas vidas, portanto, impossíveis de serem vividas” (p.402). Para ilustrar a fala da professora Paraíso, complemento com elementos extraídos das contribuições dos jovens participantes da pesquisa. O jovem Nassor precisa constantemente se aproximar do mundo masculino para não sofrer retaliações, pois somente após se tornar um homem trans é que foi possível perceber como os homens heterossexuais, em geral, respeitam apenas os iguais. Já Haben contextualiza que ser homem cis gay afeminado o fazia pensar que era um ser condenado e que todas as maldições se destinavam a ele.

Paraíso (2016) cita que existe um contingente de atores sociais reforçando constantemente o uso equivocado de gênero e tentando criar uma imagem monstruosa para que, dentro de um ponto de vista retrógrado, as famílias não sejam prejudicadas, isto é, para os conservadores e reacionários, crianças precisam ser educadas para serem masculinos (e para as masculinidades) ou femininas (e para as feminilidades), exercendo expressões de gênero atribuídas e perpetuadas desde o seu nascimento. Diante de toda a atrocidade envolvendo gênero, e suas construções históricas e sociais, a

autora ressalta a importância de resistir diante de tantas barbáries. Para ela, resistência significa:

A resistência possui um potencial de crescimento, florescimento e transformação que necessitamos para habitar a terra (...) (...) “ela possibilita criar espaços de combates, de lutas, de insubordinação, de insurreição. A resistência é a criação de possíveis. Ela é força agenciadora que transforma e funda outras e novas relações. É esse seu potencial de criação que precisamos acionar para impedir que os desejos sejam codificados pelos poderes. É esse potencial de criação da resistência que necessitamos acionar para embaralhar esses códigos tristes e para voltar a sorrir.” (PARAÍSO, 2016, p.408).

Sendo assim, a pesquisa com os jovens nos deu indícios de como os/as jovens LGBTQIA+ que frequentam, participam de ações ou eventos no CELLOS/MG, reunidos em assembleias, passeatas, coletivos, partidos políticos, igrejas, dentre outros espaços, demonstraram, a partir de suas vivências, como resistem diante de um contexto que é construído para que não atinjam o *status* da cidadania. Nkosi questiona constantemente os padrões heteronormativos e descreve como, dentro do ideário patriarcal vigente, uma mulher deve se comportar na sociedade: *“usar salto alto, maquiagens, roupas comportadas, cruzar as pernas, falar baixo, eu fico extasiado só de imaginar o que as mulheres devem enfrentar no seu cotidiano”*. Nkosi nos disse em conversações que aprende em vários espaços da capital, mas geralmente adquire conhecimento pela dor e se pergunta “o porquê de ter passado por determinadas situações”. Constantemente se controla em situações, conseguindo captar nos mínimos detalhes as manifestações de preconceitos. Ele declarou: *“olha! Isso que aconteceu comigo agora é homofobia! Opa isso que eu passei é racismo!”*. Logo, é preciso não se deixar abater pela vasta gama de atitudes discriminatórias. Kito complementa com uma situação que viveu no trabalho, envolvendo uma colega que mudou o tom de voz ao responder uma pergunta feita por ele. A colega devolveu a pergunta como se estivesse conversando com uma criança. Kito tem convicção que tal fato ocorreu porque ele é uma *“bicha afeminada”*. A colega ao respondê-lo com entonação infantil, tentou menosprezar a sua capacidade de elaborar respostas condizentes com o cargo que ocupa na empresa. E o jovem, ao perceber, sentiu que isso foi desnecessário. E concluiu: *“ela tentou me incluir, mas no fundo foi desrespeitosa”*. Kito, por sua vez, ressalta que todos precisam ficar atentos aos mínimos detalhes, pois as pessoas podem estar praticando racismo, homofobia ou buscando enquadrar as pessoas em expressões religiosas também orientadas por preconceitos no tocante à diversidade sexual.

As narrativas dos jovens pesquisados, no que tange às diferentes estratégias de resistências, mostram que os processos de sofrimentos, preconceitos e violências geraram contextos negativos para as suas trajetórias de vidas, porém por outro lado, por meio de um processo de empoderamento e criticidade da dimensão macro e micro da sociedade e os seus processos de socialização, também contribuíram para uma reação contrária, configurando diversas formas de resistência. Produzindo não só uma dimensão de resistência como também formas de existir, possibilitando formas de conscientização tanto no aspecto individual quando no coletivo dentro da sociedade. A Conversação nos deu noção das relações individuais e coletivas dos participantes no que tange aos procedimentos de resistências e processos de conscientização. Nesse ponto as reflexões de Paulo Freire dialogam com o pensamento de Foucault no que se refere a relações de poder e seus desdobramentos diante da dicotomia entre os polos dominador e dominado, permeado por um campo de resistência, notando que a incorporação de uma noção de resistência passa necessariamente por processos de conscientização. O sujeito não resiste pelo simples fato de ocupar o polo dominado, mas sim compreendendo a priori o seu lugar de subalternizado, ou seja, constrói a noção que esse poder que o subjuga é externo a ele. Ou seja, o sujeito compreende seu lugar na estrutura societária na sua condição macro (política, econômica, social) e confrontando essa dimensão em seus aspectos micro (relações, trocas, afetos e enfrentamentos) como forma de ser e estar na sociedade e no mundo.

O fato dos jovens da pesquisa se autoidentificarem como LGBT e vivenciarem um contexto de violência de gênero não determina uma inserção unicamente como vítimas dessa violência. Os jovens participantes da pesquisa, em suas interações, não partem de uma postura passiva e determinista diante dos problemas de gênero, mas sim compreendem o meio social para além da dimensão concreta, isto é, identificam os significados que eles próprios, os jovens, dão a essa realidade e os impactos nas suas relações sociais.

Freire (2001), pensador de grande relevância para a educação brasileira e mundial, contribui para pensarmos a construção de uma autopercepção de si frente a um poder hegemônico. Na década de 1970, Freire desenvolveu um método educativo de alfabetização que impactou a sociedade e por consequência colocou em questão o modelo estabelecido de alfabetização. Valendo-se de uma pedagogia que trazia a realidade do sujeito para a prática educativa, aproveitando as subjetividades do alunado

em detrimento de uma concepção de tábula rasa. Ademais, valorizava a relação do conhecimento a partir da experiência de vida, bem como postulava que todas as formas de saber são válidas e sustentava que os espaços institucionalizados, como a escola, marginalizavam vários saberes em prol de um conhecimento formal que era externo a esse sujeito, em um processo denominado por Freire como “educação bancária”. O objetivo de trazer à tona a dimensão subjetiva de cada estudante era fazer o sujeito perceber, a partir de uma noção das próprias experiências, formas de perceber o mundo e instrumentalizar diferentes estruturas de conhecimento.

Freire, de alguma maneira por meio da sua ação pedagógica, instaurou um modelo de resistência, não nomeando suas ações como resistência, mas sim como um processo que se dá a partir do despertar das consciências. Nessa trajetória, a educação ganha uma centralidade na sua concepção libertadora. Para Freire, a educação como prática de liberdade pode proporcionar uma dimensão de conscientização:

(...) A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza “não apenas saber que vivia mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí. (...) (FREIRE, 2001, p. 12)

Portanto, a educação está relacionada ao processo de desenvolvimento do ser humano, com pessoas que se percebem como seres inacabados, aprendendo e evoluindo com equívocos e acertos ocorridos no decorrer da caminhada. Supõe-se que as reflexões e ações acerca dos ditos erros e acertos possam somar esforços para combater os preconceitos, a intolerância e outras violências diante da diversidade que existe nos espaços escolares e não escolares. Freire (2001) defende uma nova roupagem para a educação, incluindo novos atores e ampliando reflexões acerca de um ensino mais democrático.

Para conceituar resistências e perceber a sua efetividade na sociedade, é necessário percorrer um longo percurso. Freire (2001), em seu livro “*Conscientização – Teoria e Prática da Libertação*”, mostra que “(...) os homens são capazes de agir conscientemente sobre a realidade objetivada. É precisamente isto, a práxis humana, a unidade indissolúvel entre minha ação e minha reflexão sobre o mundo” (p. 29 e 30).

Freire se apropria da ideia de conscientização, percebe a profundidade do seu significado e a partir daí promove uma ampla discussão do conceito no campo educacional.

Diante do discutido até o momento, pode-se constatar que os estudos de Freire sobre conscientização não se afastam do campo da resistência a partir da relação entre o sujeito e o poder. Por isso, o estudo sobre as juventudes LGBTQIA+, suas resistências e vivências no espaço do CELLOS/MG, aqui reconhecido como espaço de formação dentro da cidade de Belo Horizonte, entendendo que as estratégias de resistir por meio do corpo são algo ainda em processo de construção. Ao eleger trajetórias de vida e suas respectivas experiências, é necessário observar as linhas de fuga, os formatos, os pensamentos, o transitar dos espaços, as formas de amar, as práticas cotidianas como elementos constitutivos que contribuíram para uma dimensão de consciência de si e, conseqüentemente, de maneiras de resistir.

Todavia, a construção de consciência crítica é um processo lento e complexo, exigindo reflexões e atitudes em favor de transformações. Pensando a partir de Freire (2001), não é possível ter conscientização no primeiro momento, ao enxergar as realidades do mundo, uma vez que o primeiro contato com a realidade acontece numa perspectiva ingênua, uma experiência da realidade na qual os sujeitos estão em busca de compreender o que o rodeia. Esse processo inicial para Freire ainda não é conscientização, pois para a conscientização ser efetiva é preciso um olhar para a realidade do mundo de forma mais elaborada, técnica e crítica. Sendo assim, só é possível mudar a realidade, que a todos influencia, depois de refletir sobre a realidade, sobre a sua situação concreta, ou seja, elevar-se plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para modificá-la. Por ser um processo contínuo, não existe um ponto final para o processo de conscientização. Para o autor:

A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se desvela a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em estar frente à realidade assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da práxis, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece. (FREIRE, 2001, p.30)

Ao assumirem o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo, os jovens pesquisados conscientizam-se e a partir daí resistem. E isso é apresentado nas narrativas dos sujeitos participantes da pesquisa. Os jovens relatam que atualmente ao caminharem pela Savassi, bairros localizados na região centro-sul de Belo Horizonte, deparam-se com outros jovens LGBT que estão com as mãos dadas e trocam beijos diante de tantas outras pessoas sem preocupação com os julgamentos que possam decorrer por causa das demonstrações de afeto. Portanto, o processo de conscientização e resistência se dará em diferentes espaços e experiências.

6.3. Lazer e a cidade de Belo Horizonte

Para os jovens da pesquisa, vários espaços foram colocados como locais de diversão na cidade de Belo Horizonte, como por exemplo, frequentar o CCBB localizado na Praça da Liberdade, bares, boates, cinemas, teatros e encontros festivos nas casas de amigos. Eles dão a impressão de selecionar muito bem os locais que frequentam, pois existem possibilidades reais de morrerem em função de agressões e violências. Os jovens pesquisados evitam lugares em que podem correr riscos de vida e concordam que os melhores locais e eventos para frequentar em Belo Horizonte estão localizados no Baixo Centro, pois geralmente são espaços que acolhem a diversidade. Houve algumas divergências quanto ao entendimento de Belo Horizonte ser uma cidade segura para diversão da comunidade LGBTQIA+. Para alguns, sim, pois no comparativo com metrópoles como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, a capital mineira é mais segura.

Para outros participantes, os questionamentos sobre o que é segurança, ou como é existir nesses lugares, trouxeram reflexões. Alguns deles enfatizaram que Belo Horizonte tem alguns nichos que lhe dão tranquilidade e segurança. São jovens que se sentem como se estivessem isolados, com a sensação de frequentar bolhas, ou seja, lugares que ao primeiro momento lhes parecem seguros. Ainda assim, não descartam que em alguns desses lugares que consideram como espaços seguros possam aparecer pessoas heterossexuais (homens, preferencialmente) buscando dar exhibições de masculinidade.

Coimbra (2013) em sua dissertação de mestrado intitulada “Dinâmica Territorial Urbana: análise do movimento quarteirão do Soul em Belo Horizonte” discute o

conceito de espaço urbano partindo do pressuposto que é construído pelos atores sociais a partir de suas emoções e representações, isto é, o espaço deve ser considerado a partir dos sujeitos sociais e de sua história. Para a autora, espaços, a priori, não planejados para determinados fins na cidade se transformam em festas, teatros, festivais, feiras, dentre outros eventos culturais que fazem com que a cidade transforme espaços de representação. (p. 14). Essa concepção de espaço dialoga com o conceito de Milton Santos (1994), compreendendo que o espaço é o produto direto da ação dos homens sobre si mesmos, por intermédio dos objetos naturais e/ou artificiais. Para Santos, o espaço é constituído por um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações em que, de um lado, os sistemas de objetos determinam a forma como estabelecem as ações, e é a partir dessa dinâmica contínua que o espaço se transforma, ou seja, o espaço significa movimento. Outro evento que os jovens apreciam em Belo Horizonte é a Parada do Orgulho LGBT. Todavia ressaltam que Belo Horizonte é uma cidade que é em parte inclusiva e em parte repressora. Existe um consenso entre eles que o perfil dos habitantes do estado de Minas Gerais é mais estratégico, uma vez que, segundo os jovens pesquisados, os mineiros procuram ocultar as agressões que cometem e, quando são confrontados, disfarçam e argumentam como se não compreendessem a situação. A Parada do Orgulho LGBT propicia que eles saiam de casa vestidos com purpurinas, saltos altos, plumas, brilhos, pois seus corpos são políticos e a cidade parece se enfeitar para recebê-los, sendo esse o momento em que se permitem colocar o corpo nas vias públicas da maneira que desejam. Isso não acontece com o jovem transexual, pois para ele não é necessário se fantasiar, bastando aproximar-se ao máximo do mundo masculino para conseguir aproveitar o evento sem sofrer retaliações.

Nesse sentido, a Geografia Humana contribui para pensarmos o conceito de espaço para além das estruturas físicas, havendo constantes intervenções do elemento humano nesse espaço. Outro conceito importante é o de lugar, significando um conjunto de objetos que tem autonomia de existência pelos elementos que o formam, porém sem autonomia de significação, pois, ao longo do tempo, ininterruptamente, os atores sociais vão atribuindo novas funções aos lugares em substituição das antigas. A partir desse contexto conceitual de espaço e lugar, pensando a partir das relações travadas entre os jovens pesquisados e a cidade de Belo Horizonte, somos levados a afirmar que tais relações são meios em que se estabelecem experiências, significados e simbolismos

humanos, ou seja, espaço e lugar são considerados dimensões de representações. Sendo assim, cada espaço e lugar ganha significados próprios para cada jovem LGBTQiA+.

Essa dimensão se aproxima dos estudos de não-lugar de Marc Augé (2012). Para tal autor, do ponto de vista social, é necessário encontrarmos uma dimensão de todo que não seja uma fragmentação de múltiplas partes de lugar, sendo empiricamente um conjunto de construções com características bastantes diferentes, por exemplo, padaria, praças, academias de ginástica, restaurantes, teatros e cinemas, dentre outras localidades. Marc Augé analisa tais tipos de espaços de maneira macro e micro, procurando perceber o que é comum a todos eles e de que modo sua reprodução provoca mudanças na organização social-econômica-simbólica da sociedade e também na vida cotidiana dos indivíduos. Para o autor:

(...) Vê-se bem que por “não lugar” designamos duas realidades complementares, porém, distintas: espaços constituídos em relação com certos fins (transportes, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços. Se as duas relações se correspondem de maneira bastante ampla e, em todo, oficialmente (os indivíduos viajam, compram, repousam), não se confundem, mesmo assim, pois os não-lugares medeiam todo um conjunto de relações consigo e com o os outros que só diz respeito indiretamente a seus fins (...) os não-lugares criam tensão solitária”. (...) (p. 87)

A partir das reflexões de Marc Augé podem ser analisadas as minhas experiências e a dos participantes nas reuniões de formação como voluntários do CELLOS/MG para a Parada do Orgulho LGBT realizada no ano de 2019. Era nítido perceber o envolvimento dos jovens responsáveis para enfeitar os trios elétricos, o palco central e as barracas com balões e bandeiras. Outro ponto marcante da Parada do Orgulho LGBT está atrelado ao fato dos voluntários hastearem ao longo da Avenida Amazonas⁴² as enormes bandeiras que os representam. A Parada do Orgulho LGBT é composta na sua maioria pelas juventudes que vivenciam aquele momento na Praça da Estação de forma peculiar. No entanto, é preciso destacar que as juventudes LGBT somente possuem um dia no ano para usufruto pleno da Praça da Estação, pois, em outras datas, a Praça da Estação é utilizada de várias maneiras pelas juventudes LGBT e por outros atores sociais que transitam por ela, fazendo com que o referido espaço público se torne um não-lugar, pois cada pessoa vai atribuir um significado específico para a Praça da Estação.

⁴² Avenida Amazonas é uma das principais vias de acesso ao município de Belo Horizonte, junto com a Avenida do Contorno e a Avenida Afonso Pena.

Nessa perspectiva, podemos trazer as contribuições de Lefebvre (2008), no que se refere ao espaço “vivido”, pois ele nunca é neutro e “puro”, ou seja, há múltiplas formas de perceber a espacialidade, tanto na esfera individual, grupal, ou no coletivo. O autor defende que o espaço deve ser pensado na dimensão de movimento por intermédio de um espaço socialmente construído pelo sujeito, buscando seus significados no tempo. Os jovens nessa concepção buscam transformar os ambientes físicos em sociais com produção particular de significados. A significação que a juventude dá ao lugar onde transita atende a uma lógica própria de como se ver diante dos espaços institucionalizados. Os jovens participantes da pesquisa também trouxeram as suas experiências acerca do carnaval na cidade de Belo Horizonte e foi possível compreender que eles têm grande apreço pela festa popular. Uma das razões está relacionada ao fato de que nenhum bloco é composto exclusivamente por pessoas heterossexuais, ou seja, os blocos são compostos na sua maioria por uma diversidade e pluralidade de pessoas e de orientações sexuais.

Conforme o relato do jovem Haben, *“isso acontece porque parece que gênero e sexualidades ficam suspensos, deixa de ser tão marcado quanto aos outros dias”*. Para eles, no carnaval os agressores, homens heterossexuais, com as suas vestimentas femininas diminuem os seus impulsos de violências e saem do padrão, da norma que praticam no restante do ano. Além de muitos outros agressores aproveitarem para sair do “armário” e transitarem em outros espaços do corpo humano das pessoas consideradas fora da normatividade. Diante dessa perspectiva, durante o dia é permitido frequentar espaços e transitar livremente pela cidade, entretanto, conforme a hora e o dia, aquele espaço perde o sentido da liberdade, isto é, o espaço de lazer transforma-se em um espaço de transgressão. Depois de exaltarem as festividades do carnaval e da Parada do Orgulho LGBT em Belo Horizonte, expressaram um grande incômodo por meio de um significativo silêncio. Perceberam que as suas subjetividades e individualidades são respeitadas na capital somente duas vezes ao ano e com uma ressalva, posto que, após determinado horário da festa de carnaval, os seus corpos novamente ficam submetidos aos perigos que as ruas oferecem. Eles sabem que muitas pessoas caminham para a Parada com o objetivo de comemorar e festejar o orgulho LGBT, no entanto sabem também que há muitos agressores esperando somente o momento oportuno para a prática de assédios e violências.

Para o geógrafo Haesbaert (1998), o território está longe de possuir uma fisionomia unidimensional, apresentando-se como verdadeiro labirinto tecido em redes complexas de apropriações sucessivas e de significações diversas. Os territórios e as identidades dos frequentadores ganham um sentido de fluidez. Antes de anoitecer, crianças, jovens e idosos apropriam-se dos territórios, fazendo com que a ociosidade e o lazer ganhem aspectos positivos, entretanto ao anoitecer, o espaço da cidade passa a ser frequentado por diferentes grupos sociais interpretados como transgressores.

6.4. Projeto de vida positividade

Os jovens iniciaram as conversas argumentando que sofrem constantemente com os preconceitos, com as violências e diariamente se percebem utilizando tempo e energia respondendo publicações sem nenhum tipo de fundamento veiculadas nos meios de comunicação. É importante destacar que os jovens pesquisados reconhecem que frequentemente terão que utilizar tempo de vida para argumentar sobre situações indesejáveis. Entretanto, são jovens que pretendem usufruir o presente com as experiências positivas que adquiriram por serem pessoas LGBTQIA+. Não almejam viver uma vida baseada nos seus aspectos dolorosos, ou seja, desejam vivenciar a dimensão prazerosa e feliz da existência. Os jovens participantes afirmaram em conversações que situações negativas são reforçadas pelos noticiários de todas as mídias e que é necessário não se abater diante de tanta negatividade.

Os jovens pesquisados dizem que é preciso olhar para o contexto que já viveram e captar a riqueza de serem pessoas fora da norma “*ser fora da norma é interessante, pois agregam pessoas que também pensam diferente*”. A partir de suas experiências, eles ressaltaram o desenvolvimento de suas autonomias oriundo do contato com outras identidades e com outras pessoas que são consideradas desviantes dos critérios normativos. E isso proporcionou construção de conhecimento, isto é, aprenderam a se impor e a lidar com as situações desafiadoras do cotidiano.

Outro ponto que merece destaque é a convocação feita por eles para uma união de todos os integrantes das “minorias de direitos”, já que é preciso espalhar as suas potências, a capacidade de argumentar, a força de serem felizes e de lutarem por dias melhores. A partir das experiências individuais e coletivas com outras pessoas, eles aprendem e aperfeiçoam a capacidade de responder aos poderes que tentam deslegitimar

as suas vivências. São jovens que questionam e não silenciam diante das provocações que recebem e fazem contraponto com as suas ideias e reflexões.

Os diversos espaços que os jovens LGBTQIA+ frequentam, como ruas, praças e coletivos, oportunizam reivindicar (...) “um novo tempo e um novo espaço para a vontade popular, não uma única vontade idêntica, nem uma vontade unitária, mas uma que se caracteriza como uma aliança de corpos distintos e adjacentes (...) (BUTLER, 2018, p.84). A convocação que os jovens participantes da pesquisa fazem é enfatizar a necessidade de fazerem parte de algo maior, novo, no qual estejam em união, assembleias, passeatas e com presença de pessoas que estão inseridas na democracia representativa de forma subalternizada, ou seja, sendo impossibilitadas de viver uma vida plena:

O objetivo, aqui, não é arregimentar coletividades em prol de formas de igualdade que nos submergiram, todos, em condições igualmente impossíveis de viver. Pelo contrário: a meta, aqui, consiste em reivindicar uma vida igualmente passível de ser vivida para todos, que é também colocada em cena por aqueles envolvidos na tomada de decisões, e que requer a distribuição igualitária de bens públicos. (BUTLER, 2018, p.3)

Os jovens participantes da pesquisa contextualizam que, a partir das discussões políticas realizadas com as minorias sexuais, de gênero, raciais, imigrantes, dentre outros grupos oprimidos, existe a possibilidade, ocorrendo a união desses corpos marginalizados, de haver avanços com pautas progressistas cujo objetivo é promover debates acerca de temáticas tão complexas e fundamentais para a conquista de uma organização mais igualitária e livre da sociedade. Quando os jovens LGBTQIA+ convocam outras pessoas para propor, fortalecer e reivindicar discussões tão caras para a sociedade na perspectiva do coletivo, e fazem reflexões para além da condição de indivíduo, pode-se perceber que “o objetivo é se opor às forças e aos regimes militares, disciplinadores e reguladores que nos exporiam à condição precária” (BUTLER, p. 76). As mobilizações coletivas proporcionam consciência aos grupos considerados minorias de direitos, pois os “corpos congregam, eles se movem e falam juntos e reivindicam um determinado espaço público. (BUTLER, 2018, p.80) Para a pensadora Butler (2018), essas mobilizações podem acontecer “quando as multidões se movem no entorno das praças, pela rua lateral ou pelo beco, pelos bairros onde as ruas ainda não são pavimentadas” (p.80). São corpos em assembleias que articulam novos projetos de vidas e que reivindicam um futuro diferente para as existências consideradas precárias, pois a

união dos corpos na esfera pública tem como princípio “o espaço da sociabilidade e de apoio, de ser constituído em uma sociabilidade que nunca pode ser reduzida à perspectiva de alguém nem à dependência em relação às estruturas sem as quais não existe vida durável ou possível de ser vivida” (BUTLER. 2018, p, 94).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação de mestrado teve como objetivo compreender as estratégias de resistências utilizadas por jovens LGBTQIA+ que frequentam ou participam de ações e eventos do CELLOS-MG, na faixa etária de 18 a 29 anos, a partir de suas vivências e resistências em diferentes espaços formativos na cidade de Belo Horizonte. Buscou-se por meio do método de Conversação identificar relatos, experiências e histórias de suas resistências enquanto jovens LGBTQIA+ na capital mineira.

Diante da proposta de pesquisa, trabalhar com juventudes LGBTQIA+ a partir da perspectiva de resistências e vivências nos demonstrou um conjunto de categorias fortes que se mostram potentes para o enfrentamento do preconceito, ódio e violências, ou seja, um conjunto de categorias distintas com demandas e especificidades complexas, mas que quando se aproximam geram contextos de reconhecimento e representação.

São categorias diferentes e que dialogam entre si. E é por conta desse diálogo que buscamos nessa pesquisa enfatizar elementos das trajetórias de vida dos jovens pesquisados para compreendermos os atravessamentos que constituíram tais trajetórias. Ressaltamos que o tema ganha relevância diante do fato de que esse segmento tem na sua história pessoal a marca de uma marginalização enquanto sujeito no mundo, pois o jovem é sempre visto como alguém que está em formação, que desconhece os próprios objetivos, necessitando de auxílio e de orientação. O destaque nessas trajetórias de vida apresentadas na pesquisa oferece outras perspectivas, uma vez que estamos falando de resistência e vivência. Pensando a juventude LGBTQIA+ para além de um cenário de violência, morte e preconceito, resgatando as potencialidades do protagonismo juvenil.

Os jovens participantes da pesquisa apresentaram uma gama variada de processos de resistências. As conversações nos permitiram entender que as resistências se iniciaram ainda na infância, passando pela adolescência e têm continuidade na juventude, desvelando que cada fase da vida dos jovens LGBTQIA+ trouxe desafios e enfrentamentos com a cosmovisão adulta e as instituições constituídas.

As conversações nos mostraram que os jovens pesquisados resistem em muitos espaços formativos na cidade de Belo Horizonte, sejam eles nas famílias, nas escolas, nas organizações da sociedade civil ou ainda quando espaços que são construídos para

não aceitarem pessoas não heteronormativas. Reunir diversas experiências identitárias, por meio da metodologia de Conversação, possibilitou conhecer especificidades de cada jovem LGBTQIA+ e ao mesmo tempo perceber as potencialidades e os desafios que os aproximam e os distanciam em suas vivências e resistências.

Das questões que foram abordadas no transcorrer da pesquisa, algumas merecem ser retomadas, devido à importância que assumem nos processos formadores acionados pelos jovens participantes na construção de suas identidades de gênero e sexualidades.

Os jovens da pesquisa apresentaram características geográficas diversificadas no período de infância e adolescência. Alguns residiam na capital de Belo Horizonte e outros no interior de Minas Gerais. Todos eles conviviam com as suas famílias ou responsáveis, incluindo também família extensa, ou seja, avós, tios, primos.

No que tange ao período de infância, vale destacar que eles receberam olhares, estranhamentos e apontamentos por parte dos adultos que nem sempre eram de aceitação e acolhimento, ao contrário, eram fonte de desconforto. Inclusive, em diversos momentos, quando eram crianças, não compreendiam o porquê de certas situações que nem sequer conseguiam nomear.

Na escola, por exemplo, seus pais eram orientados pelos profissionais a buscarem por atividades físicas tidas como adequadas para meninos como judô, futebol e basquete. Isso acontecia porque eles andavam em grupos com outros adolescentes que tinham comportamentos considerados afeminados. Saliento a sugestão dos esportes por parte dos adultos, como se eles fossem capazes de determinar os comportamentos e as sexualidades dos jovens. Essa ação dos profissionais da escola, juntamente com a família de um dos jovens pesquisados, revela quadro de construção da identidade masculina em uma sociedade heteronormativa que, no caso específico, utiliza o esporte como forma de hierarquizar o que seria atividade de homem e o que seria de mulher, um modelo dicotômico de classificação. Classificar uma identidade masculina como a correta é uma forma de alimentar o imaginário de um modelo de ser “homem”.

A sedimentação desse ilusório da identidade masculina, com fortes características universais e totalizantes, gerou para os jovens da pesquisa um processo de violência. No contexto narrado, o esporte, foi usado para enfatizar um modelo de ser homem e outro de ser mulher, ou seja, os corpos que não se adequam a essa forma são tidos como abjetos, alvos de ataques e violências.

No período da adolescência, existiu um período de interdição no qual a estratégia de resistência adotada pelos jovens LGBTQIA+ pesquisados era manter em segredo comportamentos fora da norma, isto é, teriam que ser discretos e não exercer, em público, nenhuma atividade que escapasse do ideário heteronormativo. Foi possível apreender como eles eram rotulados pelos adultos antes de terem clareza sobre suas orientações. Os jovens participantes da pesquisa criavam estratégias para serem aceitos no âmbito dos adultos, reproduzindo o que a sociedade esperava deles e deixando o exercício livre de suas identidades para momentos sigilosos, ou seja, saíam e entravam no “*armário*”, pois era preciso administrar os seus desejos e a aceitação dos adultos. Podemos compreender que essas ações eram formas de resistências diante de um contexto permeado por barreiras e desafios.

A partir das conversações, constatamos que as diferentes formas de violências e discriminações oriundas dos adultos são, na sua maioria, executadas por pessoas dos círculos próximos. As narrativas apresentadas traziam uma expectativa de acolhimento e proteção vindas dos adultos (família, vizinho e professores), porém a resposta dada foi o silenciamento. Essas experiências dos jovens participantes da pesquisa retratam como as representações e estigmas estabelecidos acerca de suas de orientações sexuais/ identidades de gênero impactam a juventude LGBTQIA+.

A condição do silêncio, calar-se ou permanecer em silêncio, não significa, no entanto, que não falar sobre gênero e sexualidades no cotidiano familiar represente que as famílias não trazem, em seu cotidiano, experiências de gênero e sexualidades. Para os jovens pesquisados, essa condição de silenciamento impactou diretamente suas trajetórias, uma vez que tiveram que reprimir suas sexualidades e não contaram com apoio dos responsáveis. Vale lembrar que o silenciamento não necessariamente representa uma forma de violência ou preconceito, podendo ser uma demonstração das famílias, em especial os pais e responsáveis, do temor que os filhos sofram alguma forma de violência para além das fronteiras familiares, principalmente em situações futuras. Como eram crianças e jovens, os adultos tinham como premissa que determinados comportamentos considerados como anormais se modificassem com a maturidade. Trata-se de uma estratégia adotada pelos familiares que não abordavam diretamente assuntos relacionados com as sexualidades dos jovens, ou seja, não reconhecendo a condição do jovem no tempo presente, mas na perspectiva do “vir a ser”. Para as famílias, o processo de aceitação é percebido numa ótica processual no

qual ocorre variação de atitudes, com episódios de aceitação e outros de negação. Na esfera privada havia uma forma de silenciamento mais próxima de uma aceitação e, na esfera pública, o silenciamento representava uma forma de negação. Os jovens da pesquisa são alvos dessa ambivalência das relações familiares que os impede de experimentar uma moratória acerca de gênero e sexualidade, não havendo possibilidades de postergação das normas que se esperam deles.

Nessa direção, ficou demonstrado, nas diferentes tentativas de adequação dos jovens pesquisados na norma, uma nítida noção de que a própria família já tinha conhecimento da identidade de gênero dos jovens pesquisados, iniciando nesse momento tentativas de reiteração da norma com intervenções de lideranças religiosas e profissionais de psicologia. Ressaltando que no imaginário de boa parte da população circula a falsa associação entre não heterossexualidade e doença, o que gera o equívoco da busca de curas para sexualidades LGBTQIA+. Essas são demonstrações que revelam a complexidade das vivências deles e demonstram cenas de LGBTfobia, ainda antes de terem oportunidade de se descobrirem. E o mais pavoroso é saber tal realidade continua presente nas relações, atacando as juventudes que não se enquadram nas normas e tentando impedi-las de serem diversas e plurais.

Esse silenciamento também ocorria nas relações escolares e gerou uma dimensão de tensão. A forma de andar, falar e vestir dos estudantes LGBTQiA+ foram elementos que se destacaram como problemáticos nos espaços escolares, gerando a prática do *bullyng*. Para os jovens participantes da pesquisa, a escola tendia a silenciar tais situações, constituindo-se como ambiente pouco sensível à diversidade. Estigmatizados, os jovens pesquisados eram classificados como desviantes de uma norma estabelecida. Mesmo sendo alunos com bom desempenho, os jovens pesquisados narram que, muitas vezes, eram vítimas de preconceito por estarem demonstrando um comportamento de gênero e sexual fora do padrão admitido pela instituição escolar.

As experiências escolares dos jovens pesquisados, exemplificam percursos de vida pautados no preconceito de gênero. Impactando nos jovens LGBTQIA+ um contexto de incertezas para a aceitação das suas características físicas e de comportamento perante a sociedade, além de um sentimento de estranhamento no espaço escolar, mostrando que a identidade de gênero e sexualidades era condicionante para um tratamento digno dos indivíduos. Diante dessa realidade, os jovens pesquisados

evidenciaram o constrangimento que sentiam de ser quem eram, bem como revelaram a depreciação de suas autoimagens.

É importante ressaltar que existe um forte posicionamento deles quanto aos locais que frequentam e constroem conhecimento em Belo Horizonte. Para os jovens participantes da pesquisa, é necessário que o local seja significativo, agregando alguma experiência ou contribuição para o empoderamento de suas identidades e sexualidades, ou seja, se esses lugares são realmente de aprendizagem e se há partilhas salutares, sendo assim não é em qualquer lugar que tal ambiente é possível. Eles aprendem em vários espaços e, quando esses não contribuem para seus aprendizados, são os primeiros a se retirar. Podemos concluir que a experiência é contextual e varia de localidade para localidade, sendo Belo Horizonte [re]significada a partir da ótica dos jovens LGBTQIA+.

A dimensão da rua ganha uma centralidade para o processo de resistência e vivências dos jovens pesquisados. A via pública ganha o status de liberdade, lugar privilegiado de uma expressão sexual e de socialização, mesmo com os perigos que oferece. Para os jovens pesquisados, a rua configura um espaço de performance sexual, principalmente na dimensão de espaço urbano, todavia, simultaneamente é vista, pelas instituições e pela sociedade em geral, como um lugar de tensão e perigo para a vida dos jovens LGBT. As performances de dança, do olhar e das expressões do corpo são formas pelas quais os jovens pesquisados expressam suas identidades de gênero e sexualidades. Por isso, as identidades de gênero e sexualidades, na rua, ganham o significado de “liberdade”, pois trata-se de um espaço pouco institucionalizado e que não os obriga a um enquadramento. Talvez por tal razão, numa concepção adultocêntrica, estar na rua signifique transgressão, surgindo como um importante espaço de ampliação da rede de amigos, fator importante para os jovens da pesquisa, bem como um momento rico de compartilhamentos coletivos das experiências. Como outros espaços, para além da família, a rua adquire um status de conscientização e resistência para os jovens pesquisados.

Nos relatos das experiências significativas para esses jovens LGBTQIA+ na busca de interlocuções e conexões dos múltiplos espaços formativos experimentados na cidade de Belo Horizonte, eles exemplificam que o CELLOS/MG é um espaço de resistência, pois participar como voluntários da Parada do Orgulho LGBT, organizada pela Organização desde o ano de 2005, mudou completamente os seus olhares e as suas

reflexões, pois, desde as reuniões de formação até a data do evento, vivenciaram os dilemas, as lutas e as vitórias que estão por trás de uma Parada do porte da que ocorre em Belo Horizonte. Nas narrativas dos jovens pesquisados, percebemos um vínculo forte com organizações sociais com participação de pessoas LGBT, ou seja, o motivo da frequência de um determinado grupo estava vinculado diretamente a figuras LGBT. Prova disso é o movimento, muito comum, de migrarem para espaços diferentes no momento em que suas demandas perdem centralidade. O ponto central da identificação com estes espaços se dava a partir do vínculo com a temática LGBT, frequentado na sua maioria por jovens LGBTQIA+ e que vivenciavam as mesmas realidades, realizando uma construção identitária a partir do compartilhamento das experiências.

Outro espaço em Belo Horizonte que podemos apontar como espaço de resistências são as saunas localizadas em vários territórios da capital. Um jovem em especial nos diz que na sauna *“era possível retirar as roupas, colocá-las em armário e a partir de sua nudez, podia ser livre, sem nenhum tipo de julgamento”*. É importante destacar que a experiência nas saunas não foi igual para todos eles, pois alguns corpos não eram pretendidos pelo perfil dos frequentadores dos referidos espaços. Talvez porque alguns deles eram vistos como *“bicha afeminada”*, ou não tinham o corpo esculpado, ou ainda, possuíam a cor de pele discriminada. Aqui é possível notar que existe sobreposição de categorias, ou seja, sexualidade, corpo e raça.

Os jovens LGBTQIA+ discorreram sobre vários espaços de entretenimento na cidade de Belo Horizonte, como, por exemplo, o CCBB localizado na Praça da Liberdade, bares, boates, cinemas, teatros e casas de amigos. Percebe-se que selecionam muito bem os locais que frequentam, pois possuem medo de serem vítimas de agressões e violências. Os participantes LGBTQIA+ concordam que os melhores lugares e eventos festivos para se frequentar em Belo Horizonte estão localizados no Baixo Centro, pois geralmente são lugares que acolhem a diversidade. Houve também, nas conversações, algumas divergências quanto ao entendimento de Belo Horizonte ser uma cidade segura para os jovens pesquisados se divertirem. Para alguns, sim, pois no comparativo com outras metrópoles como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, a capital mineira seria mais segura. Para outros participantes, os questionamentos sobre o que é segurança, ou como é existir nesses lugares, trouxeram reflexões. Outro ponto que merece destaque relaciona-se com as suas experiências acerca do carnaval, sendo possível compreender que os jovens LGBTQIA+ apreciam o caráter plural da

festividade, pois não existe nenhum bloco que seja composto integralmente por pessoas heterossexuais. A juventude LGBTQIA+ pode aproveitar o período carnavalesco em Belo Horizonte e isso acontece porque, nas palavras de um jovem integrante da pesquisa, “*gênero e sexualidades ficam suspensos, deixa de ser tão marcado quanto nos outros dias*”. Os agressores, homens heterossexuais, com vestimentas femininas, diminuem os impulsos de violências e saem do padrão, do normal de suas práticas violentas no restante das datas do calendário. Ademais, vários agressores aproveitam para sair do “armário” e transitam em outras dimensões do corpo humano das pessoas homossexuais ou transexuais. Outra atividade que os jovens LGBTQIA+ apreciam é a Parada do Orgulho LGBT da capital mineira. Porém sentenciam: “Belo Horizonte é uma cidade que joga a pedra e esconde a mão”, existindo um consenso entre eles de que o mineiro é mais estratégico, procurando esconder as agressões e, quando são confrontados, simulam não entender o ocorrido.

A Parada do Orgulho LGBT propicia que os jovens pesquisados saiam de casa da forma que desejam, ou seja, vestidos com purpurinas, saltos altos, plumas, brilhos, pois seus corpos são políticos e a cidade parece se enfeitar para recebê-los. É o momento que se permitem colocar o corpo nas ruas da maneira que julgam mais interessante. Isso não acontece com o jovem Nassor, pois para ele não é necessário se fantasiar. Para ele, basta se aproximar o máximo possível da aparência masculina para conseguir aproveitar os eventos sem sofrer retaliações. Depois de exaltarem as celebrações do carnaval e da Parada do Orgulho LGBT em Belo Horizonte, algo maior os incomodou, fazendo com que ficassem silenciosos. Perceberam que as suas subjetividades e individualidades são respeitadas na capital mineira somente duas vezes ao ano com uma ressalva, já que, depois de determinado horário da festa de carnaval, os seus corpos já ficam expostos aos perigos que as ruas oferecem. Eles sabem que muitas pessoas caminham para a Parada com o objetivo de comemorar, festejar o orgulho LGBTQIA+, mas sabem também que há muitos agressores esperando o momento para a prática de assédios e violências.

Os jovens LGBTQIA+ também trouxeram pontos importantes que mais uma vez nos remetem ao conceito de marcadores sociais da diferença, pois eles só conseguem se divertir com segurança em locais como sambas, movimentos feministas, espaços em que a maioria das pessoas são negras ou LGBTQIA+. Para os jovens, são espaços mais inclusivos, pois a presença de pessoas LGBTQIA+ é constante, sendo assim, as pessoas

tendem a ter uma convivência mais pacífica, não significando que as outras pessoas frequentadoras desses locais possuem, necessariamente, entendimento sobre gênero e sexualidades com delimitação em pessoas LGBTQIA+.

As conversações também trouxeram os estranhamentos que sentem Nassor ao partilhar conosco sobre tentar se relacionar com as mulheres cisgêneros heterossexuais, pois quando elas se aproximam dele, por ocasião do flerte, questionam se ele tem vagina ou pênis e ao obterem a resposta dele que é um homem com vagina, elas retornam dizendo que se interessam por homens com pênis. E é a partir desse contexto que ele tem refletido sobre outras possibilidades de se relacionar, descobrindo-se como uma pessoa com orientação sexual bissexual. Ele enfatizou que sente interesse por pessoas e que é mais fácil não rotulá-las para ter uma relação que considera saudável. Os jovens LGBTQIA+ também dialogaram sobre autoestima, ressaltando que é de suma importância conhecer sobre os seus corpos e sobre as suas características específicas para saberem lidar com as rejeições que encaram ao longo de suas vidas. Eles relatam que a imersão em si foi essencial para aprenderem a se fortalecerem como pessoas LGBTQIA+ e que com o decorrer do tempo, apesar dos desafios, vem se consolidando como pessoas fora das normas e dos enquadramentos impostos pela sociedade. No entanto, compreendem a importância das classificações para a construção de políticas públicas, pois não há como criar possibilidades de atendimentos/acolhimentos abrangendo todas as expressões de gênero.

Os jovens LGBTQIA+ entendem que vivem situações que não são positivas, em função de todos os preconceitos e violências que enfrentam. Constantemente se percebem gastando tempo e energia respondendo notícias sem nenhum tipo de fundamento, veiculadas nos meios de comunicação. É importante destacar que os jovens LGBTQIA+ participantes reconhecem que às vezes terão que dedicar tempo para lidar com situações delicadas e complexas, mas também querem usufruir as experiências boas por serem pessoas LGBTQIA+. Enfatizam que ser fora da norma é interessante, pois agrega pessoas que também pensam diferente. E é a partir de suas experiências LGBTQIA+ que eles aprenderam a se impor e a lidar com as situações difíceis e desconfortáveis que acontecem no trabalho, nas ruas e nas relações pessoais no cotidiano.

Outro ponto de destaque tem a ver com o desabafo que fazem nas conversações, pois, decididamente, os participantes da pesquisa não aguentam mais serem “gaypédia”

ou “blackpédia”, fazendo alusão ao site Wikipédia, uma enciclopédia livre em que todos podem editar e buscar por informações acerca de várias temáticas. Argumentam que se as pessoas heterossexuais querem aprender qualquer conceito sobre experiências LGBTQIA+, devem pesquisar na internet ou nos livros.

Não querem mais explicar os conceitos de sua comunidade para heterossexuais que não estejam em conformidade com ideias progressistas, pois precisaram aprender com dor e sofrimento a partir de discussões com mulheres feministas, pessoas queridas que demarcavam quando as atitudes e os comportamentos deles eram preconceituosos. E destacam que o mundo é plural, somos diversos e se as pessoas heterossexuais reclamarem *“vamos convocar mais e mais pessoas para fazerem parte. A sigla LGBTQIA+ tem espaço para outras letras, podemos usar o alfabeto todo para sermos contemplados”*.

Diante dos percursos percorridos pela pesquisa, podemos concluir que as resistências dos jovens LGBTQIA+ são múltiplas, mas também contextuais. As resistências foram expressas a partir da singularidade de cada jovem LGBTQIA+. E, ao mesmo tempo, também compreendemos que eles trouxeram elementos importantes e construídos a partir do coletivo por meio das conversações.

A partir das conversações, foram elencados fatores importantes da infância, adolescência e juventude que revelaram que, nessas etapas, os processos de resistência são constituídos mesmo estando imersos em uma sociedade que os hierarquiza como seres abjetos. As conversações evidenciaram que a vida dos jovens LGBTQIA+ se tornam precárias por conta do silenciamento e ausência de acolhimento dos adultos no que se refere às discussões de gênero e sexualidades. Os jovens LGBTQIA+, participantes da pesquisa, sinalizaram para um caminho novo diante dos desafios da vida para uma pessoa LGBTQIA+ a partir de uma dimensão denominada por eles como “projeto positividade”. Destacam nas suas narrativas que um projeto positividade é muito além do que “pensar positivo” o futuro, mas sim trazer uma outra lógica de luta na esfera individual e coletiva, principalmente na esfera pública, ou seja, querem viver uma vida baseada no que ela tem de prazer, felicidade e alegria.

As conversações, elencando identidade de gênero e sexualidades, a partir das concepções de resistência e vivências na perspectiva dos jovens LGBTQIA+ na cidade de Belo Horizonte, mostraram que as relações de poder em torno de gênero e sexualidade geram desdobramentos dicotômicos entre uma dimensão dominador e

dominado e que as narrativas dos jovens participantes da pesquisa revelaram que esse quadro necessariamente não gera uma realidade determinada, mas o contrário. O campo da resistência é a esfera de contraponto de uma relação de poder, já que a incorporação de uma noção de resistência passa necessariamente por processos de conscientização. Os jovens pesquisados nos ensinam que não existe uma única forma de resistir, e sim várias. Isso contribui para desvelarmos outras formas de resistência para além daquelas que conhecemos, isto é, o sujeito não resiste pelo simples fato de ocupar o polo dominado, mas sim compreendendo a priori o seu lugar de subalternizado, ou seja, constrói a noção que esse poder que o subjuga é externo a ele e que outras possibilidades são possíveis e concretas. Ou seja, compreender o seu lugar na estrutura societária na sua condição macro (política, econômica, social) e confrontar essa dimensão em seus aspectos micro (relações, trocas, afetos e enfrentamentos) são os princípios de resistir a um poder que os torna abjetos.

Um aspecto importante para a pesquisa é a interferência da própria pesquisa na identidade de gênero e sexualidades dos jovens LGBTQIA+ no que tange a um processo de deslocamento, uma reflexão para a temática. Isso não significa que eles não houvessem pensado em sua condição de LGBTQIA+ anteriormente, entretanto as conversações também contribuíram para trazer discussões à tona, gerando reflexões para a construção da identidade, rompendo com a ideia de que a construção da identidade de gênero e sexualidade se faz em algum momento e depois está definitivamente finalizada. O desafio da pesquisa, e acreditamos ter chegado a um resultado satisfatório, foi pensar como essa identidade de gênero e sexualidades vai se construindo em diálogos, em meio a muitas tensões e contradições, com os espaços da família, escola, organizações da sociedade civil e a cidade de Belo Horizonte.

REFERÊNCIAS

- ABGLT. **Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos**. Disponível em: <https://www.abglt.org/> Acesso em: 25 de maio de 2020.
- ARROYO, Miguel. **Imagens Quebradas – Trajetórias e tempo de alunos e mestres**. Petrópolis, Rj: Editora Vozes, 2009.
- BARROS, João Henrique de Oliveira. COELHO, Gilson Gomes. **A ‘Saída do Armário’ de Homens Cis Gays: Uma Revisão Sistemática de Produções Brasileiras**. Sociedade em Debate (Pelotas), v.27, n.1, p. 150-165 jan./abril. ISSN: 2317-0204
- BUTLER, Judith. **"Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo"**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 56.
- BUTLER, Judith. **Bodies in Alliance and the Politics of the Street” in Notes Toward a Performative Theory of Assembly**. Cambridge-Massachusetts: London-England: Harvard University Press, 2015 [tradução para uso didático por Leandro de Oliveira. Belo Horizonte. FAFICH/ UFMG, 2016, mimeo].
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 266 p.
- BUTLER, Judith. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo**. Campinas: Cadernos Pagu, No. 11, 1998, p.11-42.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Vida precária**. Contemporânea. **Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n.1, p. 13-33.
- CAETANO, Marcio. FERNANDES, Marisa. GREEN, James N. QUINALHA, Renan. **História do Movimento LGBT no Brasil**. ed. São Paulo: Alameda, 2018. 536 p.:23 cm.
- CANEVACCI, Massimo. **Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CARDINALI, Daniel Carvalho. **Construção do Movimento LGBT Brasileiro**. *In*: _____. **A Judicialização dos Direitos LGBT no STF: limites, possibilidades e consequências**. 1ª ed. Belo Horizonte: Arraes, 2018. 228 p.
- CENTRO DE LUTA PELA LIVRE ORIENTAÇÃO SEXUAL DE MINAS GERAIS. **Estatuto de Associação**. Da denominação, sede e afins. 03 de agosto de 2017.

CENTRO DE LUTA PELA LIVRE ORIENTAÇÃO SEXUAL DE MINAS GERAIS. **Relatório CELLOS**. Coordenado por Bruno Alves Chaves, Azilton Ferreira Viana; redação de Bruno Alves Chaves, Azilton Ferreira Viana, Bernardo Arthur da Silva Miranda, Pedro Henrique Dias Ferreira, Anderson José de Almeida Duarte. – Belo Horizonte: Crivo Editorial, 2019. 52 p.: 14 cm x 21 cm.

COACCI, Thiago. **Movimento trans em Belo Horizonte**: resgatando o histórico e mapeando o presente. *Cadernos Pagu* (55), 2019, p. 2-42.

CORROCHANO, Maria Carla. Trabalho e juventude: entrevista com Maria Carla Corrochano. *Caderno de Psicologia Social do Trabalho*, 2005, v.8, p. 99-104.

CUNHA, Elias Gilbran de Valadares. SILVA, Rosimeri Carvalho da. A luta deita no cimento – a praia da Estação e sua relação com o poder público. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v.9, n.1, p. 74-109, jan./jun.2016.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação&sociedade*. Campinas, v.28, n.100, out.2007. Disponível em www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100 – Acesso em: 16 de abr. de 2021.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n.24, p.40-53, set./out./nov./dez. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300004&lang=pt – Acesso em: 28 de out. de 2019.

EVERTON, Sebastião. DAYRELL, Juarez. **Ocupa CRJ**: “onde a Quebrada se junta”. # CRJ sem juventudes não rola! Disponível em: <https://anped.org.br/news/ocupa-crj-onde-quebrada-se-junta-crj-sem-juventudes-nao-rola> Acesso em: 16 de abr. de 2021.

FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. *Bagoas*, n. 04, 2009, p. 131-158.

FACCHINI, R. (2010). **Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico**. *Cadernos AEL*, 10(18/19). Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/acl/article/view/2510> Acesso em: 30 de maio de 2020.

FERREIRA, Tânia; VORCARO, Angela (Orgs.). **Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 174.

FERREIRA, Vítor Sérgio. RESISTÊNCIA VERSUS EXISTÊNCIA? A dimensão política das microculturas juvenis. IN: **Família, escola e juventude**: olhares cruzados Brasil – Portugal / Juarez Dayrell... [et al.], organizadores – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p.344 – 371.

FONSECA, Carlos Magno Silva. Entre a militância e a gestão pública: Contribuição dos movimentos sociais na construção das Políticas públicas para LGBT na cidade de Belo Horizonte (MG) /Carlos Magno. São Paulo: FLASCO/FPA, 2020. Quantidade de folhas: 127.

FOUCAULT, Michel. (1999). História da sexualidade I – A vontade de saber: Graal (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes.

FOUCAULT, Michel. Verdade, poder e si mesmo. In: MOTTA, Manoel Barros da. Foucault: **ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire/Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 2001, p.9-112.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v. 23). Disponível em: <<http://forumeja.org.br/files/PoliticaeEducacao.pdf>>. Acesso em: 1 de jul. de 2019.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos; 26)

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar. 1982. p. 158.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>>. Acesso em: 26 julho de 2019.

GRIECO, MATTHEWS, Sara; CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges. **Corpo e Sexualidade da Europa do Antigo Regime. História do corpo**: da Renascença às luzes. Tradução de Lúcia M.E. Orth. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HAESBAERT. Rogério. Território e Multiterritorialidade: um debate. **Revista GEOgrafia**. Ano IX, nº 17, 2007.

HARAWAY. Donna. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Organização e tradução Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 7-119.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

Kary Emanuelle Reis Coimbra. Título: **Dinâmica territorial urbana: análise do movimento quarteirão do Soul em Belo Horizonte** – UFMG 2013.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p.13-301.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LEFEBVRE, Henri. **Espaços e Políticas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. XXX COLOCAR QUANTIDADE DE PÁGINAS DA PUBLICAÇÃO

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e Sexualidades: pedagogias contemporâneas**. Scielo Brasil. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 18 de Out. de 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. 96 p.

MARGULIS, Mario. URRESTI, Marcelo. “La juventud es más que una palabra”. In: MARGULIS, M. (org). **La juventude es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996, p. 01-13.

MELLO, Luiz. IRINEU, Bruna Andrade. FROEMMING. Cecília Nunes. RIBEIRO, Vinícius Kabral. Dossiê Políticas Públicas de Trabalho, Assistência Social e Previdência Social para a População LGBT no Brasil: sobre desejos, realizações e impasses. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v.44, n.1, jan/jun, 2013, p. 132-160

MELO. Thálita Motta. **Praia da Estação: carnavalização e performatividade**. 2014. Belo Horizonte. Faculdade Belas Artes da UFMG (Dissertação de Mestrado). 2014

MIGLIANO, Milene. **Praia da Estação como ação política: Relato de experiências, envolvimento e encontros**. Disponível em: < http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/06/redobra11_05.pdf>. Acesso em: 16 de abril de 2021.

MIRANDA, Margarete Parreira. SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. Vasconcelos, Renata Nunes. **Pesquisa em psicanálise e educação: a conversação com metodologia de pesquisa**. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032006000100060&script=sci_arttext Acesso em: 17 de abril de 2021.

MOREIRA, Antonio Flávio *et al.* **Para quem pesquisamos. Para quem escrevemos. O impasse dos intelectuais**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 63-89.

OLIVEIRA. Igor Thiago Moreira. **Uma "praia" nas Alterosas, uma "antena parabólica" ativista: configurações contemporâneas da contestação social de jovens em Belo Horizonte**. Faculdade de Educação da UFMG (Dissertação de Mestrado). 2012

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. LACERDA, Miriam Pires Corrêa. SANTOS, Andreia Mendes dos; PAMPOLS, Carles Feixa. **Culturas juvenis e temas sensíveis ao**

- contemporâneo: uma entrevista com Carles Feixa Pampols. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n.70, p.311-325, jul./ago.2018.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. A Ciranda do Currículo com Gênero, Poder e Resistência. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n.3, p. 388-415, set./dez.2016.
- PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: Louro, G. L.(org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- PASSOS, Daniela. **A formação do espaço urbano da cidade de Belo Horizonte**: um estudo de caso à luz de comparações com as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/22406/pdf>>. Acesso em: 28 de out. de 2019.
- PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), p. 139-165.
- PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 Edições, 2014. p.17-44.
- QUEIROZ. Luiz Gonzaga Morando. **Vestígios de protoativismo LGBTQIA em Belo Horizonte** (1950 – 1996). v. 01, N.04, Out. – Dez., 2018. www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebed
- SANTOS. Bruno Vieira dos. **Juventude ocupa política**: um estudo de caso em Belo Horizonte. Ver. Polis e Psique, 2019; 9 (2). p. 112-136.
- SANTOS, Gustavo Gomes da Costa. Movimento LGBT e partidos políticos no Brasil. *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 6, n. 1, jan.-jun. 2016, pp. 179-212.
- SILVA, Regina Helena Alves da. “A favela não é uma exceção à regra. Ela é uma outra regra.”. **Revista da Laje**, Jun/2007. Ano 0 nº 1
- SEDGWICK, E. K. **A epistemologia do armário**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 28, p. 19–54, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794>. Acesso em: 5 nov. 2021.
- SPOSITO, Marília Pontes. **A sociabilidade juvenil e a rua**: novos conflitos e ação coletiva na cidade. Tempo Social. Rev. Sociol. USP, São Paulo, 5 (1-2):161-178, 1993.
- TAKAKURA, S. M. Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 3, n. 4, p. 97-124, 24 fev. 2017.

URRESTI, Marcelo. Adolescentes, Jóvenes y Socialización: Entre resistências, tensiones y emergências. *In*: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Mária. (Org). **Juventudes Contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Ed. PucMinas, 2011. p. 43-66.

WELLER, Vivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Revista Sociedade e Estado* – Volume 25 2 Maio / Agosto.2010

APÊNDICE A - QUESTÕES DO QUESTIONÁRIO

Questão 01 (Fechada): Como você se identifica?

Questão 02 (Fechada): Qual a sua orientação sexual?

Questão 03 (Aberta): Escolha um nome para você.

Questão 04 (Fechada): Qual a sua faixa de idade?

Questão 05 (Fechada): Qual a sua cor/etnia?

Questão 06 (Aberta): Qual a sua religião?

Questão 07 (Fechada): Qual a sua situação conjugal-afetiva?

Questão 08 (Fechada): Possui filhos?

Questão 09 (Fechada): Qual a situação de sua moradia?

Questão 10 (Aberta): Onde você nasceu? Foi em Belo Horizonte, Região Metropolitana de Belo Horizonte, Interior de Minas Gerais, outra capital do país, outro país?

Questão 11 (Fechada): Por que você mora nesta cidade?

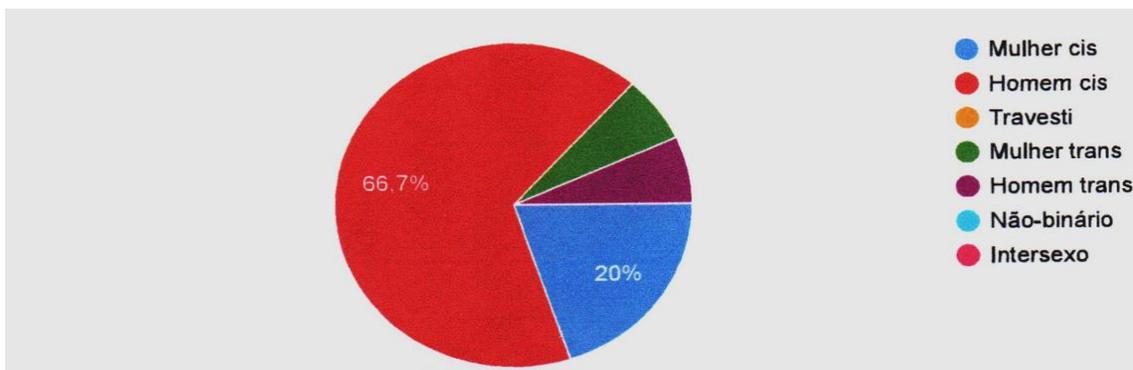
Questão 12 (Fechada): Identifique abaixo o seu nível de escolaridade.

Questão 13 (Fechada): Sobre sua inserção no mercado de trabalho, podemos dizer que:

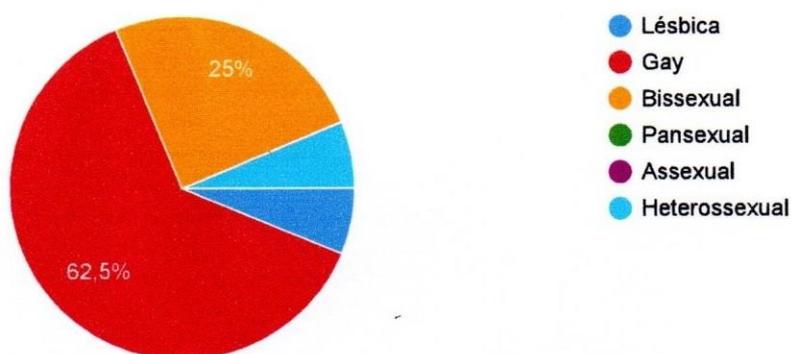
Questão 14 (Fechada): Qual a sua faixa salarial mensal?

APÊNDICE B - GRÁFICOS DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO

Questão 01 (Fechada): A primeira pergunta era a respeito da autoidentificação dos participantes. Obtivemos quinze respostas, sendo na sua maioria composta por homens cisgêneros, seguido de mulheres cisgêneros, uma mulher transexual e um homem transexual.



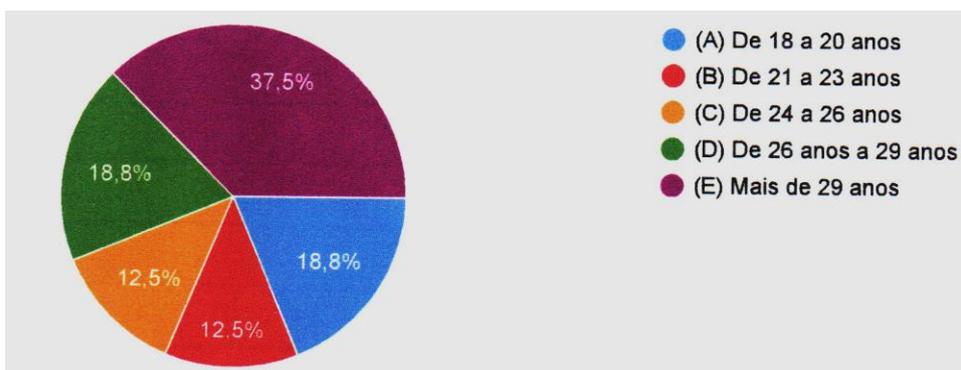
Questão 02 (Fechada): Já na segunda pergunta, é possível perceber que a maioria se identifica como gay, seguido de bissexuais, lésbicas e heterossexuais.



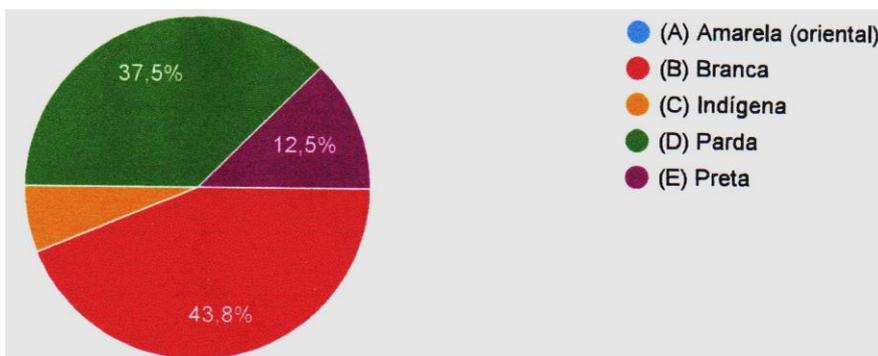
Questão 03 (Aberta): A terceira questão intitulada: “escolha um nome para você” foi respondida por 16 participantes. Nesta questão, tentamos tomar o devido cuidado, pois não sabíamos se iriam optar por utilizar os nomes registrados ou se iriam escolher outros nomes. Quase unanimemente, quinze participantes responderam com os nomes

registrados, sendo que das quinze respostas, um em especial colocou o nome registrado com acréscimo de um nome artístico e somente um se identificou como “Ele”.

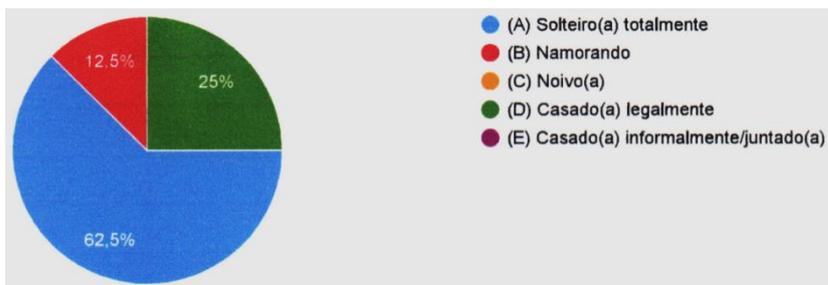
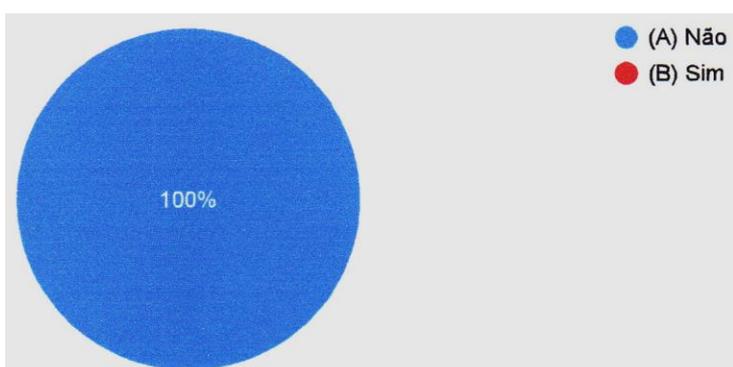
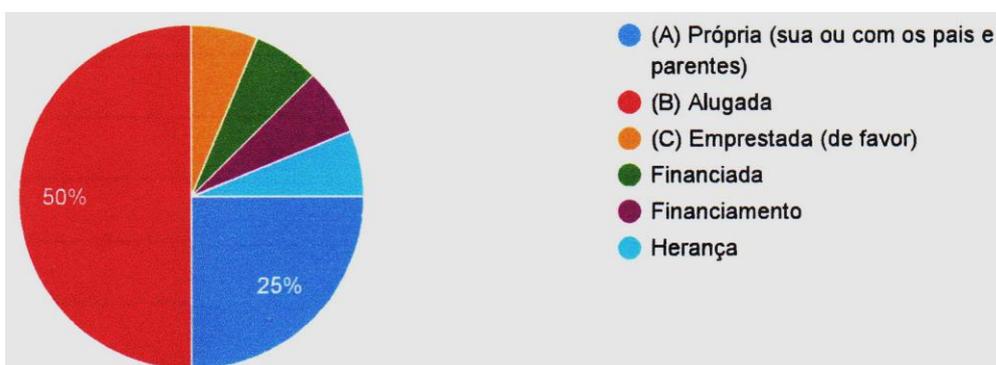
Questão 04 (Fechada): Nesta pergunta, também fomos surpreendidos, pois anteriormente havíamos comunicado aos participantes do grupo que esse estudo teria uma delimitação etária, ou seja, o questionário era para ser respondido por jovens que estivessem entre 18 e 29 anos. As maiorias das respostas foram dadas pelos adultos com mais de 29 anos.



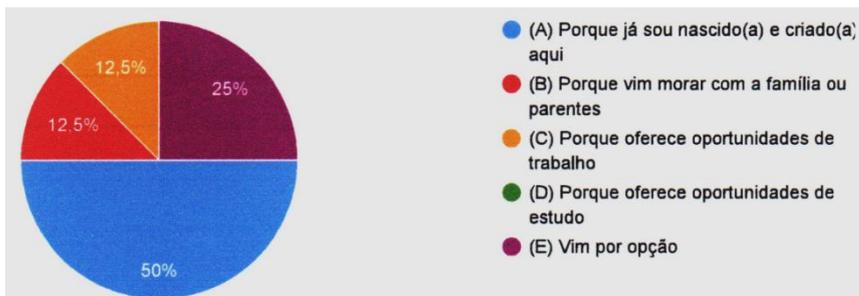
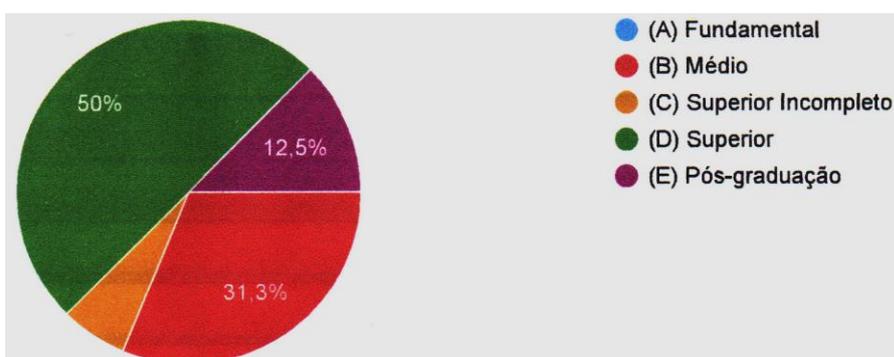
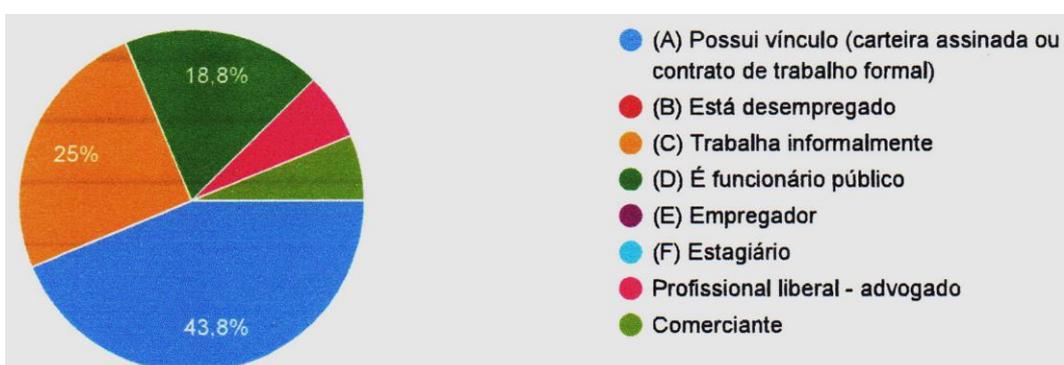
Questão 05 (Fechada):

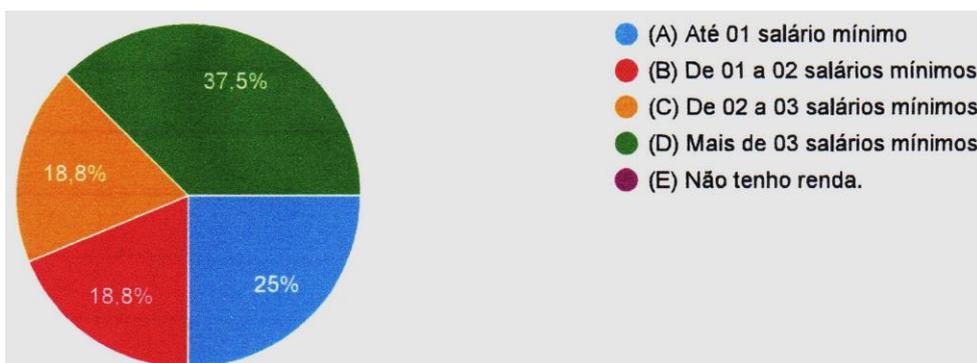


Questão 06 (Aberta): A pergunta de número seis aberta trazia: “qual a sua religião”? Foi respondida pelos 16 participantes e as respostas são as que seguem: “Católico; Ateu; Não possuo; Agnóstico; Cristã; Nenhuma; Candomblecista; Cristão; Sem religião; Não tenho religião; Não tenho religião; Ateia; Espírita Kardecista; Deus; Às vezes dos tambores, às vezes Cassiane e Aline Barros e as segundas Padre Marcelo Rossi...Agora vocês que lutem para definir isso aí; Umbanda.”

Questão 07 (Fechada):**Questão 08 (Fechada):****Questão 09 (Fechada):**

Questão 10 (Aberta): A pergunta de número 10 aberta era: “Onde você nasceu? Foi em Belo Horizonte, região metropolitana de Belo Horizonte, Interior de Minas Gerais, outra capital do país, outro país?” Pelas respostas, percebemos que os participantes são de várias regiões do estado e do país. O resultado aponta que há participantes de Contagem, de Belo Horizonte, interior do Rio de Janeiro, interior de Januária, Itinga e Santa Maria do Rio Grande do Sul.

Questão 11 (Fechada):**Questão 12 (Fechada):****Questão 13 (Fechada):****Questão 14 (Fechada):**



ANEXO A – PARECER DO COEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Jovens LGBT do Município de Belo Horizonte: resistência e empoderamento

Pesquisador: PEDRO TEIXEIRA CASTILHO

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 33846920.4.0000.5149

Instituição Proponente: Faculdade de Educação/UFMG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.350.021

Apresentação do Projeto:

Trata-se da pesquisa de mestrado, realizada pela pesquisadora Ana Paula Nascimento Braz Cardoso Geraldo, orientada pelo Prof. Dr. Pedro Castilho, da Faculdade de Educação da UFMG. Conforme descrito pelos pesquisadores, pretende-se "estudar as ações de empoderamento de jovens LGBT que frequentam o Cellos/MG, na faixa etária de 18 a 29 anos, enquanto sujeitos de transformação de sua realidade, e a utilização de oportunidades oferecidas pelos espaços formativos no Município de Belo Horizonte, diante das manifestações de ódio, intolerância, violências e discriminações a que são submetidos". A relevância social, bem como a adequação metodológica e mérito da pesquisa foi reconhecida pela Câmara Departamental da Faculdade de Educação da UFMG.

Serão utilizados métodos de pesquisa qualitativa baseada no método de pesquisa do tipo conversação proposto pelo psicanalista Jacques Allain-Miller. A conversação está prevista para ser realizada entre quatro e seis encontros do grupo de participantes com a pesquisadora. Cada encontro terá a duração de 60 minutos. O local, dia e horário para realização dos encontros será acordado com os participantes, mas é informado sobre a possibilidade de realizar no Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual - CELLOS, localizado no endereço: Avenida Afonso Pena, no 867, sala 2207, Edifício Acaiaca, Centro, Belo Horizonte/MG. Os participantes da pesquisa serão 10 jovens, entre 18 a 29 anos de idade; que se autorem conhecem e se autodeclaram LGBT – lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais e frequentam o Centro de Luta pela Livre Orientação

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005

Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901

UF: MG Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 4.350.021

Sexual - CELLOS/MG.

Para coleta dos dados serão utilizadas anotações do diário de campo da pesquisadores e conteúdo das conversações que serão gravados em áudio que serão, posteriormente, transcritas. Além disso, será utilizado um questionário sociocultural.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo primário, conforme descritos pelos pesquisadores, consiste em "estudar as ações de empoderamento de jovens LGBT que frequentam o Cellos/MG, na faixa etária de 18 a 29 anos, enquanto sujeitos de transformação de sua realidade, e a utilização de oportunidades oferecidas pelos espaços formativos no Município de Belo Horizonte, diante das manifestações de ódio, intolerância, violência e discriminações a que são submetidos". Especificamente, os pesquisadores relataram que pretendem: "Identificar jovens LGBT no Cellos/MG que, por meio de suas experiências educativas e formativas, conseguem resistir e viver diante do conjunto de exclusões a que são submetidos; investigar como os jovens LGBT se constroem como sujeitos de sua própria história para enfrentar o ódio, a intolerância, a violência e a discriminação; analisar quais são as principais oportunidades oferecidas pelos espaços formativos no Município de Belo Horizonte e utilizados pelos jovens LGBT e que contribuem para seu autoconhecimento e empoderamento desses jovens.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos incluem a possibilidade de constrangimento, desconforto ou vergonha ao responder ao questionário e expor opiniões durante as conversações. Os pesquisadores reconhecem que estes riscos podem decorrer das temáticas propostas pelo grupo e que pesquisadora que conduzirá o grupo estará atenta e buscará eliminá-los de forma a tentar com que o participante sinta-se confortável. Além disso, os pesquisadores asseguram a possibilidade de interrupção e desistência da participação como estratégia para reduzir os riscos. Foi declarado que em caso de os participantes sofrerem qualquer tipo de dano, previsto ou não, devido a participação na pesquisa, os pesquisadores assumirão a responsabilidade e se dispõem a acompanhar os participantes, se necessário, para a busca de atenção junto a atendimentos à saúde mental na Rede de saúde pública.

Os benefícios mencionados pelos pesquisadores consistem na possibilidade de aprender e refletir a partir da troca de saberes durante as conversações em grupo. Estes ganhos diretos são também identificados como relacionados a ganhos secundários uma vez que auxiliariam no combate aos preconceitos, intolerância e outros tipos de violência as quais podem estar expostos os participantes da pesquisa.

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad Si 2005
 Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE
 Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 4.350.021

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os pesquisadores atualizaram a documentação do projeto na plataforma Brasil e, na carta resposta, os pesquisadores esclarecem que atenderam ao solicitado em dois pareceres do COEP, o Parecer 4.245.333 e o 4.310.282. No último parecer do COEP, foi informado que alguns documentos anexados não se referiam ao projeto em análise, como o TALE, que não foi anexado nesta última documentação enviada pelos pesquisadores e que, portanto, não é foco da apreciação deste parecer. Cabe ainda observar que os pesquisadores não enviaram a anuência assinada pela Organização da Sociedade Civil Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual (CELLOS), solicitada pelo COEP, mas afirmaram na carta resposta que o fizeram.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram analisados para emissão deste parecer os seguintes documentos atualizados na plataforma Brasil:

- Carta resposta ao COEP na qual esclarecem e detalham como atenderam ao solicitado nos últimos pareceres do COEP.
- Documento de anuência assinado por responsável da Organização da Sociedade Civil Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual (CELLOS).
- TCLE revisado.
- Cronograma atualizado.

No TCLE revisado, os pesquisadores atendem a maior partes das pendências enumeradas nos pareceres anteriores. Contudo, algumas inadequações ainda precisam ser revistas e foram enumerados na sessão de pendências. No cronograma atualizado, observa-se que o trabalho de campo será realizado entre 05/01/2021 e 10/02/2021, deixando claro que a coleta ainda não foi iniciada.

Não foi localizado na Plataforma Brasil o documento assinado pela Organização da Sociedade Civil Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual (CELLOS) que os pesquisadores afirmam na carta resposta que foi anexado. Consta apenas arquivo com o modelo de anuência da instituição, datado de março/2020 e sem assinatura.

Recomendações:

- Atualizar a versão do projeto para que informações como o cronograma e número total de participantes seja modificada conforme os dados atuais inseridos na Plataforma Brasil.
- No texto do TCLE, cabe maior clareza na frase sobre os benefícios da pesquisa, com explicitação dos benefícios diretos. Os benefícios aparecem na seguinte frase, mas de forma pouco clara:

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005
 Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE
 Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 4.350.021

“Espera-se como resultado desse estudo a produção de um relatório de pesquisa com intuito de contribuir para o conhecimento científico a respeito das vivências e resistências de jovens LGBT possibilitando o seu autoconhecimento e empoderamento diante das manifestações de intolerância presentes na sociedade.”

- Permanece pendente o envio do documento de anuência da Organização da Sociedade Civil Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual (CELLOS) assinado pelo responsável.

- Necessário incluir os seguintes itens obrigatórios no TCLE:

- Informa sobre o procedimento de aplicação de questionário sociocultural, pois cita apenas a participação no procedimento de conversação.

- Explicitar o local onde serão armazenados os dados coletados, pois este local está descrito de forma genérica com os termos “em local seguro”.

Neste contexto de pandemia, para minimizar os riscos, pode-se optar por metodologia remota (ex: entrevistas virtuais), e obtenção do consentimento do TCLE por telefone ou outra via digital, resguardando o direito do participante de se ter uma cópia do TCLE (ex: por email). Se houver intenção de mudança de metodologia, deve ser submetida a alteração em nova emenda antes de ser iniciada.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando que:

- a) A CELLOS possui autonomia para autorizar a pesquisa em sua organização.
- b) O cronograma observará- a coleta de dados para que seja realizada após aprovação ética do CEP-UFMG.
- c) As alterações do TCLE solicitadas nas recomendações deste parecer serão realizadas pelo pesquisador.
- d) No processo de Consentimento Livre e Esclarecido será observado o resguardo de uma linguagem adequada ao entendimento, esclarecendo a metodologia ao participante.
- e) Neste contexto de pandemia, serão resguardados os cuidados sanitários para minimizar os riscos da COVID-19, conforme orientação da OMS e MS, nos encontros presenciais propostos.

Aprova-se o projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad Si 2005
 Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE
 Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 4.350.021

desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1504165.pdf	01/10/2020 15:35:48		Aceito
Solicitação registrada pelo CEP	CARTARESPOSTACOEP01102020.pdf	01/10/2020 15:33:53	PEDRO TEIXEIRA CASTILHO	Aceito
Outros	Cronograma14092020.pdf	01/10/2020 15:30:34	PEDRO TEIXEIRA CASTILHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE14092020.pdf	01/10/2020 15:27:35	PEDRO TEIXEIRA CASTILHO	Aceito
Outros	Carta_resposta_CEP.pdf	01/09/2020 10:59:08	PEDRO TEIXEIRA CASTILHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	01/09/2020 10:58:46	PEDRO TEIXEIRA CASTILHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	01/09/2020 10:58:33	PEDRO TEIXEIRA CASTILHO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO10062020.pdf	10/06/2020 14:18:58	PEDRO TEIXEIRA CASTILHO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODETALHADO.pdf	27/05/2020 22:04:57	PEDRO TEIXEIRA CASTILHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE27052020.pdf	27/05/2020 21:43:39	PEDRO TEIXEIRA CASTILHO	Aceito
Brochura Pesquisa	Projeto.pdf	18/03/2020 20:10:22	PEDRO TEIXEIRA CASTILHO	Aceito
Outros	Parecer.pdf	18/03/2020 20:09:00	PEDRO TEIXEIRA CASTILHO	Aceito
Outros	Roteiro.pdf	18/03/2020 20:08:16	PEDRO TEIXEIRA CASTILHO	Aceito
Outros	Questionario.pdf	18/03/2020 20:07:11	PEDRO TEIXEIRA CASTILHO	Aceito

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad Si 2005
 Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE
 Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 4.350.021

Outros	Anuencia.pdf	18/03/2020 20:05:03	PEDRO TEIXEIRA CASTILHO	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	18/03/2020 19:50:29	PEDRO TEIXEIRA CASTILHO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 20 de Outubro de 2020

Assinado por:
Crissia Carem Paiva Fontainha
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 8627 2º Ad SI 2005
Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
UF: MG Município: BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br